

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#15

350.
mil
MORTES

Necropolítica

“o poder[...]de ditar quem pode
viver e quem deve morrer,
[...]a capacidade de definir
quem importa e quem não importa,
quem é ‘descartável’ e quem não é”

Achille Mbembe

Art. 220 - Constituição brasileira de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

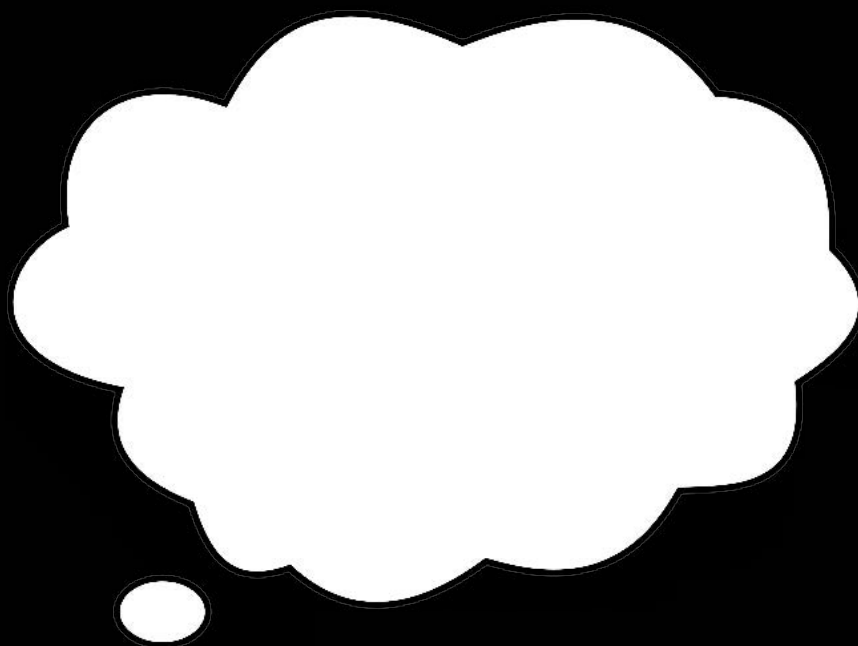
I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterà, sempre que necessário, advertência sobre os malefcios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade



**O PENSAMENTO É
LIVRE**

D=ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Around the World



#15

BRAZIL - 2021

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte

Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Jornalista: Aldo Moraes (0010993/PR)

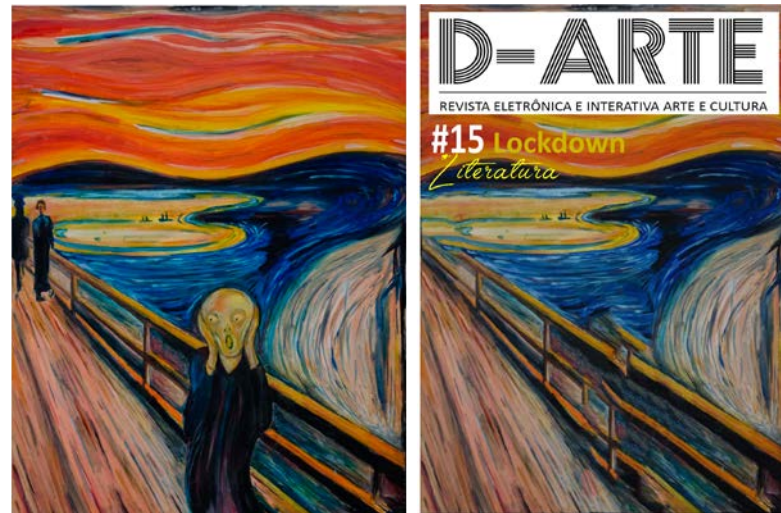
Site: dartelondrina.wordpress.com

Email: dartelondrina@gmail.com

Instagram: @dartelondrina

Saudações! Apresentamos nossa 15ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática, receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.



Realização



Wilson Inacio - Arte & Design

<https://wwidigital.wordpress.com/>



Ronilson Rony

www.ronilsonrony.com.br

Apoio cultural



BATAQUE
NA
CAIXA



Instituto Cultural Arte Brasil

<https://ongartebrasil.blogspot.com/>

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://dartelondrina.wordpress.com/>

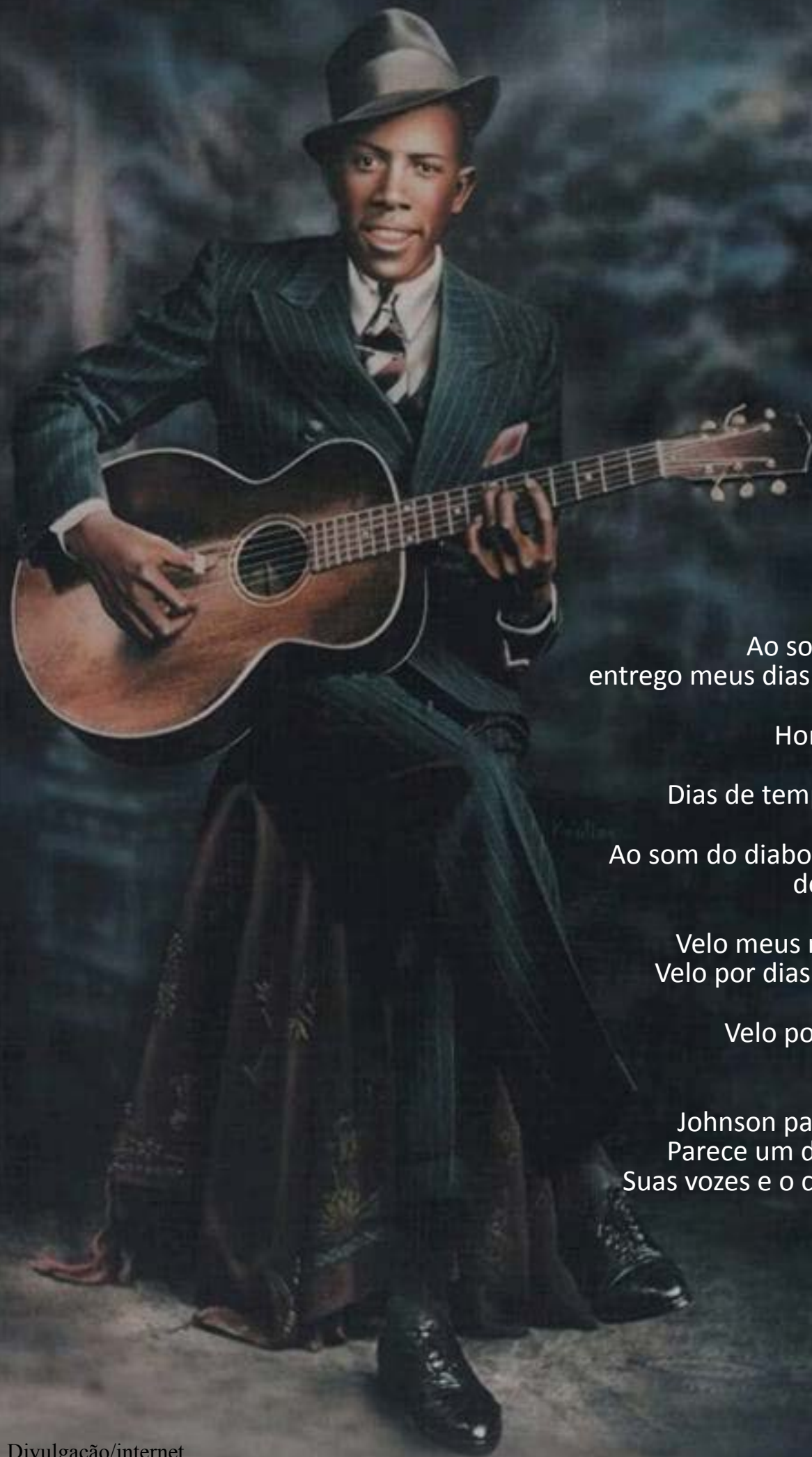
A sua colaboração é fundamental para continuarmos as nossas publicações de maneira gratuita e independente.

Quer colaborar com o nosso projeto?

FAZ UM PIX

**CHAVE:
CPF: 18462125880**





Ao som de Robert Johnson
entrego meus dias à solidão e ao tempo

Horas de tristeza e blues

Dias de tempestades e muito jazz

Ao som do diabo em cordas inquietas:
desespero e ansiedade

Velo meus mortos e seus sonhos
Velo por dias de sol e gente na rua

Velo por canções esquecidas
e pelo novo normal

Johnson parado em minha porta
Parece um deus com seus violões
Suas vozes e o choro triste em bemol

Aldo Moraes

Tirei minha máscara
Entre pingos
Pinga de gole em gole
A espera embriaga
A terra vira lama
Chuva vira lágrimas
A luz da vela acesa, vela a
saudade
Quanta correria
Parece correnteza
Não é o Rio Tietê
São as marginais entupidas
São os marginais da política
Não teve despedida, apenas
COVID-19 faz mais uma
vitima!
Era minha mãe!
Eu sou filho de Mulher,
guerreira e solteira
Me ensinou que toda cicatriz
tem história
Meus antepassados
Minha memória
Noites de açoites
Noites de fuga
Minha Rainha, minha mãe
A sua benção
Um gole pro santo e outra pra
dentro
Enquanto chove o perigo ronda
o barraco
Entre rios que descem o morro
A favela pode virar notícia esta
noite!
Quando não é catástrofe é
morte por bala perdida
Sempre seremos alvo, ou
estatística?
A notícia que quero para ontem:
Brasil vacina 100 % do povo
brasileiro
Independente de sua cor,
gênero, raça e credo!



Ilustração - Fabio Moraes

<https://youtube.com/channel/UCy-LtxbQQJWYFXOO33G4jkw>

Fábula de Luto

Era uma vez... num futuro não tão distante... quando findou-se a pademia, todos os sobreviventes se juntaram para uma grande celebração. Naquele momento mágico, entre festas, abraços, reencontros e sorrisos fáceis... esqueceram-se todas as diferenças, todas as mágoas foram superadas, todas as crenças igualadas, não se importava mais qual Deus estava presente, pois, aprenderam que celebrar a existência, em si, já é algo divino.

A raça humana reconheceu-se em puro átomo, em pura essência, num bailar de elétrons, irradiava uma energia jamais vista, jamais sentida, puro magnetismo. Pela primeira vez, tudo se encontrava em perfeita harmonia. As diferenças (todas elas) jamais fariam sentido a partir daquele momento.

Um momento sublime, onde a consciência finalmente foi retomada. Aos sobreviventes, restou somente a tarefa de que, toda vida deve ser poupada, pois, vale a pena cada respiro, suspiro, a cada sopro, a cada ar em movimento. Movimentou-se então um sentimento, um desejo de que estar próximo, do próximo, era se aproximar da preservação da própria espécie, pois, haviam sobrevivido. De onde surgiu essa fábula? Não faço a mínima ideia, mas... adoraria te encontrar por lá, confabulando novas histórias.

Wilson Inacio

POR DENTRO DA

LEI ALDIR BLANC

DE EMERGÊNCIA CULTURAL



CULTURA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A Revista D'arte continua repercutindo os desafios da cultura e da sociedade nestes dias de covid 19. Desde o início de 2020, a revista vem tratando do tema inclusive da Lei Aldir Blanc quando ainda era um projeto de lei e depois a chegada dos recursos aos municípios e estados e; finalmente os editais e o benefício aos artistas e coletivos. Nesta edição, o jornalista Aldo Moraes conversa com artistas e personalidades em várias partes do mundo e ouve as avaliações dos Deputados Goura, Luisa Canziani e Benedita da Silva e do Presidente da Funarte, Lamartine Barbosa Holanda.

No dia 31 de dezembro de 2020, além do anti-clímax de um reveillon sem grandes festas e convidados; os corredores das secretarias e fundações de cultura pelo Brasil viram um amontoado de documentos e notas para empenho afim de não perder-se o prazo de implementação da Lei Aldir Blanc. Essa fase final se deu após cadastro de artistas e grupos; abertura de editais e chamamentos públicos; seleção e divulgação. A fase do dia 31 foi de empenhos ou pagamentos aos selecionados.

Em edições anteriores da revista D'arte, conversamos sobre o assunto com artistas, gestores municipais de cultura e prefeitos de várias cidades brasileiras. Abordamos agora as duas pontas que unem os elos que foram a lei Aldir Blanc: de um lado os parlamentares federais que assinaram ou aprovaram (também os parlamentares estaduais que implementaram localmente a lei) e de outro os artistas beneficiados com os recursos de editais e auxílio cultural.



No Paraná, a mais jovem deputada federal da história Luisa Canziani destaca as dificuldades que o setor cultural está enfrentando e a sensibilidade do Congresso em criar a lei de socorro cultural. Luisa atua no campo da educação e em projetos que visem oportunidades de trabalho e capacitação para o jovem.

Sintonizada com as mudanças pelas quais o mundo passa, ela admite que muitas profissões do futuro nem existem ainda e enxerga que devemos enfrentar o desafio da pandemia para criar diálogo e oportunidade para a juventude brasileira.

Luisa Canziani/divulgação

Eleito vereador em 2016, o jovem paranaense Goura foi eleito Deputado Estadual no pleito de 2018 e tem uma história ligada ao ativismo cultural (o punk rock) e ao yoga. Tem pautas sobre meio ambiente, cultura, mobilidade urbana e qualidade de vida que despontam como uma esperança para o futuro da política. Goura também conversou com a revista e falou sobre pandemia e a Lei Aldir Blanc.



Goura/divulgação

Lamartine Barbosa Holanda, Presidente da Fundação Nacional de Arte também repercute as ações, editais emergenciais e a visão desta importante instituição pública brasileira sobre os efeitos da pandemia no setor de eventos e de produção cultural.



Lamartine Barbosa Holanda

Luiza Canziani; Goura e Lamartine Barbosa Holanda são entrevistados e cada uma das conversas está reproduzida nesta edição.



Benedita da Silva/divulgação

A Revista D'arte conversou com artistas pelo Brasil a respeito da pandemia, dos efeitos do isolamento social nas atividades culturais e na geração de renda. E também ouviu artistas, intelectuais e personalidades da Nigéria, Portugal, Rússia, Japão e Inglaterra sobre os mesmos temas e alguns conseguiram responder através de sua arte tamanha a aflição sobre o momento que o mundo atravessa. Por fim, a revista traz reflexões da Deputada Federal pelo Rio de Janeiro, Benedita da Silva; criadora da Lei Aldir Blanc e cuja história é intimamente ligada às lutas sociais e de anti-racismo.

As notícias e as transformações pelas quais o mundo atravessa mudam a todo momento. Assim, procuramos focar nos relatos e depoimentos e não em números. Uma coisa tem sido constante: a tristeza pela morte de centenas de milhares de pessoas no Brasil com suas vidas e sonhos ceifados de forma abrupta e terrível!

O escritor, editor e intelectual José Bivar nos relatou em janeiro deste ano: "Portugal está neste momento no top mundial das mortes e infectados por milhão de habitantes. As medidas de confinamento estão no máximo quanto a concentrações de pessoas. A ordem é ficar em casa, em teletrabalho quem pode, as escolas estão fechadas. Sem espetáculos muitos artistas viram se para atuações on line. Houve um grande incremento deste tipo de soluções para manter carreiras e resistir a neurose dos confinamentos obrigatórios. Penso que as soluções são iguais que no Brasil, criar produções on line.

Agora mesmo abrimos uma galeria/espço cultural em Faro e somos uma nova associação : Artistas de Algarve. Como não podemos usar o espaço com muito público, optamos por editar via *streaming* eventos, entrevistas a poetas e artistas. Podemos melhorar tecnicamente para melhor divulgar nossas ações e eventos. Ha muita gente a passar mal no mundo da cultura. O Ministério da Cultura tenta dar alguns apoios mas não chegam a todos e metem muita burocracia."

O português José Bivar é muito atuante no campo cultural e ficou muito entusiasmado com a Lei Aldir Blanc criada pelo Congresso Brasileiro. De tal forma, que pesquisou a lei cultural com o objetivo de debater entre os políticos e artistas daquele país.

O músico russo Artemiy Artemiev é renomado como autor de mais de 50 trilhas sonoras para filmes. O experimentador em sons eletrônicos e suas misturas com instrumentos acústicos nos fala que a situação na Rússia estaria sob controle mas com funcionamento dos comércios e serviços de modo controlado. Ao falar do Brasil, desejou um 2021 melhor para todos!

O produtor cultural, DJ, Rapper e músico Mc Rei que organiza o *Festival Hip Hopé Vermelho* nos fala de sua visão sobre tudo que está acontecendo: “Que tristeza pra nós amantes da música, da dança, em fim, da Cultura em geral; acordar todos os dias com notícias trágicas sobre a morte de nossos amigos, pessoas do seu convívio, pessoas que cantaram com vc, pessoas que dançaram a sua música...por um outro lado fazedores de Cultura implorando trabalho, tentando sobreviver da sua arte, fazendo campanhas, vendendo seus instrumentos para pagar aluguel, etc. A nossa esperança é que a lei Aldir Blanc seja prorrogada e ampliada para pelo menos aliviar em parte o sofrimento dos trabalhadores das artes.”

O poeta inglês Mark Williams e o brasileiro Edweine Loureiro (radicado no Japão) decidiram falar com a revista por meio de seus versos:

Up on the hill – come Rio sun

gazing below I wonder ...
why
the Rio sun only shines
over there -
on the people
on the beach
driving
expensive cars?
Looking
like kings,
eating
like kings -
the rays warm their aspirations.

Has the sun
forgotten
her other children
huddled
inside make shift homes,
seeking
hope
amongst the neglect?

Journey north
dear sun
away from Ipanema.
Journey up
the hillside,
to Rocinha.
Ignite
the dreams
that live
under darkness
on cliffs
overlooking the rich.

Take care dear sun
and forgive
stained hearts
whose desire
makes them
kill
their own.

Allow them to see
hope as a book -
not a knife
not a gun.

I offer
dear sun
all I have -
all I have
a home made feijoada
a soothing Bossa Nova.
Come Rio sun -
your children need you.
Hear their calls
dear sun
hear their calls.

Mark Williams

HAICAI

darkness exists
and yet in the children
there is - sunlight !

Mark Williams

PAZ NA TERRA

Na Líbia, Tunísia e Egito,
Ouvem-se os gritos
Contra a opressão.

E as lágrimas
Dos aflitos,
Na Somália
E no Japão.

Treme a terra,
Eclodem as guerras...
E, em meio a preces,
O homem,
Com fome,
Tenta ver o futuro.

Mas tudo lhe parece
Tão escuro.

Deus,
Onde escondeste o futuro?

Edweine Loureiro

Afeto correspondido
com amor e gratidão
faz do mundo, tão ferido,
um lugar de comunhão

(trova de Edweine Loureiro)

O príncipe nigeriano e ativista cultural Otumba Adekunle Aderonmu nos conta que a população daquele país tem seguido as normas orientadas pelo governo mas dentro de possibilidades restritas pois, há famílias com 20 membros e ainda tem a questão social que envolvem fome e pobreza o que prejudica um total isolamento como recomendam as autoridades de saúde.

A baixa imunidade também é um desafio sanitário que não é mais agravado pelo alto índice de vitamina D entre o povo africano. Otumba desenvolve relações culturais com países da Europa e América Latina, inclusive com um Centro Cultural sediado em São Paulo. As atividades e viagens estão paradas e o príncipe se dedica a contribuir para socorrer a população da Nigéria.

Os reflexos da pandemia se fazem presentes em eventos importantes e, com grande força simbólica como a *Mostra Afro Brasileira Palmares* realizada em Londrina e acelerou processos virtuais como a mostra online e digitalização do acervo de 35 anos para constituir um museu na internet.

Vagner Nogueira, presidente do IMECAB que organiza a Mostra, nos conta que “ Em 2020, o IMECAB (Instituto do Movimento de Estudos da Cultura Afro-Brasileira) apresentou a 35ª edição da Mostra Afro Brasileira Palmares Londrina. Devido a pandemia do Covid-19, houve restrições para evitar a proliferação do vírus, como a exposição virtual em substituição da física. Isso não impediu sua realização, mas a atualizou, reinventou e lhe ressignificou no atual contexto histórico e social.

Ao se tornar virtual, a *Mostra Afro Brasileira Palmares Londrina* ganha a magnitude de museus como o Louvre (Paris), MASP (São Paulo) ou de Van Gogh (Holanda), que permitem a apreciação virtual devido a amplitude gerada pela internet. É raro o museu ou galeria de arte que não possui acervo virtual e, os artistas Ká Costa, Agenor Evangelista, Jajá Belluco, o Coletivo Capstyle, José Frutuoso, André Severino e José Marques (esses dois últimos inéditos na mostra), terão a honra de expor a beleza de seus trabalhos e a promover a igualdade racial ao mundo, via internet. Além disso, os trabalhos não estarão restritos ao período da mostra, mas permanente e constante, algo permitido no espaço virtual.

A *Mostra Afro Brasileira Palmares Londrina* inova ao permitir e dar alicerce ao desenvolvimento da igualdade racial via arte, debates e material virtual que atinge grupos sociais que não tem a oportunidade de ir a um salão de artes ou museu, mas que pesquisam o tema na internet. Além do mais, o trabalho do IMECAB e da *Mostra Afro Brasileira Palmares Londrina* vem de encontro com a lei federal 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, além de ressaltar a importância de ambas na formação da sociedade brasileira.”

ENTREVISTAS

Lamartine Barbosa Holanda/Presidente da Funarte

a) Olá Presidente Lamartine Barbosa Holanda, obrigado pela gentileza de conceder a entrevista. É uma honra falar com você através da revista D’arte. Por favor fale um pouco de sua trajetória profissional

A alegria e a honra são todas nossas. É de extrema importância falar do nosso trabalho, falar das artes, nestes tempos tão difíceis – muito especialmente, para todos os artistas. Minha vida sempre esteve ligada à arte. Desde muito cedo fui atravessado pelo cinema, pelas histórias e pela magia de encantos da Sétima Arte; pela música, pelo teatro e pelo circo. E, na juventude e já adulto, na minha carreira no Exército Brasileiro, não foi muito diferente. Como oficial, sempre estive próximo das ações sociais que envolveram atividades artísticas, da música, da dança, do teatro e das artes visuais. Nos últimos anos, antes de assumir a presidência da Fundação Nacional de Artes, desenvolvi projetos como cineasta, à frente de roteiros e produções de obras de ficção e documentários – inclusive, em parcerias internacionais.

b) Quais os desafios enfrentados na Funarte neste período de pandemia?

Os desafios são enormes. Os artistas foram os primeiros a parar. E, certamente, serão os últimos a voltar à cena. A Funarte acaba de completar 45 anos. Ao longo da última década, sofreu enorme perda de seu quadro funcional, com menos recursos financeiros e degradação de seus equipamentos culturais. Estamos trabalhando muito para recuperar e potencializar nossos valores; revisando procedimentos administrativos e operacionais; revendo tarefas e funções, para fazer mais. Mesmo na pandemia, inauguramos um novo espaço em Minas Gerais: a Casa Funarte Liberdade, um equipamento estratégico, com galeria e anfiteatro, para a modernização de nossas ações. Em São Paulo, iniciamos uma série de tratativas pela



construção de parcerias com municípios vizinhos à capital. Estamos avançando num diálogo franco e aberto com prefeitos, secretários e parlamentares que, como nós da Funarte, estão dispostos a trabalhar para um só Brasil. Para uma só população. O que fazemos é Política de Estado. Outra ação absolutamente relevante, que está avançando, apesar da pandemia, é a descentralização. Logo que assumi, no final de setembro do ano passado, buscamos parcerias com agentes importantes do Norte do Nordeste e do Sul. Estamos encontrando um apoio enorme de universidades e institutos técnicos federais dessas importantes regiões brasileiras, fortalecendo a Cultura, sob a gestão do secretário especial da Cultura, Mario Frias.

c) Quais as perspectivas da sua gestão para 2021?

Melhor aproveitamento de nossos recursos humanos e financeiros. Nossa dedicação é pelo respeito ainda maior com os recursos públicos, com os artistas e suas plateias de todo o Brasil. Queremos uma Funarte descentralizada, muito além dos editais. Queremos uma fundação ainda mais dedicada ao acesso, à formação e à promoção e preservação da memória da arte brasileira. Alinhados com o secretário Mario Frias, estamos trabalhando muito para que nossas linguagens sejam fortalecidas. Queremos o circo, a dança, o teatro, a música, as artes visuais e digitais, assim como os “games” e sua cadeia produtiva; todo o sistema da cultura, devidamente potencializado, de Norte a Sul do Brasil. E não estamos poupando esforços para isso.

d) A Funarte abriu vários editais que foram fundamentais para a cultura e os artistas em 2020. Você pode destacar o retorno que tem recebido de gestores, artistas e produtores culturais neste momento em que os benefícios destes incentivos estão chegando ou já chegaram ao destino proposto?

Todas as dificuldades de 2020 ainda afetam 2021. Em 2020, todos os indicativos e contexto, em função da necessidade de recursos ao auxílio emergencial para os brasileiros em situação ainda mais delicada, sugeriam a cultura, também, duramente atingida. Atento às agruras dos artistas, o Governo Federal agiu rápido nos encaminhamentos da Lei Aldir Blanc e na prorrogação do prazo para a sua execução. Na Funarte, reunimos esforços para aproveitar cada centavo de nosso orçamento voltado para a classe artística – ainda que enfrentássemos alguma dificuldade para o cumprimento dos prazos de pagamentos aos artistas

contemplados. Ainda mais com o número recorde de inscrições vindas de todas as regiões do Brasil – foram mais de dez mil inscritos, apenas nos editais RespirArte e Arte em Toda Parte. Entretanto, conseguimos garantir o recurso para que todos os prêmios sejam pagos. O retorno tem sido o melhor possível. Por meio dos editais, contribuimos com a realização de centenas de produções e garantimos programação de excelente qualidade para exposições em 2020 e 2021.

e) Além de jornalista, atuou à frente do Instituto Cultural Arte Brasil com ações em vários estados do Brasil. Estamos, por exemplo, no interior do Sergipe que pela primeira vez está recebendo apoio Federal através da Lei Aldir Blanc e do edital de bandas da Funarte. Vimos que o Senhor tem dado atenção e visitado municípios do interior com o objetivo de valorizar suas culturas. Que mensagem pode deixar a estes municípios?

Nossa mensagem é de esperança. Tudo isso vai passar. E vamos sair fortalecidos desse enorme pesadelo. Os acessos – e a falta deles – à Lei Aldir Blanc nos apontaram localidades mais bem preparadas, assim como outras, com maior carência de agentes culturais. Isso nos indica alguns caminhos que precisam ser trilhados. Especialmente, quanto à urgência de ações de capacitação pelo interior do Brasil. Saliento que conheço todo o nosso Brasil, de norte a sul, de leste a oeste, em decorrência do tempo em que passei nas Forças Armadas. Cada região do Brasil tem suas particularidades e a economia criativa nas artes deve ser estimulada, gerando emprego e renda. Já estamos trabalhando, por meio de parcerias com o Sistema S – Sesc e Sebrae, especialmente –, para ampliar consideravelmente a representação da Fundação Nacional de Artes Brasil adentro. Nós estaremos juntos.



Benedita da Silva/Deputada Federal(RJ)

Aos 79 anos, Benedita da Silva é carioca. Filha da lavadeira Maria da Conceição Sousa da Silva, e do pedreiro e lavador de carro José Tobias da Silva. Vereadora, Secretária de Assistência Social do Estado do Rio; Ministra de Assistência Social do Brasil; Vice-Governadora e depois Governadora do Rio de Janeiro; Senadora (a primeira senadora negra do país) e atualmente Deputada Federal.

Suas lutas nas questões feministas, anti-racismo e sociais são amplamente reconhecidas. Benedita da Silva foi autora da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc no contexto da pandemia da covid 19 no Brasil.

a) Olá Deputada Benedita da Silva é uma enorme satisfação conversar com a senhora. Deputada sua história de vida e suas lutas sociais constituem verdadeira inspiração para os brasileiros. Como está sendo seu mandato e as ações durante a pandemia?

Bom dia, é uma satisfação também estar com vocês. Historicamente dediquei o meu trabalho para a ocupação de espaços na construção das políticas afirmativas. Nas diversas funções que ocupei como parlamentar, sendo vereadora, senadora e deputada federal, e como governadora e ministra, fomos consolidando instrumentos em políticas públicas de igualdade de direitos e oportunidades, principalmente ações de antirracismo. A pandemia, nos apresentou muitos desafios, mesmo tendo estrutura de avanços na ciência e tecnologia e tendo o SUS, lidamos com a desestruturação das instituições brasileiras, o que ocasionou nesse cenário de tragédia no país. Temos defendido condições de saúde, vacina para todos os brasileiros e brasileiras, mas o legislativo tem seus limites e mesmo pressionando o Governo Federal, sabemos que sem vacina não há como vencer essa situação e para isso precisamos da força e manifesto de todos e todas, o povo brasileiro precisa de vacina e logo. Não há economia, serviços, educação nada que possa ser normalizado sem termos vacina.

b) Como foi a articulação, aprovação e os desdobramentos da Lei Aldir Blanc?

Eu sempre digo que a Lei Aldir Blanc (LAB), foi a consolidação no legislativo do pedido de socorro que o setor cultural fez e assim nós formatamos a lei. Havíamos trabalhado na construção de uma ação colegiada na Comissão de Cultura em 2019, quando estive na Presidência, ali fundamos o “Partido da Cultura”, pois já estava posta a “Guerra cultural”, em diversas publicações e na criminalização das políticas de fomento e do papel da arte e do artista. Ações concretizadas através de censura e de cancelamento de editais, além da alteração da estrutura administrativa da pasta da cultura, sem justificativa legal. Importante reafirmarmos o papel da cultura, quando não abrange somente o status de entretenimento, mas de herança, história, identidade, economia, trabalho e desenvolvimento social. O setor cultural, conforme os últimos dados de 2019 do IBGE e da FGV, abrange mais de 10 milhões de profissionais, mais de 130 mil empresas e mais de 68 ocupações diferenciadas de profissões, além de compor mais de 2,6% da receita do PIB (produto interno bruto). Garantir condições de sobreviver e manter seus negócios é função do estado. Diversos outros setores foram beneficiados, inclusive os Bancos privados, como não atender de forma emergencial um setor que pela sua natureza proporciona aglomeração, encontros, que envolve público e plateias. O papel do produtor e do gestor cultural é de garantir segurança ao público e aos profissionais que prestam serviços e por essa razão foi fundamental, tanto a união do parlamento como do setor cultural e da sociedade civil, para aprovação da Lei 14.017/2020 (LAB), de minha autoria e demais parlamentares. Em pleno desemprego, a LAB, movimentou 870 mil postos de trabalho em 2020, mesmo como medida emergencial. A luta pela prorrogação da Lei Aldir Blanc ainda não acabou, estamos atentos e em negociação para que

seja resolvido logo essa questão, e que os recursos já destinados e em caixa nos Estados, Municípios e Distrito Federal, possam ser remanejados e utilizados para atender o setor, e que os gestores tenham condições legais e transparentes para esse processo.

c) Sou Presidente do Instituto Cultural Arte Brasil com atuação em cidades do interior nos estados de São Paulo, Sergipe e Paraná. Como a Deputada vê a chegada de recursos e apoio cultural da Lei Aldir Blanc para os artistas dos mais distantes e menores municípios do Brasil?

A Lei Aldir Blanc, foi elaborada a partir de políticas públicas vigentes, como o Sistema Nacional de Cultura, que propõe a gestão cultural de forma equânime entre Estados, Municípios e Distrito federal, com atuação de forma colaborativa. O objetivo é o de atender a todos e todas que compõe o setor cultural, mas sabemos também das dificuldades de gestão, a primeira diante de uma pandemia, a segunda sem um ministério da cultura e um plano nacional na cultura que possibilitasse construir uma ação justa e emergencial. O que vimos foram muitas dificuldades na implementação. O mais importante é que a cultura se tornou um tema central em todo o país, e trouxe à tona a importância de termos planejamento e políticas públicas que possam atender os anseios da população e neste caso do setor de trabalho da cultura.

d) Quais as perspectivas para sua atuação em 2021?

Diante do cenário que temos, com o agravamento da pandemia, a ausência de um plano nacional de controle do vírus e sem vacina, seguimos na luta pelas condições justas e possíveis para defender a população. A pandemia nos trouxe novos desafios e velhos conhecidos do povo brasileiro, como, a desigualdade a fome, a miséria, o desemprego e o racismo institucional. As mortes se agravam pela pandemia, as condições de saúde somado a dados e estatísticas, nos subsidiam para atender as demandas sociais. Estamos trabalhando para possibilitar condições dignas de sobrevivência, saúde e a garantia da vacina para todo o povo brasileiro, essa é a prioridade, nesse momento.

O público da Revista D’arte se espalha pelo Brasil, países latino-americanos e Europa. Por favor deixe uma palavra da Deputada, mulher e negra Benedita da Silva aos nossos leitores. Obrigado! Como mulher negra, da favela, assistente social e parlamentar convido vocês a se somarem em nossa campanha de conscientização por uma sociedade mais justa e igualitária. Defender diariamente o antirracismo e os direitos humanos, com acesso à meios dignos de tratamento, igualdade e justiça social, é uma missão que cabe a todos nós brasileiros e brasileiras. Fiquem em casa, se cuidem e cuidem de quem vocês amam.

Obrigada!

Goura/Deputado Estadual pelo Paraná

Mestre em filosofia (UFPR), professor de yoga, de sânscrito e cicloativista, Goura foi quem deu início a famosa pedalada em Curitiba há mais de 15 anos. Primeiro com o ativismo nas ruas, depois com um dos mandatos mais combativos da Câmara Municipal de Curitiba (2017-2018) e hoje como deputado estadual (PDT) na Assembleia Legislativa do Paraná, o parlamentar conversa com a Revista e fala de suas relações com a cultura, o meio ambiente, mobilidade urbana e saúde mental.

a) Deputado Goura obrigado pela atenção e quero te cumprimentar pela trajetória ligada as questões humanas e a interlocução com o yoga, a cultura, a mobilidade urbana e o meio ambiente.

Eu tenho 41 anos, nasci em Curitiba e desde os 16 anos me interessei pela cultura do yoga, da meditação e do auto conhecimento. Isso me levou a buscar a tradição da cultura antiga da Índia nas tradições budistas e hinduístas. Aos 18 anos, viajei para a Índia como Jorge Brandt e voltei como Goura Nataraj, que é o nome de Krishna. Fui iniciado no yoga no caminho dos devotos de Krishna. Voltando ao Brasil, comecei a cursar a graduação de Filosofia na Universidade Federal do Paraná onde também fiz o mestrado. Eu sempre tive em paralelo, o envolvimento com a cena musical independente de hard core, punk rock. Uma cena muito politizada, uma juventude muito marcante. Eu cresci nestes dois eco-sistemas: a meditação com a cena vibrante do rock, foram dois caminhos complementares onde busquei um ativismo político sem deixar de lado a mudança interna. Em 2004, 2005 eu reencontrei alguns amigos da adolescência que tinham um coletivo de artes, o Interlux que promovia intervenções urbanas, discutindo o grafite, lambe lambe... e eu entrei neste coletivo onde atuei até 2010. O processo se ampliou e chegamos ao termo jardinagem libertária com uma visão mais ampla da intervenção urbana. Por exemplo: além da atuação no meio urbano por meio de uma escultura ou grafite, você pensar na ocupação de um terreno baldio para transformá-lo numa horta. Junto com essa discussão, veio a discussão do espaço público e em seguida a discussão da bicicleta como meio de transporte. Descobrir a cidade para além da cartografia formal sendo a bicicleta como um meio para discutir a cidade como o trânsito hostil que desprestigia o pedestre e o ciclista. E começamos a agir politicamente colocando a bicicleta a frente destas ações com crítica cultural e libertária como foi o caso das pedaladas. O sucesso na minha opinião se deveu ao casamento entre arte e política e começamos a ser escutados pelo poder público em Curitiba. Em 2007, criamos o mês da bicicleta e que em 2012, virou uma Lei Estadual no Paraná, por sugestão nossa. O que ocorreu com o passar do tempo foi que vimos a necessidade de uma articulação maior para que frutos políticos pudessem



ser concretizados e o movimento até então anarquista ganhou um braço institucional: a Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu, onde fui coordenador por 4 anos. Fizemos em 2014, fizemos a terceira edição do Fórum Mundial da bicicleta e em 2014, fui convencido pela primeira vez a concorrer a um cargo eletivo. Não bastava convencer os políticos, um de nós podia ser político e lutar pelas causas ocupando a política. Fiz mais de 13 mil votos como candidato a Deputado Estadual. Não me elegi mas dois anos depois me elegi vereador e aprovei a prática da agricultura urbana em Curitiba. Em 2018, fui o único vereador candidato e me elegi Deputado Estadual pelo PDT. Em 2020, fui o segundo colocado como candidato a Prefeito de Curitiba.

b) Goura, como estabelecer uma discussão desse parametro cultural com os políticos tradicionais que não tem uma visão sobre essa intervenção política inovadora?

Bem, desde a Grécia Antiga no a sociedade tem esse processo dialético de tese, antíteses e sínteses. E a gente caminha dessa forma. E não tem como fugir desse conflito de um mundo novo que quer nascer e o mundo antigo que quer se manter. Minhas eleições representam uma oxigenação com uma agenda antenada com a sustentabilidade e a valorização de

temas não muito reconhecidos pelo mainstream da política. Por isso, o mote de ocupar a política. Penso na micro política (sua visão, suas atitudes individuais, sua liberdade) e a macro política que é sua inserção na sociedade e na democracia. A macro política pode potencializar a micro política e vice versa. Não tem uma fórmula pronta mas vejo com bons olhos a sintonia de mandatos como o vereador Marquito fazendo um excelente trabalho em Florianópolis; a eleição da Marielle Franco no Rio; em Recife o vereador Ivan Morais. Mas isso precisa crescer como precisa crescer a participação da mulher e do negro na política.

c) Como você vê o momento atual da pandemia no Paraná (final de fevereiro)?

Bom Aldo, os índices são muito preocupantes com o fortalecimento do contágio, os hospitais lotados e os leitos com quase 100% de ocupação. A gente vê que aquilo que foi negado (a desvalorização da ciência, da vacina, do SUS), agora está vindo a fatura. Há a questão sanitária mas também a ausência de ações efetivas para garantir um alívio econômico às pessoas que perderam sua fonte de renda. As ações ainda são muito tímidas tanto no Governo Federal quanto do Governo do Paraná.

No campo da cultura, a gente vê desde o início do governo Ratinho Junior uma desvalorização do setor a começar quando ele rebaixa a secretaria a uma superintendência ligada a secretaria de comunicação. Um equívoco misturar as políticas públicas de formação cultural e de artes a comunicação do Estado. Sem falar da desvalorização da ciência e dos pesquisadores e os retrocessos nas questões da educação e do meio

ambiente.

e) Como o Deputado viu a criação e implementação da Lei Aldir Blanc?

Destaco a mobilização dos artistas e dos fazedores de cultura, inclusive os técnicos de cultura em geral. A Lei Aldir Blanc é muito importante mas carece do sentido de urgência pois quem precisa neste momento de pandemia não pode esperar. Vivemos uma crise sanitária aliada a uma crise política. Deveríamos estar caminhando para uma mudança de paradigma, uma reflexão profunda, uma reinvenção. Podemos crescer e buscar melhoras como indivíduos e como sociedade. Infelizmente não vemos isso. No campo da cultura, penso num plano emergencial da cultura para pandemia e pós pandemia. Os desafios virão e será cada vez mais inevitável a dependência global em energia, alimentos e mesmo protocolos de saúde. E que vão exigir resiliência e políticas públicas que precisam chegar com rapidez a quem mais precisa.

f) Deputado Goura fique à vontade para deixar um recado ao público da Revista D'arte:

Reafirmo meu papel como representante do povo e convido a todos para que participem do nosso mandato. Precisamos de uma visão estratégica para o que queremos contruir para nós e para as novas gerações. A realidade é um processo em construção e todos temos condições de construir a nova realidade, com mais justiça, igualdade e vanguarda ambiental. Nesse processo, precisamos da política, não podemos desqualificar a política. A política é um instrumento para transformar a realidade.

Luisa Canziani/Deputada Federal (PR)

Luísa dos Santos Silveira nasceu em Londrina, em 1996. É formada, desde 2019, em bacharel em direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, campus de Londrina.

Em sua primeira disputa eleitoral, aos 22 anos, foi eleita com 90 mil votos deputada federal, tornando-se a congressista mais jovem do Brasil. Na Câmara dos Deputados integra a Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher; e a Comissão de Educação.

Venceu a categoria especial “Defesa da Educação” do Prêmio Congresso em Foco 2020, segundo escolha do júri especializado.

a) Olá Deputada Luisa Canziani, você como a parlamentar federal mais jovem do Brasil pode situar como foi sua chegada ao Congresso?

Primeiro agradeço o convite de fazer parte da matéria sobre a cultura e o momento da pandemia. Fui eleita pelo Paraná em 2018 com mais de 90 mil votos e sou a Deputada mais jovem da história do



país. Quando você chega na Câmara nos deparamos com várias pautas, comissões, frentes parlamentares. E diante disso, optei por dar um foco no mandato. Eu me propus a trabalhar pela educação, o principal mecanismo de transformação do Brasil e também me veio a perspectiva de lutar pela inovação.

b) No contexto da pandemia, surgiram as discussões para o socorro emergencial da cultural e chegou-se à Lei Aldir Blanc e foi o que salvou o trabalhador da cultura em 2020. Como a Deputada ve o impacto da covid 19 na vida política e social do Brasil?

2020 foi um ano complexo e diferente e realmente a cultura pelas relações de inter pessoalidade e troca de experiências sofreu muito com as restrições. Senti uma enorme comoção na Câmara e no Senado durante as discussões e aprovação da Lei Aldir Blanc e isso mobilizou todos os setores ideológicos em Brasília. Foi um movimento muito importante e que mostrou o quanto o setor cultural abarca inovação, educação, saúde pública produzindo seres pensantes e que refletem sobre todas as questões sociais.

c) Os recursos normalmente concentrados foram descentralizados por meio da Lei Aldir Blanc chegando aos mais distantes municípios.

Quero primeiro reconhecer o esforço dos artistas nesse período que tiveram as atividades paradas. E o meio cultural está se renovando a partir desses desafios e ativando circuitos através dos eventos online. O início da vacinação é uma esperança para que todos possam retomar.

d) Fale das perspectivas do mandato para este ano:

Obrigado pela atenção e nosso gabinete está aberto para sugestão de pautas. Este será um ano desafiador com a aprovação de várias reformas necessárias e importantes. Precisamos mais que nunca preparar os jovens para o mercado de trabalho, são 30% de jovens desempregados no Brasil e sem perspectivas e angustiados. Há profissões que ainda nem surgiram ou não foram reconhecidas e que nossos jovens precisam ser direcionados. Obrigado à revista D'arte.

Aldo Moraes (0010993/PR)

Reportagem dedicada a cada um dos brasileiros mortos, com seus sonhos ceifados, nesta pandemia.

*contribuíram nas gravações das entrevistas Jéssica Ramos e Italo Jonathas

Links:

<http://www.electroshock.ru/eng/artemiy/index.html>

https://www.jornalaldrava.com.br/pag_sbpa_edweine.htm#:~:text=Edweine%20Loureiro%20nasceu%20em%20Manaus,dos%20livros%20Sonhador%20Sim%20Senhor!

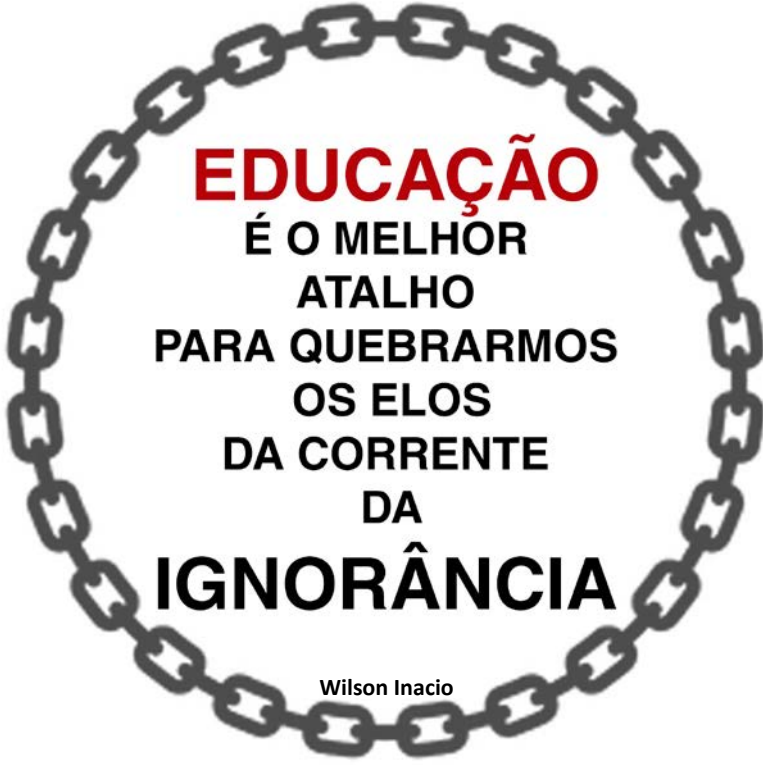
<https://edweineloureiro.wordpress.com/>

<https://rumoaonossosul.blogs.sapo.pt/tag/josefa+lima+-+poesia>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Bivar

<https://centroculturalafricano.com.br/invention-of-advance-technology/>

<https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=65328>



EDUCAÇÃO
É O MELHOR
ATALHO
PARA QUEBRARMOS
OS ELOS
DA CORRENTE
DA
IGNORÂNCIA

Wilson Inacio

DIGA NÃO
À TRIBUTAÇÃO DE
DE LIVROS

D=ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

A história de Alceu Valença contada em quadrinhos



Divulgação

“Toda arte é regional. Ela é um produto do meio em que o artista vive”



“Em dias de descansar; Mas você pode acreditar; Que eu tenho quarenta irmãos; Todos precisam do pão; E eu sozinho a trabalhar”. O trecho da música Edipiana Nº1 é uma das passagens de uma entrevista deliciosa de André Valença com seu tio Alceu Valença. Lançada pela Revista Continente no final de julho, a conversa virou uma história em quadrinhos inédita sobre a carreira do músico pernambucano. A HQ Alceu Valença em colcha de retalhos é do ilustrador Celso Hartkopf, que retrata a forma solta de emendada que Alceu tem de contar histórias. O papo começa com André sugerindo que o tio conte sua vivência em Paris, no fim dos anos 1970. Na época, com a ditadura

a todo vapor no Brasil, ele começa a montar o álbum Saudade de Pernambuco, lançado em 1979. Acontece que Alceu mistura um assunto no outro e acaba contando outras boas histórias, mas sobre o início da carreira. “Pra contar a história da França, tem que contar primeiro a do Vivo!”, e segue vasculhando pela memória atrás de lembranças da época.

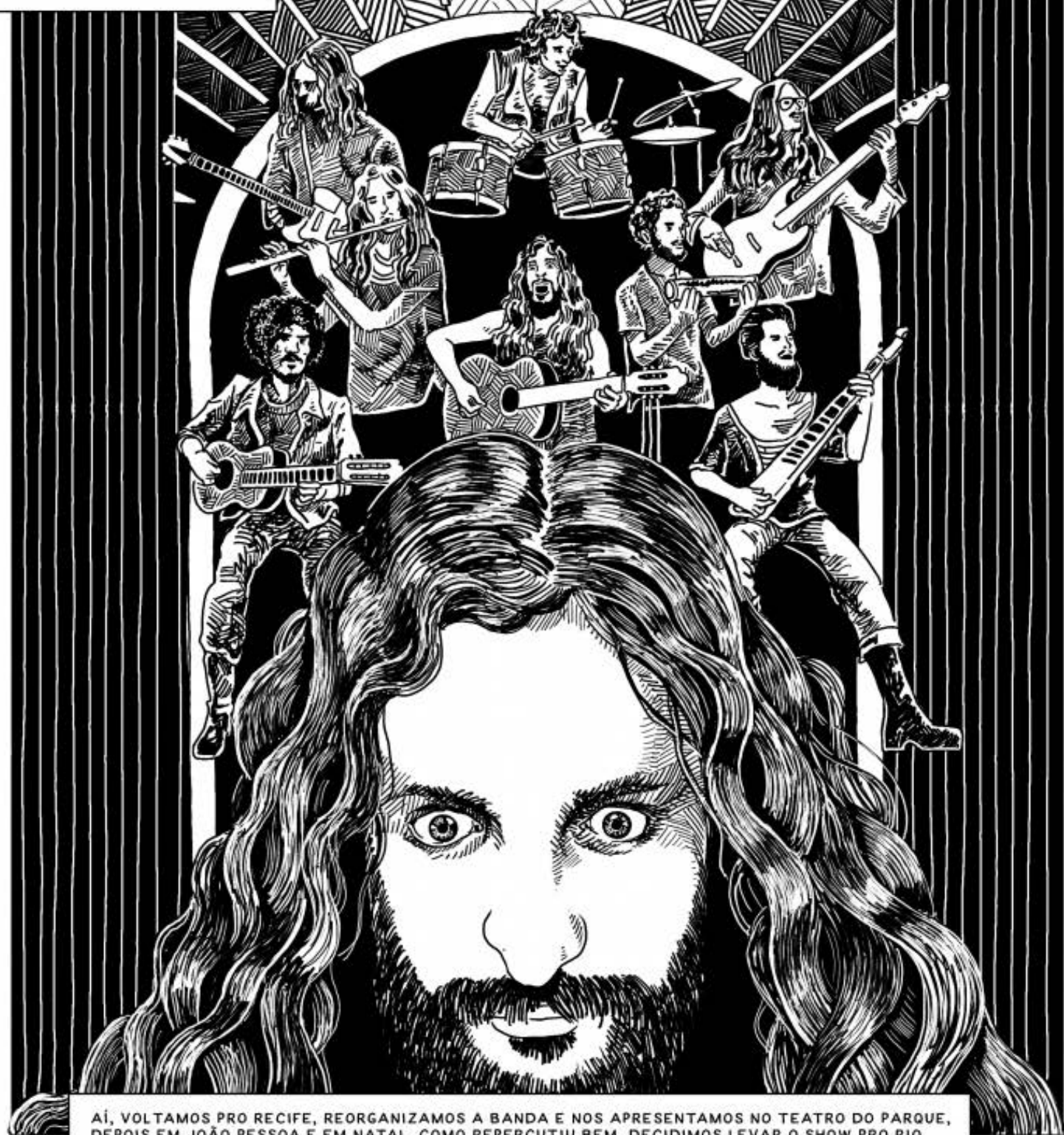
Veja a história na íntegra no link:

<http://www.revistacontinente.com.br/edicoes/211/alceu-valenca-em--colcha-de-retalhos->



UNS MESES DEPOIS DO DISCO SAIR, COLOQUEI A MÚSICA VOU DANADO PRA CATENDE, EM CIMA DA POESIA DE ASCENSO FERREIRA, NO FESTIVAL ABERTURA, EM SÃO PAULO. JÁ ERA 1975. CHAMEI PAULO RAPHAEL (BAIXO), ISRAEL SEMENTE (BATERIA), AGRÍCIO NOYA (PERCUSSÃO), IVINHO (GUITARRA), ZÉ DA FLAUTA (FLAUTA), ZÉ RAMALHO (VIOLA) E LULA CÔRTEZ (TRICÓRDIO) PRA ME ACOMPANHAREM.

NO FESTIVAL ABERTURA, GANHEI UM PRÊMIO DE PESQUISA MUSICAL, MAS NA VERDADE NUNCA FIZ PESQUISA NENHUMA. ELES INVENTARAM O PRÊMIO NA HORA, PORQUE GOSTARAM DO SOM, MAS NÃO SABIAM CLASSIFICAR. POIS BEM, APROVEITEI ESSA PROJEÇÃO PRA COMEÇAR UMA TURNÊ, TAMBÉM COM O NOME VOU DANADO PRA CATENDE.



AI, VOLTAMOS PRO RECIFE, REORGANIZAMOS A BANDA E NOS APRESENTAMOS NO TEATRO DO PARQUE, DEPOIS EM JOÃO PESSOA E EM NATAL. COMO REPERCUTIU BEM, DECIDIMOS LEVAR O SHOW PRO RIO.

Artistas e intelectuais divulgaram manifesto alertando que “o Brasil grita por socorro”. De acordo com os signatários, “brasileiras e brasileiros comprometidos com a vida estão reféns do genocida Jair Bolsonaro, que ocupa a presidência do Brasil junto a uma gangue de fanáticos movidos pela irracionalidade fascista”.

Diante disso, o manifesto apela às instâncias nacionais – STF, OAB, Congresso Nacional, CNBB – e às Nações Unidas pela condenação da política genocida de Bolsonaro. E urgência ao Tribunal Penal Internacional (TPI) na condenação da política genocida desse governo que ameaça a civilização.

MANIFESTO VIDA ACIMA DE TUDO – Carta aberta à Humanidade

“Vivemos tempos sombrios, onde as piores pessoas perderam o medo e as melhores perderam a esperança.” Hannah Arendt

O Brasil grita por socorro.

Brasileiras e brasileiros comprometidos com a vida estão reféns do genocida Jair Bolsonaro, que ocupa a presidência do Brasil junto a uma gangue de fanáticos movidos pela irracionalidade fascista.

Esse homem sem humanidade nega a ciência, a vida, a proteção ao meio ambiente e a compaixão. O ódio ao outro é sua razão no exercício do poder. O Brasil hoje sofre com o intencional colapso do sistema de saúde. O descaso com a vacinação e com as medidas básicas de prevenção, o estímulo à aglomeração e à quebra do confinamento, aliados à total ausência de uma política sanitária, criam o ambiente ideal para novas mutações do vírus e colocam em risco os países vizinhos e toda a humanidade. Assistimos horrorizados ao extermínio sistemático de nossa população, sobretudo dos pobres, quilombolas e indígenas.

O monstruoso governo genocida de Bolsonaro deixou de ser apenas uma ameaça para o Brasil para se tornar uma ameaça global.

Apelamos às instâncias nacionais – STF, OAB, Congresso Nacional, CNBB – e às Nações Unidas. Pedimos urgência ao Tribunal Penal Internacional (TPI) na condenação da política genocida desse governo que ameaça a civilização.

Vida acima de tudo.

Assinam esse manifesto:

ASSINE AQUI O MANIFESTO

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeAUTbllrhdbSuBMceaIxrzcSHff70-5uLxVM7LCIhIXWV9ig/viewform?fbclid=IwAR2btZsgOB5OisB3kh0JdXEqIPzkhEiX3royGJR-HG3FPJ3cZVXexp7rj4w>

Manifesto

A CULTURA APLAUDE A SAÚDE

Manifesto aprovado por aclamação pelo Conselho Municipal de Política Cultural de Londrina e pelo Fórum Permanente de Cultura de Londrina.

Nós artistas e agentes culturais de Londrina respiramos aplausos.

As palmas nos enchem o pulmão do prazer.

Estamos habituados a recebê-las como demonstração de encanto pelos trabalhos que realizamos de esparramar beleza e imaginação crítica e criativa pelo mundo.

Porém, nesse momento invertemos os papéis.

A cultura aplaude a saúde.

Aplaudimos de pé, de forma efusiva e solidária as trabalhadoras e trabalhadores da saúde.

Batemos palmas enérgicas, assoviamos e batemos os pés em apoio às servidoras e aos servidores do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina - H.U/UEL, maior instituição de saúde pública da região.

Nossa entusiasmada manifestação de apreço pelo H.U se estende a todes profissionais do SUS (Sistema Único de Saúde) e demais trabalhadoras e trabalhadores de serviços essenciais que estão na linha de frente do combate à covid19.

Porém, não pedimos bis.

Não queremos que esse espetáculo trágico se repita.

A exposição mórbida tem que ser fechada.

O show de horrores exige um fim.

Que nunca mais vocês, trabalhadoras e trabalhadores da saúde, tenham que enfrentar esse tipo de situação onde seguimentos sociais e governos negam as evidencias científicas, a saúde, a educação e a cultura como políticas públicas.

Sem vida não há arte e cultura.

Sem saúde não há dignidade humana.

Nossas máscaras levam ao mundo da imaginação e da fantasia.

As máscara de vocês nos ancoram na realidade.

A realidade que tem que ser transformada para que possamos viver em um mundo melhor.

Reivindicamos que os poderes executivo, legislativo e judiciário, nas várias esferas, garantam as condições para o isolamento e o distanciamento social, acatando as recomendações da OMS.

Queremos vacina para todos já, disponibilização e uso adequado de máscaras adequadas (Pff2) e auxilio emergencial digno para quem necessita.

Lutaremos com outras e outros trabalhadoras e trabalhadores pelas liberdades democráticas, pela justiça e a paz social.

Colocamos o melhor de nossas sensibilidades e de nossas capacidades criativas para ajudar a combater a pandemia.

Contém conosco, estamos à disposição para ajudar no que for preciso!

Obrigades profissionais da Saúde!

Aplausos, aplausos, aplausos, aplausos...

Viva o SUS!

Viva a educação e a ciência pública!

Viva a arte e a cultura por um mundo melhor!

Londrina, 22 de março de 2021.

Conselho Municipal de Política Cultural de Londrina

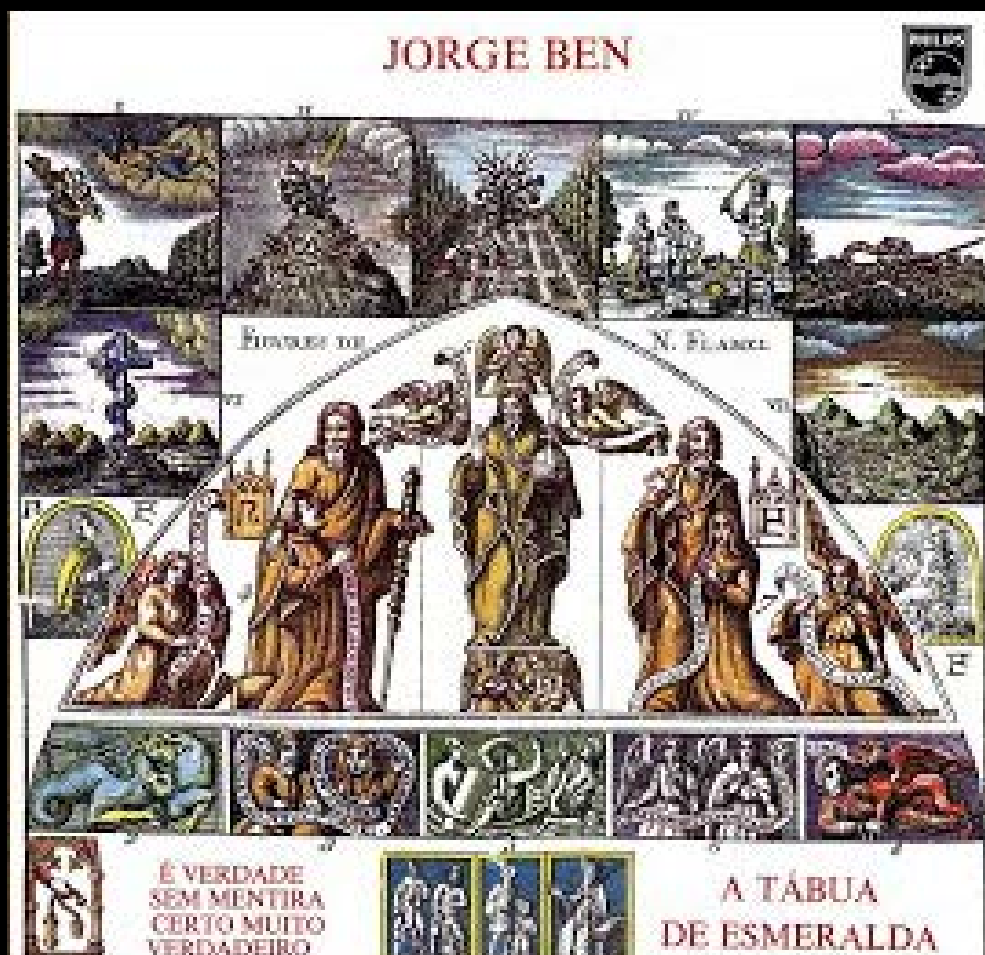
Fórum Permanente de Cultura de Londrina





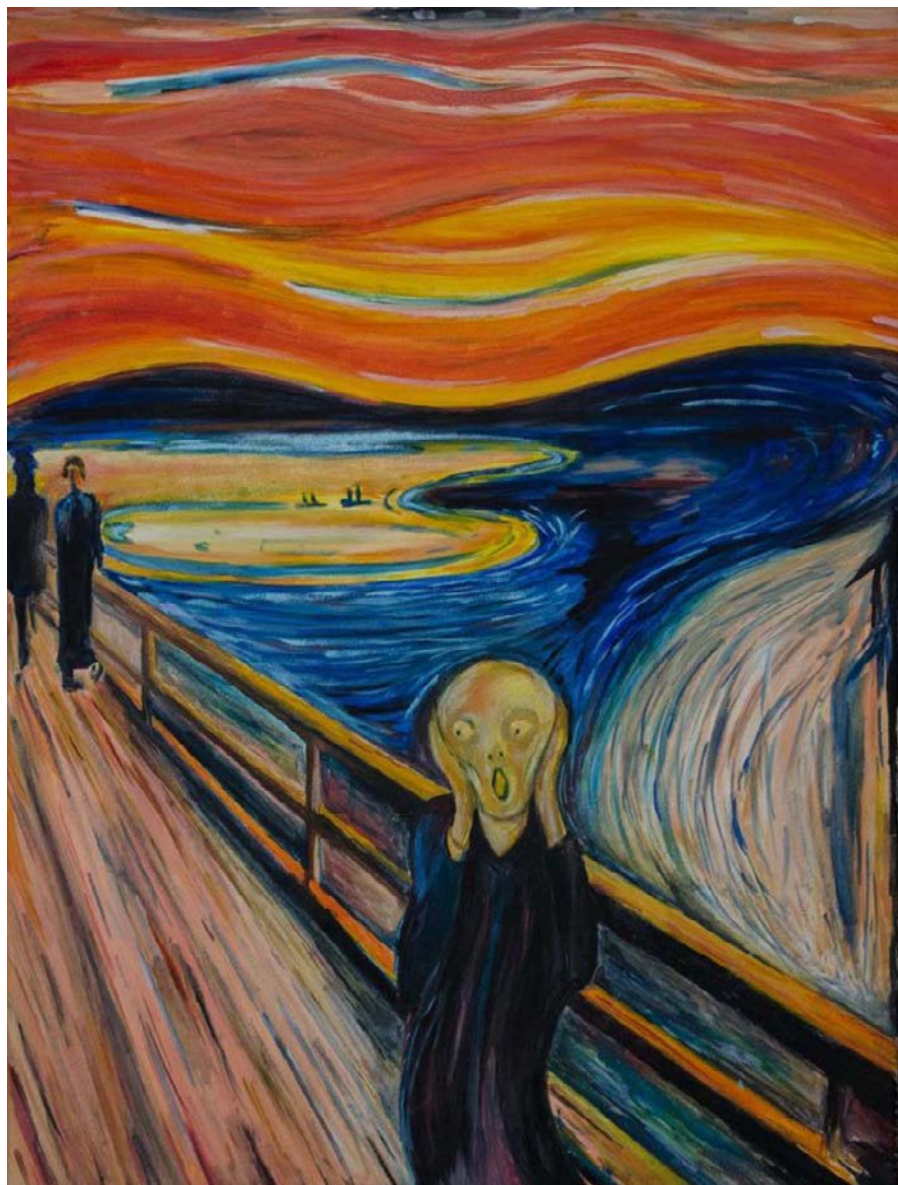
Produção visual Julio Cesar
Dias Lopes
Composição e produção
musical: Victor Hugo B. C.
Lopes

[https://www.youtube.com/
watch?v=mweij7t5QM&
t=16s](https://www.youtube.com/watch?v=mweij7t5QM&t=16s)



A mensagem secreta inscrita no quadro 'O Grito' pelo próprio autor da obra

1



A famosa pintura de 1893 será exibida no novo Museu Nacional da Noruega a partir de 2022

O artista Edvard Munch escreveu mensagens secretas em sua pintura de O Grito, demonstrou um scan infravermelho feito no quadro.

Uma frase pequena e quase invisível escrita em uma das pinturas mais conhecidas do mundo sempre foram a causa de muitas conjecturas no mundo da arte.

As palavras "Só pode ter sido pintado por um louco" estão inscritas a lápis no canto superior esquerdo.

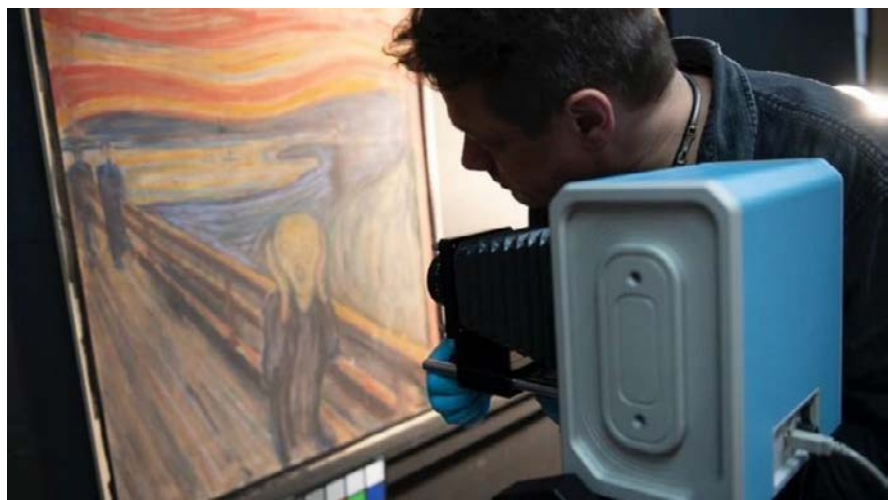
Agora, novos exames feitos pelo Museu Nacional da Noruega confirmaram que a anotação foi feita pelo próprio Munch.

O artista Edvard Munch escreveu mensagens secretas em sua pintura de O Grito, demonstrou um scan infravermelho feito no quadro.

Uma frase pequena e quase invisível escrita em uma das pinturas mais conhecidas do mundo sempre foram a causa de muitas conjecturas no mundo da arte.

As palavras "Só pode ter sido pintado por um louco" estão inscritas a lápis no canto superior esquerdo.

Agora, novos exames feitos pelo Museu Nacional da Noruega confirmaram que a anotação foi feita pelo próprio Munch.



O LIMITE DO SONHO MODERNO

UM FILME ISOLADO À FRENTE DE SEU TEMPO



LIMITE

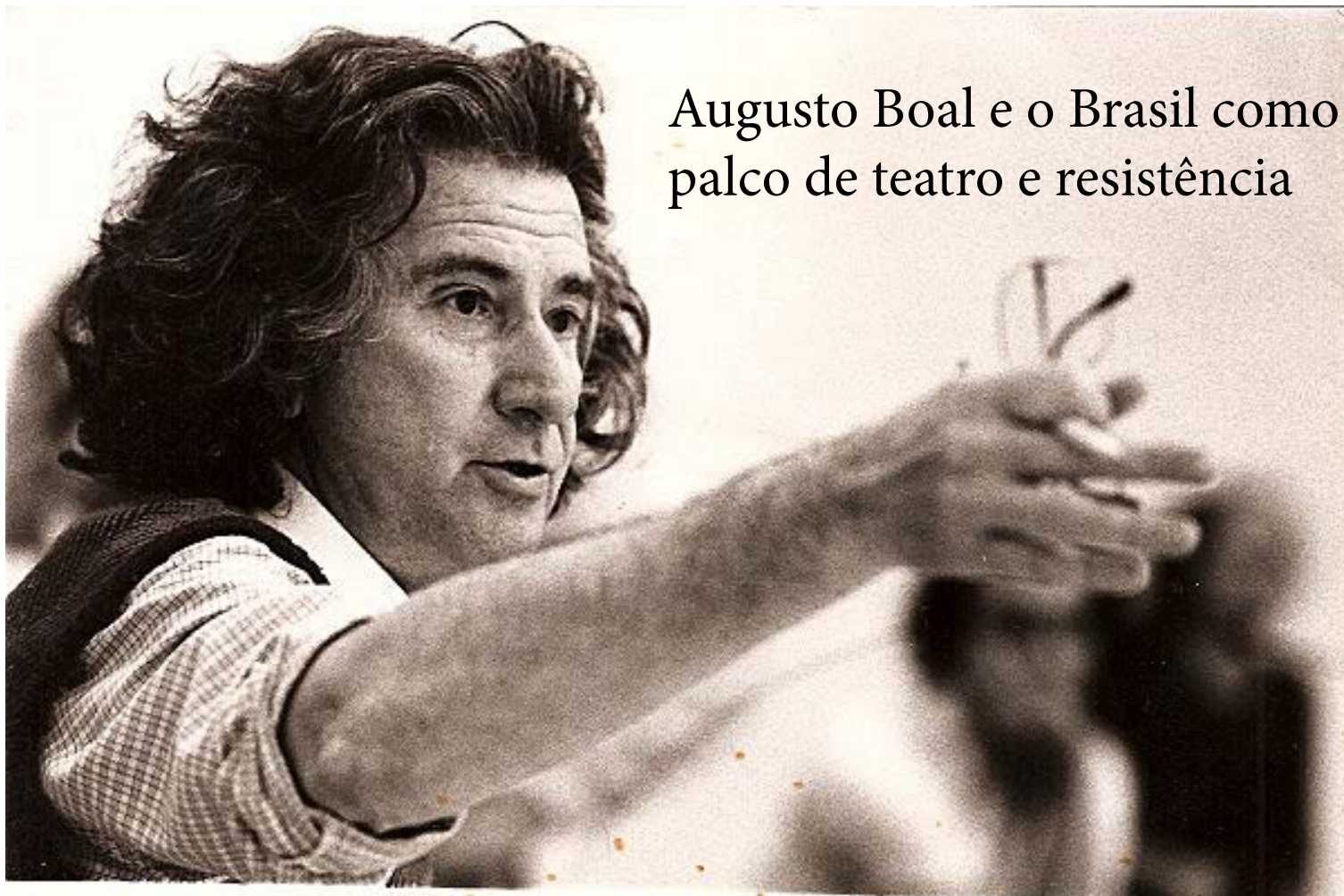
Brasil, 1931

Direção: Mario Peixoto

Com: Olga Breno, Taciana Rei,
Raul Schnoor, Mario Peixoto

[https://www.youtube.com/
watch?v=UeEarbJiMs](https://www.youtube.com/watch?v=UeEarbJiMs)

YouTube



Augusto Boal e o Brasil como palco de teatro e resistência

Nascido há 90 anos, dramaturgo levou aos palcos, com o Teatro do Oprimido, narrativas populares e ideias insurgentes. Criou uma nova escola de luta política a partir dos dramas da população brasileira. Por isso, foi perseguido e exilado

Por Daniel Giovanaz, no [Brasil de Fato](#)

Um teatro genuinamente brasileiro, em que os trabalhadores se apropriam dos meios de produção artísticos e as fronteiras entre ator e espectador se diluem. Esse era o horizonte que vislumbrava Augusto Boal, nascido há exatos 90 anos no Rio de Janeiro (RJ).

Os vínculos que ele construiu com organizações da classe trabalhadora, no campo e na cidade, são lembrados com carinho até hoje.

O buraco deixado por sua morte, em 2009, só não é maior do que as contribuições legadas à cultura brasileira.

As primeiras sementes

Filho de um padeiro e uma dona de casa, Boal nasceu na Penha em 1931 e começou a dirigir peças familiares, como brincadeira, aos nove anos.

A paixão pelo teatro dividia espaço com a Engenharia Química. Em meio aos estudos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele escrevia textos curtos sobre a gente de seu bairro.

“As primeiras obras abordaram o tema dos trabalhadores precarizados, pescadores, racismo. Ele teve uma proximidade muito grande com Abdias Nascimento e o Teatro Experimental do Negro, que o influenciaram muito”, lembra Douglas Estevam, formado em direção teatral pela Escola Livre de Teatro, militante do setor de cultura do [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra \(MST\)](#) e mestrando em Filosofia na Universidade de São Paulo (SP).

Em 1953, Boal mudou-se para os Estados Unidos para fazer doutorado na área de petróleo e plástico. Além de frequentar aulas na Columbia University of New York, ele fez cursos com o teórico e crítico teatral John Gassner e participou como ouvinte em sessões do *Actor's Studio*.

“Esse grupo de teatro foi influenciado por experiências de laboratório com metodologias que vieram, dentre outros lugares, da União Soviética”, explica Rafael Villas Bôas, professor de Teatro da Universidade de Brasília (UnB) e diretor da televisão universitária UnB TV. “Lá ele conheceu um grande arcabouço do teatro moderno, e trouxe esse

conhecimento ao Brasil.”

Teatro de Arena

O Brasil, naquela época, ainda não havia consolidado uma dramaturgia sobre as questões e os personagens nacionais. Esse processo, que havia ocorrido na literatura a partir de Machado de Assis, no fim do século 19, e com o regionalismo da década de 1930, não havia se refletido até então no teatro.

“A formação política e artística que teve nos Estados Unidos, ele socializou no Teatro de Arena, quando voltou ao Brasil [em julho de 1955], sempre preocupado com a temática nacional-popular”, acrescenta Estevam, lembrando também dos laços que Boal estabeleceu com movimentos negros estadunidenses.

A estreia no Teatro de Arena de São Paulo foi em setembro 1956, como diretor artístico ao lado de José Renato. A peça era *Ratos e Homens*, de John Steinbeck.

Uma das principais contribuições do Teatro de Arena foi o Seminário de Dramaturgia, fundado em 1958. A ideia era analisar as peças de Boal e outros dramaturgos do ponto de vista estético e político.

Os autores se debruçavam sobre os problemas brasileiros, colocando em cena personagens e temas até então pouco explorados.

“Boal também cria o laboratório de dramaturgia, o laboratório de interpretação, e vai formando no Brasil uma espécie de escola de escrita dramática, com as técnicas que aprendeu nos EUA”, ressalta Villas Bôas. “O Arena se torna um pivô do encontro do teatro brasileiro com a realidade nacional.”

Temas como futebol, corrupção e questão agrária, debates sobre imperialismo e soberania nacional, entram em cena nessa época.

É nesse contexto que Augusto Boal se aproxima das Ligas Camponesas, produzindo peças sobre os “de baixo” e sua luta pela terra.

O dramaturgo participou, por exemplo, da redação de “Mutirão em Novo Sol”, peça apresentada no Congresso Camponês de 1961 que se tornou popular entre os trabalhadores rurais do Nordeste e de várias partes do país.

Exílio

O golpe civil-militar de 1964 interrompeu esse processo de trocas e amadurecimento político junto às Ligas Camponesas, perseguidas pela ditadura.

As peças provocativas e a participação em protestos contra a censura também fizeram de Boal um alvo. Depois de excursionar por Estados Unidos, México, Peru e Argentina entre 1969 e 1970, o dramaturgo voltou ao país e foi preso e torturado no ano seguinte.

A violência o empurrou para um longo período de exílio. Depois de cinco anos em Buenos Aires, Boal trabalhou em um programa de alfabetização no Peru, em 1973, e em seguida desenvolveu projetos artísticos junto a indígenas do Equador.

A ditadura continuou até 1985, impedindo que o dramaturgo retornasse. Embora ele se distanciasse fisicamente do país, residindo em Portugal e depois na França, sua obra falava cada vez mais sobre o Brasil.



Ligas Camponesas foram as primeiras organizações do campo a adotar a reforma agrária enquanto linha política no Brasil Autor desconhecido

“Quando privado do público, com o AI-5 e com a repressão, Boal procura encontrar o público popular mobilizando de forma criativa técnicas que ele conhecia de outras experiências, mas dentro de um conjunto que ele chama de poética do Teatro do Oprimido”, explica Rafael Villas Bôas.

Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Fórum e Teatro Invisível são algumas das expressões desse novo arcabouço, em meio à um ciclo de ditaduras na América Latina.

Teatro do Oprimido

A primeira edição de “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, obra-prima de Boal, chegou ao Brasil em 1974, sistematizando reflexões dos três anos anteriores. Nascia, assim, um método teatral que reunia exercícios, jogos e técnicas teatrais para democratização dos meios de produção teatral e transformação da realidade por meio do diálogo.

“O Teatro do Oprimido é uma forma de mobilizar experiências de agitação e propaganda, não no campo panfletário, como tradicionalmente se entende, mas na articulação entre informar, formar e organizar, em uma pedagogia socialista”, acrescenta o professor da UnB.

A influência do educador Paulo Freire, autor de “Pedagogia do Oprimido”, é evidente. Boal propõe o rompimento das fronteiras entre a arte cênica e a prática política, entre ator e espectador, visando à formação de sujeitos sociais que se tornam multiplicadores da luta por direitos e por cidadania.

“A concepção principal do Boal era a de que os próprios trabalhadores e trabalhadoras pudessem se apropriar dos meios de produção artísticos. É por isso que ele foi tão atacado pela direita, e por isso é tão estimado pelos setores

populares e organizações sociais”, enfatiza Douglas Estevam.

Desde 2017, o Brasil possui em seu calendário oficial o Dia Nacional do Teatro do Oprimido. A data escolhida é justamente 16 de março, em homenagem a seu criador.

Vínculo com os sem-terra

O MST, em que Estevam atua, foi um dos movimentos em que o Teatro do Oprimido gerou frutos. As técnicas também foram estudadas e aplicadas por sindicatos, comunidades católicas, como a Pastoral Carcerária e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e ganharam tradução para mais de 20 idiomas.

Boal voltou ao Brasil em 1986, um ano após o fim da ditadura, e criou meses depois o [Centro de Teatro do Oprimido \(CTO\)](#).

A proposta era desenvolver metodologias específicas do Teatro do Oprimido em laboratórios e seminários, para revisão, experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas teatrais.

O CTO foi a única instituição que teve a direção artística de Augusto Boal nos seus últimos 23 anos de vida.

A aproximação desse centro com o MST, no início dos anos 1990, foi uma forma de recuperar os vínculos com as Ligas Camponesas, desmanteladas pelo golpe de 1964.

Em 2001, o dramaturgo participou da criação da Brigada de Teatro Patativa do Assaré, do MST. A ideia era formar multiplicadores que se apropriassem das técnicas do Teatro do Oprimido para difundi-las nas escolas, assentamentos, acampamentos e centros de formação.

“Nós formamos mais de 40 grupos nesse trabalho conjunto com Boal, que prosseguiu até o final da sua vida, em 2009”, relata Estevam, que integra a coordenação nacional da brigada. “O resultado dessa parceria foi uma ampla produção dramática, abordando temas da luta pela terra, da luta contra o imperialismo, questões raciais e de gênero no interior das nossas organizações.”

Esse processo, encabeçado pelo MST, teve repercussões em outras organizações da classe trabalhadora, como o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento de Atingidos por Barragens (MAB).

“Hoje, o Teatro do Oprimido tem uma presença crescente na universidade também”, afirma Villas Bôas. “O desafio é organizar a resistência popular nas comunidades, territórios, assentamentos, quilombos, fortalecendo grupos e se articulando em redes.”



O professor de Teatro da UnB enaltece experiências de luta que foram destruídas pela repressão, como o Centro Popular de Cultura da UNE, o Movimento de Cultura Popular e o próprio Teatro de Arena, e enfatiza a importância do legado de Boal e Paulo Freire – cujo centenário também é comemorado em 2021.

“A educação popular, a cultura popular, a comunicação popular e o poder popular estão vivos, e estão resistindo ao avanço do neofascismo”, completa.

Homenagem

Nomeado “Embaixador do Teatro” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco),

Boal enfrentou uma leucemia e faleceu por insuficiência respiratória em maio de 2009, no Rio de Janeiro.

Na última terça (16), o [Instituto Augusto Boal](#) preparou uma programação virtual em homenagem aos 90 anos do dramaturgo.

“A gente vai tentar fazer a melhor das homenagens por uma via que não é a melhor de todas, a internet”, lamenta o filho Julian Boal, nascido durante o exílio na Argentina.

“Porque a forma mais adequada de homenagear meu pai é criar mais e mais grupos do Teatro do Oprimido, fazendo trabalho de base em todos os cantos do Brasil, nas ruas, nas comunidades, e não simplesmente um evento”, completa.

Diante das limitações da pandemia, o Instituto convidou grupos teatrais de várias partes do mundo para produzirem vídeos representando algumas das cenas de Boal. A transmissão está disponível no [canal](#) do Instituto Augusto Boal no Youtube.

“Também convidamos pessoas para lerem textos dele, conforme o tema e a área em que atuam”, explica Julian.

O discurso de Boal em homenagem a Paulo Freire na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, foi lido pelo professor e vereador Tarcísio Motta (PSOL). João Pedro Stedile, membro da direção nacional do MST, foi escolhido para ler um texto sobre o encontro de Boal com as Ligas Camponesas.





Billy Haag

Jornal alemão publica charge que mostra Bolsonaro aplaudido pelo vírus e pela morte



QUANDO CERTA MANHÃ
O INSETO MONSTRUOSO
ACORDOU DE SONHOS
INTRANQUILOS, ENCONTROU-
SE EM SEU ESGOTO
METAMORFOSEADO NUM
RELES DEPUTADO DO BAIXO
CLERO E, ECLODINDO DA
ESCURIDÃO, DELIROU SER
O MESSIAS

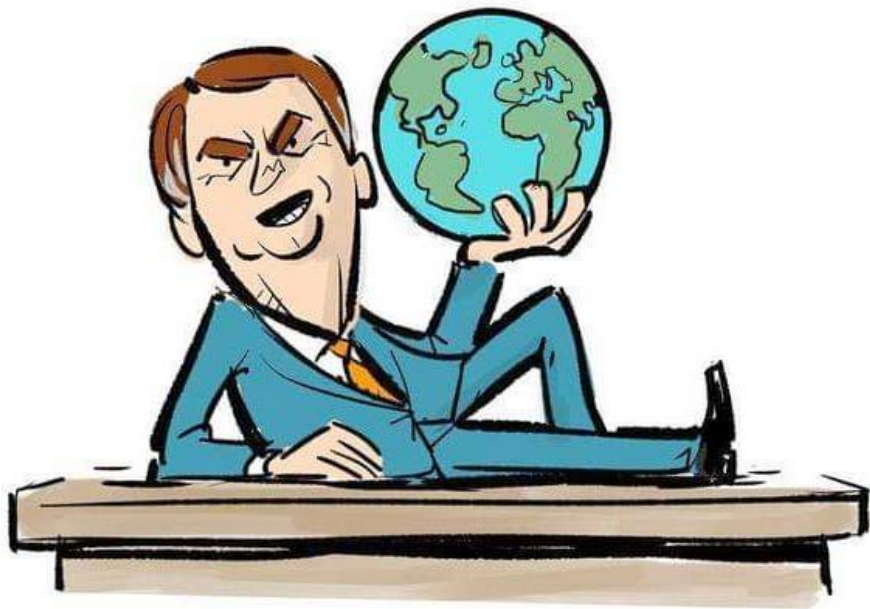


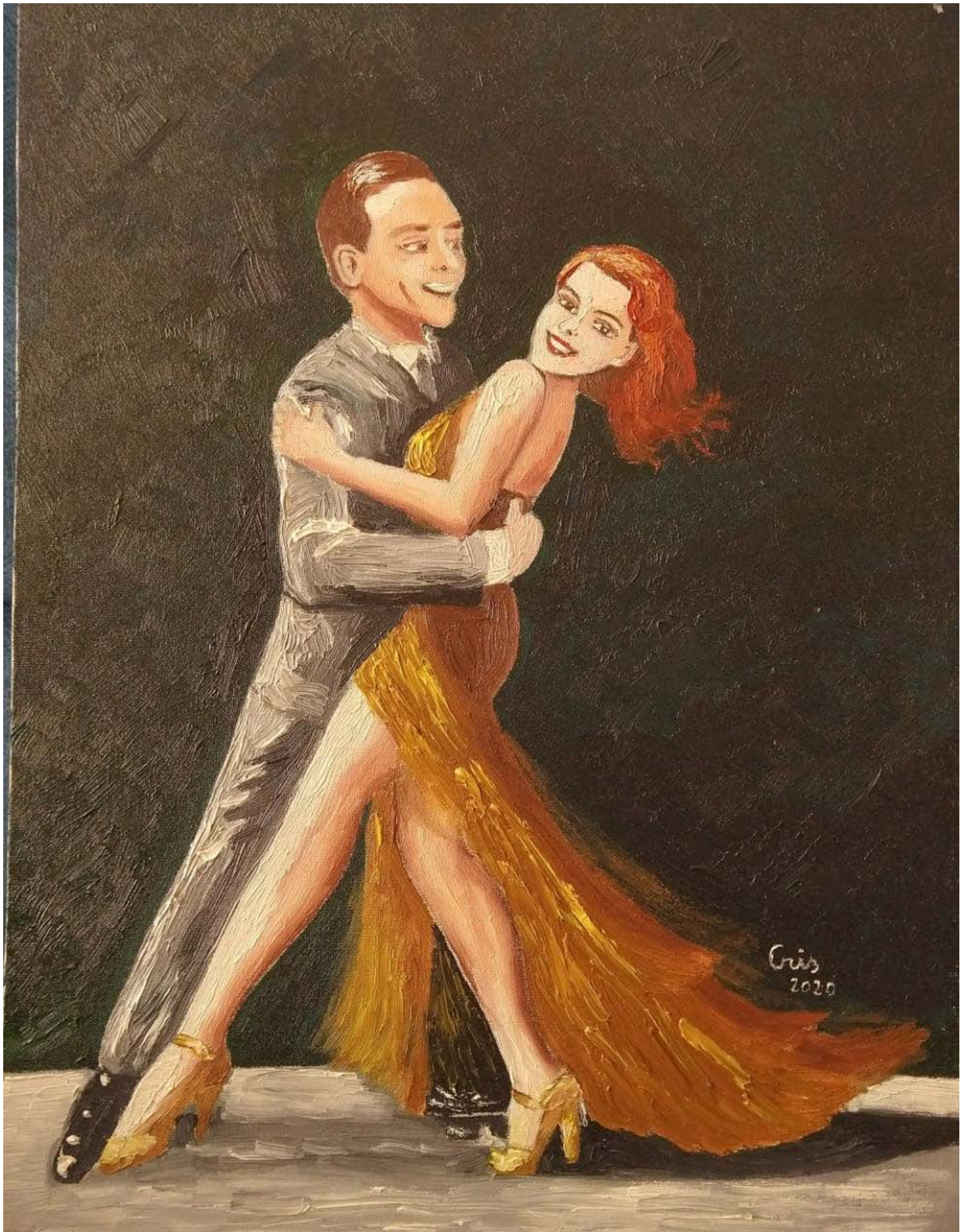
ATÉ QUE A PESTE SE ABATEU
SOBRE O FÉTIDO BUEIRO.



REVELANDO A GRANDE FARSA.



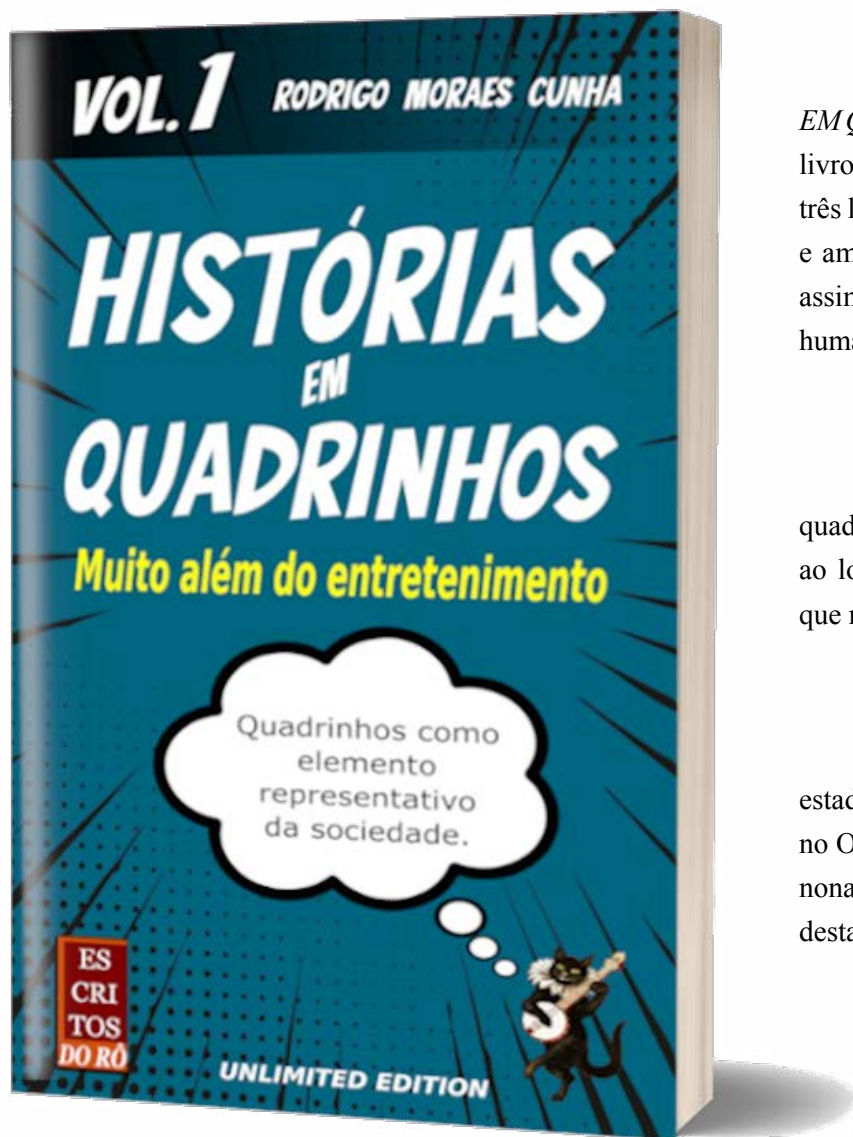




Cristiane V. Porcini , moro em São Paulo-SP.

Durante a quarentena, nos deparamos com tantas incertezas, medo e isolamento social. Pintura feita por mim durante a pandemia. Pintar, desenhar em momentos difíceis ajuda o ser humano a expressar e elaborar melhor seus sentimentos. Quando tudo isso passar, tiraremos grandes ensinamentos dessa época!

Um grande abraço
Cristiane



É com grande prazer que apresento o livro *HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: Muito além do entretenimento Vol. I*. Este livro que tens em mãos é o primeiro volume de uma série de três livros. Ele é fruto do desmembramento, desenvolvimento e ampliação de uma longa pesquisa acadêmica em história, assim como toda a série dedicada a um espectro das ciências humanas.

Este volume trata de apresentar as histórias em quadrinhos como um elemento representativo da sociedade ao longo dos anos. Logo, um produto da indústria cultural que reflete a sociedade que o produz.

A escolha de usar as histórias em quadrinhos estadunidenses está no fato de essas se destacarem há décadas no Ocidente. As conhecidas *comics* influenciaram o estilo da nona arte em vários países, incluindo o Brasil, e é por conta desta influência que os quadrinhos estadunidenses foram

escolhidos primeiramente para a escrita da já referida pesquisa, e, posteriormente, mostraram-se um objeto relevante para o estudo, diante de inúmeros artigos, dissertações e teses escritas desde que o estudo inicial foi finalizado.

Quanto ao autor, Rodrigo é professor de história, formado em licenciatura plena pela Faculdade Porto-alegrense – FAPA, é especialista no ensino de História e Geografia, pela UFRGS-FACED, e especialista em ensino e história do Rio Grande do Sul pela FURG, é cineasta documentarista independente. Rodrigo também aventura-se no mundo da ficção, possuindo um livro de contos publicado. Mas sobretudo, o autor é um apaixonado pelas histórias em quadrinhos, sendo um colecionador desde a adolescência, e na sua graduação desenvolveu seu interesse nos quadrinhos como ferramenta de pesquisa histórica.

Convido a todas, todos e todes a lerem este interessante livro.

In Memoriam

CATÁLOGO

A ciclistas

Neimar
2006





UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA
CASA DE CULTURA
DIVISÃO DE ARTES PLÁSTICAS



NEIMAR Proença Oliveira



Abertura
01/Setembro
de 2006
20:00 h

Rua Mato
Grosso, 537

Período
01 a 12 de
Setembro
2006



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA
CASA DE CULTURA
Divisão de ARTES PLÁSTICAS

Apoio Cultural

BASE
Comunicação Corporativa

Traduzir o volume como se fosse matéria densa parece ser uma busca incansável de Neimar. A linha que se detinha na continuidade agora se mostra incisiva, a serviço das habilidades de seu senhor, pronta para se mostrar potencial, rápida, próxima e distante são quase hachuras, aquelas que apenas um tira-linhas de precisão seria capaz de definir.

Partindo dos processos da gravura, o artista retira material de seu suporte marcando-o com calor, de tal modo que não ficam resíduos daquilo que é retirado. O resultado desse trabalho leva à reflexão, pois a sensação que causa e a curiosidade que suscita, apontam para valores ao mesmo tempo formais e conceituais. Será pintura, será gravura? O pirógrafo faz as vezes das goivas, e o artista, perseverante, queima cada linha com tamanha delicadeza que a borracha devolve em cicatrizes seus agradecimentos.

As grandes dimensões demonstram o desejo de expansão das figuras que convidam ao movimento e também, a feminilidade e a leveza do tafetá que as suporta tocam esse universo pleno de possibilidades. Na verdade, a existência de sensações ópticas de ritmo nas superfícies, que parecem vibrar, impulsionam as figuras, ali criadas, no ritmo de cada um permitindo que as vivências individuais possam marcar presença.

Maria Irene Pelegrino de Oliveira
Docente do Departamento de Arte Visual - UEL



CICLISTA Nº 04 Gravura matriz de etileno vinil acetato sobre tecido 220x150cm



CICLISTA Nº 05 Gravura matriz de etileno vinil acetato sobre tecido 210x150cm



CICLISTA N° 07 Gravura matriz de etileno vinil acetato
sobre tecido 150x210cm



CICLISTA N° 08 Gravura matriz de etileno vinil acetato
sobre tecido 150x210cm



CICLISTA N° 03 Gravura matriz de etileno vinil acetato sobre tecido 200x150cm

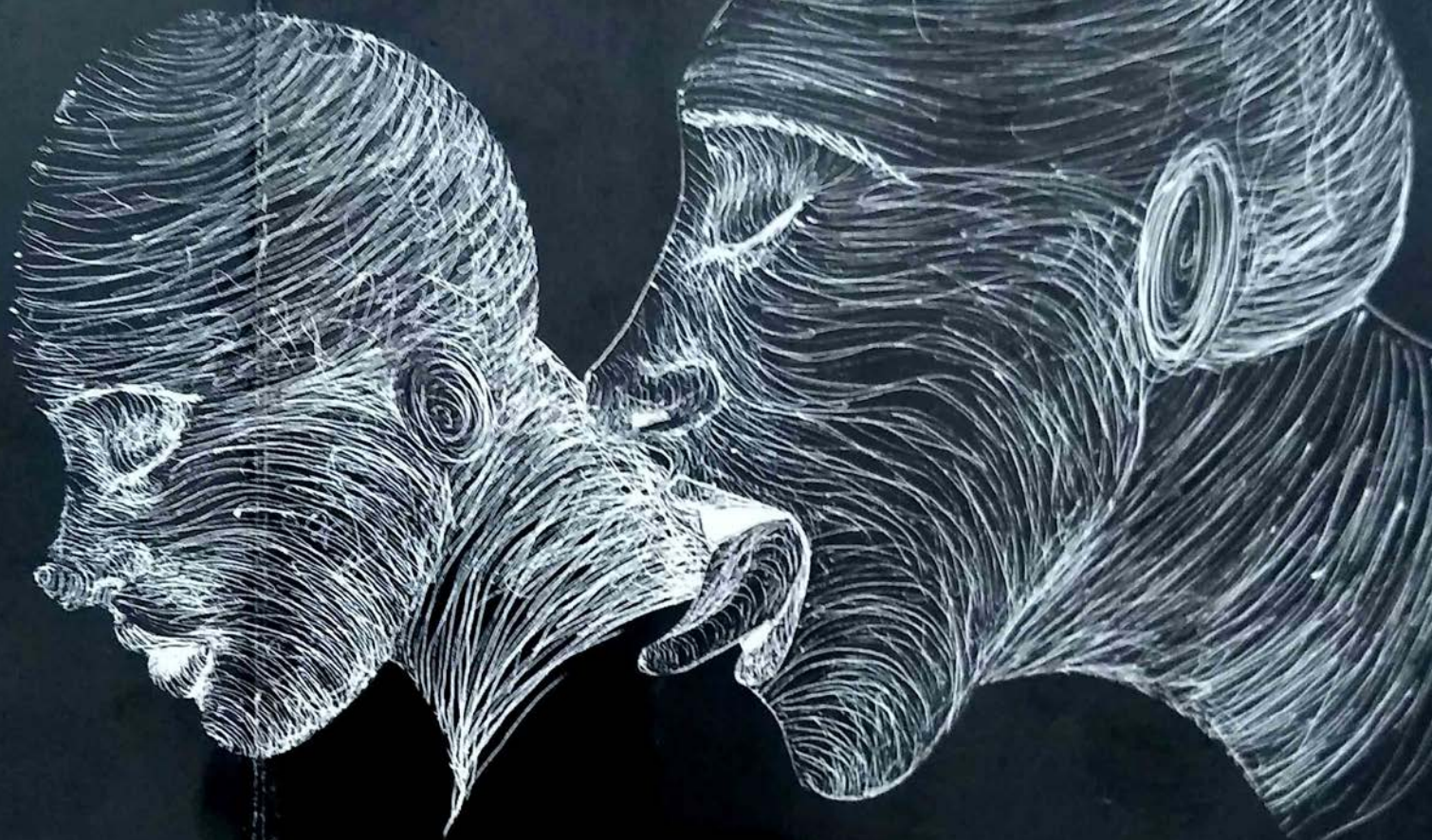


CICLISTA Nº 14 Gravura matriz de etileno vinil
acetato sobre tecido 190x150cm



CICLISTA N° 15 Gravura matriz de etileno vinil acetato sobre tecido 190x150cm

PROJETO GRÁFICO: NEIMAR
ARTE: EDUARDO TRAGE
CROMOS: TUKA ROCHA
VERSÃO/INGLÊS:
MARIANA MARASSI
VERSÃO/ESPAÑHOL:
ROSAN LUIZ DO PRADO



CICLISTA Nº 02 Gravura matriz de etileno vinil acetato
sobre tecido 190x150cm

Neimar Proença Oliveira
Sítio Paz D'Água Novo Sobradinho Toledo-PR
Caixa Postal: 184 fone: (45) 9982 0853

PREMIAÇÕES

1993: Prêmio Secretaria de Cultura do Paraná
Mostra Zumbi dos Paimares de Londrina-PR

1996: Prêmio Aquisição Secretaria do Estado da Cultura do Paraná
37º Salão de Artes Plásticas para Novos de Ponta Grossa-PR

Prêmio Indicação Sala Miguel Bakum Curitiba-PR
11º Salão Paranaense de Paisagem de Maringá-PR

Prêmio Cidade de Ourinhos-SP
15º Salão de Artes de Ourinhos-PR

1997: Medalha de Ouro
XXI Salão de Artes Plásticas Franca-SP

Prêmio Cidade de Ourinhos-SP
16º Salão de Artes de Ourinhos-SP

1998: Prêmio Aquisição Governo do Estado do Paraná
Salão de Arte de Paranaguá-PR

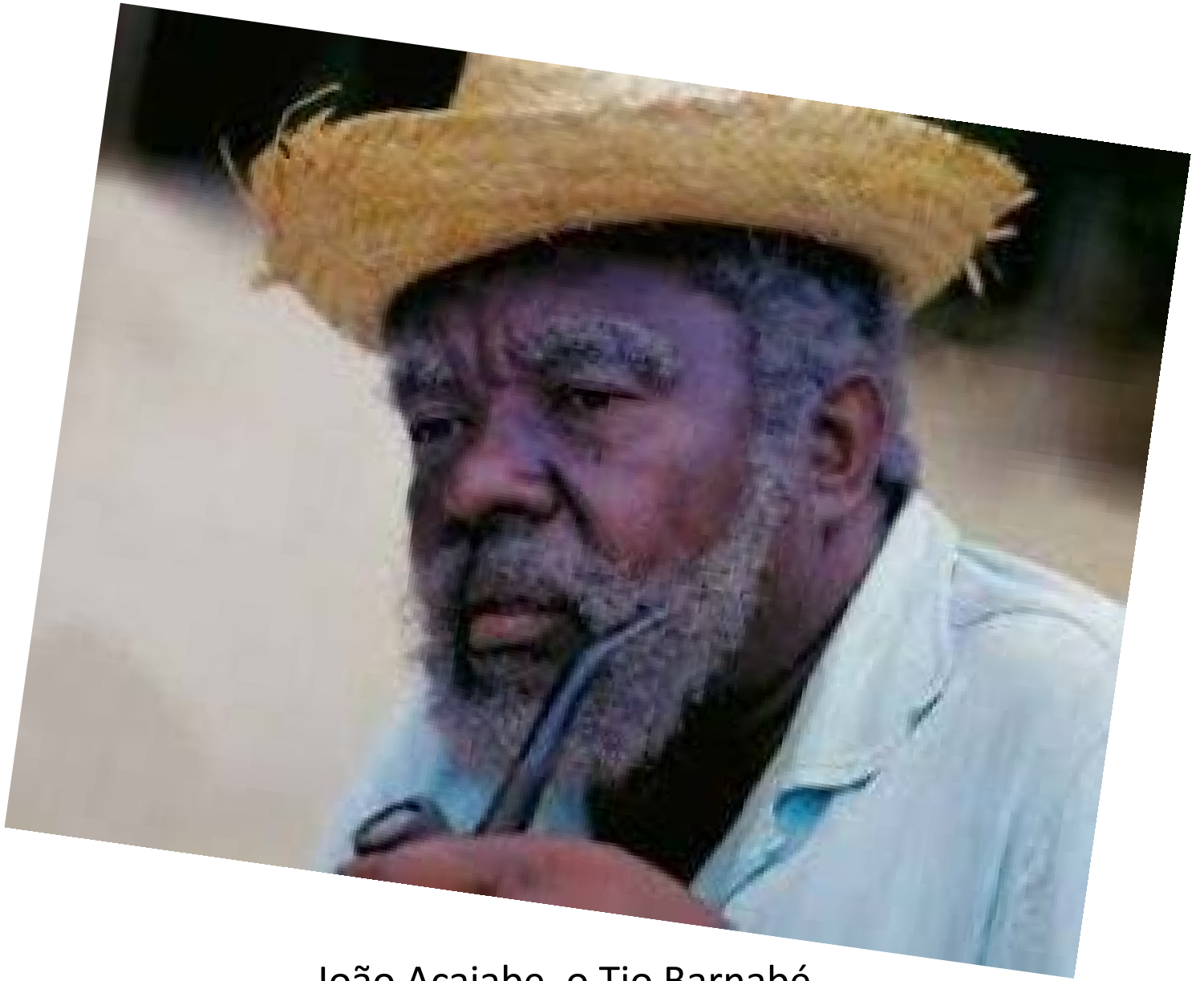
Prêmio Aquisição Secretaria do Estado do Paraná
Salão de Arte de Goioerê-PR

1999: Prêmio Aquisição Governo do Estado do Paraná
Salão de Arte de União da Vitória-PR

2001: Prêmio Aquisição Governo do Estado do Paraná
Salão de Arte de Ponta Grossa-PR

2003: Menção Especial do Júri
II Salão de Arte de Toledo-PR

2004: Prêmio Aquisição
Coordenação do Sistema Estadual de Museus
III Salão de Arte de União da Vitória-PR



João Acaiabe, o Tio Barnabé



Agnaldo Timóteo

CIÊNCIA E LITERATURA: CONEXÃO POSSÍVEL, TALVEZ NECESSÁRIA

MOACYR EURÍPEDES MEDRI & GERALDO MENDES DOS SANTOS

Em maio de 2019, fui convidado pelo INPA para fazer o lançamento do livro “Pedras, Paus & Pétalas”, meu último romance, mas teria que assumir dois compromissos. 1- Apresentar uma palestra aos seus pesquisadores e convidados. 2- escrever e submeter um artigo para a Revista GEEA – Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos.

“Ciência e Literatura: Conexão Possível, Talvez Necessária”, foi o tema da palestra e do artigo.

Tenho, hoje, a grata satisfação de comunicar aos amigos e colegas, a publicação do referido artigo, 43pgs. O mesmo fora concebido em parceria com um grande pesquisador, também amigo, Geraldo Mendes dos Santos, doutor em Ictiologia, pesquisador titular do INPA e Filósofo.

Resumo

Ciência e Literatura são normalmente consideradas como vertentes distintas do conhecimento humano, cada uma delas com sua própria lógica e procedimentos; não raro, ocorrem incompreensões, preconceitos e até intolerâncias entre os adeptos de uma e outra. No entanto, há um extenso rol de pressupostos lógicos e operacionais que denotam a conectividade dessas duas vertentes, a começar pela linguagem, ferramenta utilizada por toda e qualquer manifestação humana. Costuma-se afirmar que a Literatura

é baseada na subjetividade, enquanto a Ciência é essencialmente objetiva e neutra. No entanto, é óbvio que o ser humano jamais se desprende totalmente de sua subjetividade, mesmo no momento da observação ou da descrição mais pontual. É evidente que a linguagem científica pode ser elegantemente construída, sem perder seu vigor. De idêntica maneira, a linguagem literária pode assumir o rigor do conhecimento epistêmico, sem perder seu valor e identidade. Prova disso são as magníficas obras de Darwin, Wallace, Carl Sagan, Richard Dawkins e tantos outros eruditos que souberam expressar os fatos biológicos e evolutivos através de textos primorosos, esteticamente bem construídos. O presente artigo trata dessas questões, tentando refutar as razões geralmente alegadas, mas sem consistência, sobre a conveniência da separação entre Literatura e Ciência e ao mesmo tempo conjecturar a possibilidade, talvez necessidade, de juntar esses dois ramos do conhecimento que nasceram juntos e nos quais a humanidade sempre teve como rica fonte de sabedoria, beleza e inspiração.

Onde buscar o artigo completo?

Editora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

Av. André Araújo, 2936 – Cep : 69067-375 – Manaus – AM, Brasil

Tel: 55 (92) 3643-3223 portal.inpa.gov.br e-mail: editora@inpa.gov.br



ALDIR BLANC E DANIEL MUCCI, A VIDA COMO LIÇÃO DE AMOR

Nosso saudoso e querido compositor Aldir Blanc, eterno parceiro de João Bosco, imensa figura humana e um dos maiores letristas do Brasil, partiu em maio de 2020. Dizia que sua maior alegria era ser um compositor popular. Na música, teve parceiros geniais: João Bosco, Guinga, Maurício Tapajós, Moacyr Luz, Cristóvão Bastos, Paulo Emílio e tantos outros.

Agora, queremos revelar uma outra parceria estabelecida por ele, absolutamente ignorada pelo grande público, mas não menos importante. Ela nunca saiu do tom, embora nada tenha a ver com música e ocupou lugar de honra nos registros dos seus afetos. Laboriosamente esculpida com o cinzel do tempo e do amor, foi solada exclusivamente com as cordas do coração, dispensando qualquer instrumento de orquestra, pois bastava-se a si mesma.

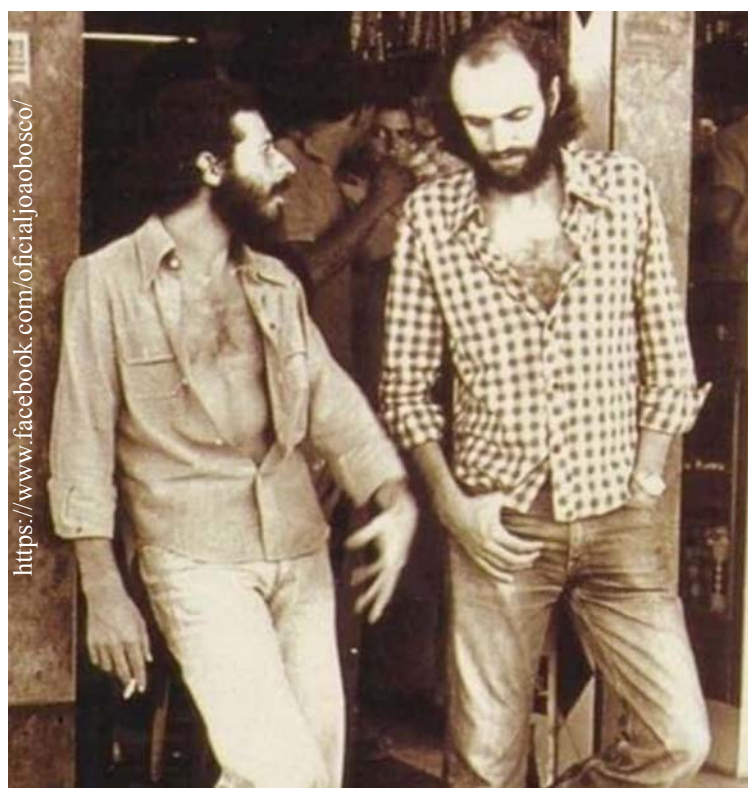
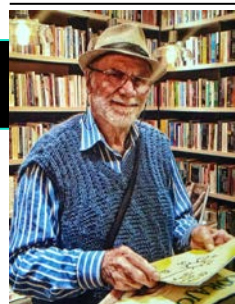
Todos vivemos movimentos de amizade com terceiros, mas de forma fragmentária e tangencial, quase sempre de acordo com os nossos interesses e conveniências. Afinal, o outro é apenas nosso coadjuvante, quando não nosso concorrente potencial. Daí ser quase impossível fincar nesses movimentos raízes profundas que nos livrem a cara de neles mostrar o que realmente somos: nosso egoísmo, ciúme, inveja ou vaidade, quando não o ódio, repulsa ou traição. Por mais que disfarçemos e tentemos ocultar essas imperfeições morais, elas continuam rondando e se insinuando indiscretas, ao menor descuido, nas fissuras abertas em nosso caráter.

Não foi por acaso que o filósofo chinês Lao-Tsé sentenciou: “Não há segredo da alma que o comportamento não revele”. Nosso acervo de disfarces para camuflar o que verdadeiramente somos, pode ser ardiloso, mas será sempre precário e limitado.

Desprovidos da permanência necessária que os habilitem a suportar os ventos e tempestades da vida, esses movimentos de amizade sincera são raríssimos. Reclamam, para manter sua chama ardente e viva, o sopro dos mecanismos da maturidade e da habilidade dos equilibristas. Mais fácil acertar na loteria. É comovente na história da família de João Bosco, em Ponte Nova (MG), a amizade exemplar estabelecida de forma natural e espontânea entre Aldir Blanc e o sr. Daniel Mucci, pai de João, desde que se conheceram, em tempos longínquos, naquela pacata cidadezinha mineira. Daniel era homem simples. De origem síria, como tantos moradores dali, onde a colônia árabe era grande, levava existência modesta, sem qualquer “grilo” de ordem material ou metafísica. Essa relação fraterna vivida pelos dois, com grande transparência e nenhuma ranhura, anos a fio, constitui fato notável e nada tem a ver com a dupla de músicos formada por Aldir Blanc e João Bosco.

Ela é uma aventura à parte. Nossos protagonistas pareciam intuir tudo sobre a alma e os sentimentos, um do outro. Embora de diferentes idades e mesmo reconhecendo que seu convívio não era diário, até porque Aldir morava no Rio e Daniel em Minas, não deixou de ser uma relação excepcional. Aldir era intelectual e doutor, mas chutou o “canudo” e se “amancebou” com a música. Daniel era securitário e vendia “bugigangas” domésticas para reforçar o orçamento. E assim vivia em paz.

Habitando mundos tão diversos, essa amizade atendia aos seus impulsos íntimos, impossíveis de domesticar ou demarcar. Como escreveu Pascal “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. E as razões deles pareciam ser a de celebrar, com naturalidade e despreensão, o sagrado exercício da fraternidade universal, preconizada pelo Mestre. Feita de gestos cotidianos prosaicos, era pura como a água cristalina da fonte. Por isso, capaz até de reverberar um pouquinho de inveja, em todos nós. Quando Aldir deixava o sufoco do Rio pra “desenferrujar a alma”, na roça, em Ponte Nova, sabia que ali o aguardava seu parceiro ideal pra fruir dias de relaxamento e paz. Era a oportunidade de sentirem-se livres pra pescar cascudos, vadiar pelo vilarejo, jogar conversa fora, cartear, tomar cervejas e chupar laranjas no quintal da casa de Daniel, que o aguardava, desde cedo, sentado num caixote... de laranjas. Era a época em que se “amarrava cachorro com linguiça”, como se dizia. Não



Na foto, os jovens Bosco & Blanc

<https://www.facebook.com/oficialjoaosbosco/>

havia a violência e os desmandos de hoje. Bebiam bem, deitavam tarde e ainda conseguiam o prodígio de acordar cedo. Entre eles parecia haver uma comunicação telepática, como a conhecida entre os médiuns. Eram como duas metades que se completavam. Uma espécie de Yin e Yang.

Regida pela camaradagem, respeito mútuo e simplicidade, durou quanto Deus o permitiu, ou seja, até a partida do sr. Daniel Mucci, aos 65 anos. Vista hoje com a perspectiva do tempo, vemos que foi justo prêmio alcançado por eles. Marcada pela generosidade e nobreza de sentimentos, passou há anos-luz das vulgaridades do mundo. Esse tipo de relação só pode florescer no coração de homens bons. Ela passa ao largo de títulos, dinheiro, posses, competição, enfim, frivolidades tolas que tanto infernizam a vida da gente.

No terreno da música, por questão de justiça, abrimos um parêntese para realçar, aqui, outra dupla de amizade exemplar e decisiva, justamente na vida de Aldir Blanc e João Bosco: referimo-nos a Tom Jobim e Vinicius de Moraes, simbiose perfeita entre esses dois gênios e seres humanos especiais, amados por todos. Aliás, Tom participaria da primeira gravação da dupla Aldir Blanc e João Bosco, no Disco de Bolso do Pasquim, de, 1972, cantando “Águas de Março”, no lado “A”, e João Bosco, dele e Aldir Blanc, “Agnus Sei”, no Lado “B”. O disco era “O Tom de Antonio Carlos Jobim e o do Tal de João Bosco”, colocando, lado a lado, um artista consagrado e um novato. Vinicius de Moraes seria o mentor e conselheiro de João Bosco e foi quem o acolheu amorosamente no Pouso do Rei, em Ouro Preto, em 1967, mesmo ignorando quem seria aquele rapaz que audaciosamente batia à sua porta, armado com um insolente violão e um amigo de Faculdade, ao lado, para mostrar suas canções, e que dali acabariam inaugurando uma inesperada parceria. E pensar que um ano antes, Vinicius, poeta e homem consagrado internacionalmente, sentara-se ao lado de Sophia Loren, como jurado do Festival de Cinema de Cannes, por ela presidido.

Isso reflete sua simplicidade e grandeza de coração, pouco se lixando para as efemeridades do mundo. Uma coisa é certa: só homens muito especiais, dotados de elevado padrão vibratório e afinidade espiritual são capazes desses gestos, passando ao largo das convenções idiotas do mundo burocrático e desumano. A relação fraterna e original, sem os azedumes da disputa ou da discórdia, entre Aldir Blanc e Daniel Mucci, dispensava manuais de boas maneiras e tratados eruditos de Filosofia. Nasceu espontânea e inesperada: “furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”, como escreveu Carlos Drummond de Andrade, no poema “A Flor e a Náusea”.



Está bela foto com Drummond gravando na Barra da Tijuca 2 LPs com seus poemas, é do fotógrafo Pedrob Moraes, filho do Vinicius de Moraes. Ganhei dele de presente num encontro nosso no apto. da Suzana de Moraes, em Ipanema, na rua Barão de Jaguaripe, por volta de 1980. Suzana era irmã de Pedro de Moraes.

Traduzindo seu arrojo como goleiro disputado da Pontenovense, Daniel tinha os dedos das mãos tortos, deformados, e teve até dentes quebrados, nos seus embates nos gramados. Por isso, Aldir o “sentia” atuando, segundo João Bosco, graças à sua lucidez e imaginação poética, quando ouvia as odisseias do amigo. Como tudo na vida é passageiro, foi traumático e inesperado o desfecho da formidável dupla Aldir Blanc e Daniel Mucci. Um dia, Aldir saiu do Rio com destino a Ponte Nova pra rever seu amigo, que não via há algum tempo. Ansioso, desembarcou em Minas trazendo muitos livros na bolsa e na mão, sua chave secreta (da bondade) que abria o coração do parceiro, quando recebeu, chocado, a notícia de que Daniel partira para a eternidade. Aldir viu abrir-se à sua frente uma brutal cratera afetiva.

Mesmo sendo calejado na dor e detentor de reservas colossais de resignação e humanidade, agora, só dando tempo ao tempo para consolar seu coração de menino, ferido de forma tão dilacerante. E concordar, com Sófocles, que escreveu, em “Antígona”: “A morte é a única agressão de que não podemos nos defender por nenhuma

Lembramos, por analogia, que nem Freud e Jung, dois gigantes da ciência e profundo conhecedores da alma humana, conseguiram essa proeza. Romperam a amizade e se separaram em poucos anos de convívio. Curioso é que Daniel Mucci nada tinha a ver com música. Nem como “carregador de piano”, digamos. Mas foi, o que é surpreendente, um grande goleiro da Pontenovense e amigo de Carlos José Castilho (1927-1987), consagrado goleiro do Fluminense, do Rio, e da Seleção Brasileira de Futebol. Motivo para Daniel ter sido Fluminense de doer. Aldir Blanc, cruzmaltino fiel e crítico feroz de Eurico Miranda, mandão e Presidente do Vasco, foi apenas “peladeiro” de finais de semana, além de “sinuqueiro” habitual – chegou a ter uma mesa de sinuca em casa – tabelando com Paulinho da Viola, João Nogueira e outros bambas do samba e do taco. Mas nunca viu Daniel jogar. Como adorava futebol, deve ter ouvido mil histórias do amigo sobre sua carreira, sua época e seus feitos nos gramados, como comprovavam os troféus, diplomas e medalhas que Daniel conservava em casa.

fuga...” Essa perda teria um desdobramento inesperado e que resultaria em comovente homenagem póstuma (musical) a Daniel, através de uma canção concebida a seis mãos, pelo triunvirato formado por João Donato, Aldir Blanc e João Bosco, que fizeram “Nossas Últimas Viagens”, intuída por João Bosco num lance aparentemente fortuito. Seus versos reproduzem o cotidiano quase campesino e orvalhado de Aldir Blanc e Daniel Mucci, em Ponte Nova, pintados com as cores da paleta de Aldir Blanc.

Vamos à sua gênese: João Bosco passara um dia e uma noite trabalhando com música e tomando umas e outras na casa do compositor João Donato, pessoa adorável e seu amigo de fé. Ao deixá-lo para ir pra casa, João Donato foi levá-lo até a porta e, na hora de despedir-se, cantou duas frases de uma melodia indefinida, como quem se despede de alguém com muita ternura, como era do seu feitio. João Bosco partiu, mas alguma coisa ficou remexendo na sua cabeça. Havia algo misterioso naquelas duas singelas frases, ditas de forma tão amorosa pelo Donato. Passado algum tempo e numa período em que ele estava circunstancialmente um pouco distanciado de Aldir Blanc, João Bosco pegou seu violão e desenvolveu o tema. Acabou fazendo uma música que, mostrada a João Donato, receberia dele acolhedora recepção. E, a seguir, a sugestão de que deveria pôr uma letra nela. Como João Bosco pensou em recorrer a Aldir Blanc pra fazê-la, falou, antes, com Donato, pra sondar se ele não se melindraria com isso. Como Donato adorava o Aldir e sabia da sua inventividade, achou a ideia ótima e assim foi feito. Aldir recebeu a música e mandou a letra de volta, pelo correio. Ela fala de sua última viagem a Ponte Nova pra visitar o amigo Daniel e, quando, lá chegando, é notificado da sua partida. A canção termina com estes tocantes versos, vazados em linguagem popular, refletindo a singeleza do universo de Daniel: “Nem botei as flô na cova/ Saí sem olhar pra trás/ Fomo os dois de Ponte Nova/ Não voltamo nunca mais...”

Ela seria gravada com o mais profundo sentimento por João Bosco, no Songbook do João Donato; a seguir, Dominginhos, igualmente emocionado, a gravaria no Songbook do João Bosco que, finalmente, também a cantaria no Canal Brasil, com Aldir Blanc ao seu lado, cerrando os olhos e balançando a cabeça, levemente, ao ritmo da canção, como que “sentindo” a presença de Daniel ali, com eles. Tempos depois, numa noite qualquer, Aldir Blanc estava na casa de João Bosco, no Rio, onde já tinham biritado todas. Bisbilhotava as estantes de livros da sala, onde também havia uma infinidade de retratos em molduras, objetos de adorno e outros chavecos. Num nicho muito discreto, Aldir descobriu, surpreso, uma rara foto de Daniel, dessas tipo 18x24. Quando triscou os olhos nela, desabou em prantos, tomado de profunda emoção, como uma criança que encontrasse o retrato do pai, que saíra em viagem para nunca mais voltar.

<https://www.facebook.com/oficialjoabosco/>



do bebê Bosco no colinho de Dona Lilá, ao lado do pai “Seu” Daniel, e das irmãs: Sãozinha, Ana Maria, Ivone, Norminha e Auxiliadora, lá em Ponte Nova, Minas Gerais? Ainda faltam os irmãos Juju, Tunai, Savinho e Margareth, para completar o time dos 10 filhos!

Por fim, algumas palavras adicionais sobre a nobreza de caráter do nosso inigualável Aldir Blanc: leitor voraz dos Clássicos e dos populares, encontramos na figura do sonhador e visionário personagem Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, herói do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, em seus traços essenciais, o perfil “cuspido e escarrado” de Aldir Blanc, assim descrito pela sensibilidade do autor: “Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d’alma que vão habitar esses homens de uma ideia fixa, os grandes estudiosos, os sábios e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas. É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça.”

Que nossos inesquecíveis amigos Aldir Blanc e Daniel Mucci continuem eternamente em nossos corações, contemplando, das estrelas, João Bosco e Dominginhos cantar “Nossas Últimas Viagens”, tomando umas boas cervejas (sem álcool) e chupando laranjas sem agrotóxicos.

Link da canção “Nossas Últimas Viagens”



<https://www.facebook.com/filipetorresmus/videos/2559382490968059>

Uma reflexão sobre o hábito de leitura no Brasil (e 2 sugestões de projetos que você pode ajudar)



Para um país emergente como o Brasil se tornar um país de primeiro mundo, existem muitos caminhos a serem trilhados, mas o passo mais simples e mais lógico seria investir primeiramente em educação, desde o ensino infantil até os mais altos níveis do ensino superior, em grande escala e de maneira agressiva, lição esta que ainda não foi aprendida pelos brasileiros.

E para que este primeiro passo tenha sucesso, é necessário um grande incentivo ao desenvolvimento do hábito da leitura, desde cedo, mesmo antes da alfabetização, faz-se necessário despertar a magia e o interesse das crianças pelo fascinante mundo da leitura e do charme que os livros carregam consigo.

Infelizmente o Brasil tem um péssimo índice anual de leitura entre seus cidadãos. Segundo o portal de notícias G1, o brasileiro lê apenas 2,43 livros por ano (publicado em 06/01/2019, “Retratos da leitura no

Brasil”). Em comparação com o líder do ranking, os franceses lêem 21 livros por ano, conforme o portal de notícias UOL (publicado em 13/03/2019, “Franceses leem 21 livros por ano...”).

E como desenvolver esse hábito nas crianças? Segue algumas sugestões: com as crianças não alfabetizadas, tenha o hábito de ler contos para elas antes de dormir, deitados na cama; com as crianças já alfabetizadas, crie o hábito de fazer rodas de leituras uma vez por dia (após o almoço ou o jantar, por exemplo); uma vez por semana tenha o hábito de levar crianças e jovens em livrarias: peguem vários livros e os desfrutem nos sofás, cadeiras, pufs, tapetes, corredores; sempre que for comprar um presente (brinquedo, roupa), compre junto um livro; quando houver o lançamento de um livro, leve as crianças e jovens para prestigiar: compre o livro, pegue o autógrafo, tire uma foto, poste nas redes sociais.

E como desenvolver esse hábito nos adultos? Comece lendo assuntos que você gosta: ficção, não-ficção, romance, poesia, biografia, política, economia, literatura etc.; Se o problema é a dificuldade de ler qualquer coisa, comece lendo poucas páginas por vez (leia de 10 em 10, depois vá aumentando gradativamente). O importante é ler todo dia, mesmo que seja poucas páginas, o importante é criar a rotina de ler todo dia.

Se o problema for dinheiro, não adianta dizer que os livros nas livrarias são muito caros, existem opções muito boas e baratas. Os sebos são lugares que vendem livros usados a preços bem acessíveis e costumam ter muito boas surpresas. Nos centros das grandes cidades e nos arredores das universidades costumam ter a maior concentração de sebos das cidades. Para quem preza pelo conforto de receber em casa, a dica é o site da Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/>) onde você pode consultar o acervo de muitos sebos e livrarias do Brasil inteiro, podendo ordenar o filtro do site por preço, por edição mais nova ou mais antiga, nome de autor, ordem alfabética.

Bibliotecas públicas costumam ser um ótimo lugar para visitar, tanto pela sua beleza arquitetônica quanto pelo seu rico acervo. Consulte os sites da secretaria municipal e a secretaria estadual da cultura da sua região para consultar a lista de endereços.

Você gostaria de ajudar dois projetos que incentivam a leitura e a preservação dos livros. Seguem abaixo duas sugestões:

Se você mora / trabalha na região metropolitana de Londrina (Paraná), na cidade de Tamarana há um lindo projeto chamado "Leitura na Rua Tamarana"



desenvolvido pelo jornalista Lucas Marcondes. O projeto consiste em 3 geladeiras que ficam em pontos de grande movimentação da cidade, todas devidamente recheadas de livros de literatura. Para se deliciar com tais livros, basta o interessado se dirigir a uma dessas geladeiras, escolher um livro, levar para casa, ler e depois devolver. Não é necessário fazer cadastro algum, pois acredita-se na boa fé de que o livro será devolvido. Quem tiver interesse em doar livros de literatura (não importa a quantidade) e/ou geladeiras (para que mais locais tenham acesso a mais livros), segue os contatos do jornalista Lucas



Marcondes, criador do projeto:

E-mail: leituranaruatamarana@gmail.com

Instagram: <https://www.instagram.com/leituranaruatamarana/?hl=pt-br>

Se você mora / trabalha na cidade de São Paulo ou no Grande ABC, a escola ETEC José Rocha Mendes possui 3 cursos técnicos gratuitos no período noturno dentro da Escola Amadeu Amaral, onde ela aceita doações de livros dos seguintes temas: Administração, Recursos Humanos, Departamento Pessoal, Psicologia, Marketing, Empreendedorismo, Contabilidade, Tributos, Economia, Direito, Legislação, CLT, CDC, Produção, Logística, literatura e dicionários. Quem tiver interesse em doar livros (não importa se são livros novos ou usados, não importa o ano e não importa a quantidade), segue o contato do Professor Rogério (voluntário que cuida da biblioteca, ele retira a doação em qualquer lugar da cidade de São Paulo e do Grande ABC): 11-97243-0387 (WhatsApp).

Webgrafia:

Fonte 01: <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/01/06/retratos-da-leitura-no-brasil.ghtml>

Fonte 02: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/03/13/franceses-leem-21-livros-por-ano-cinco-vezes-mais-que-brasileiros.htm>

Fonte 03: <https://todateen.uol.com.br/dicas-para-criar-habito-leitura/>



ENCONTRO ONLINE COM AUTOR: Wilson Lório

Poeta e escritor há 26 anos, apresenta sua primeira obra literária "Na Contramao de Um Pensamento", onde se expressa e fala sobre as alegrias e mazelas humanas no dia a dia.

SÁBADO | 20 DE MARÇO | ÀS 11H00
SAPOEMBA

O link para o encontro será disponibilizado no dia nas redes sociais das Fábricas de Cultura.



FÁBRICAS DE CULTURA

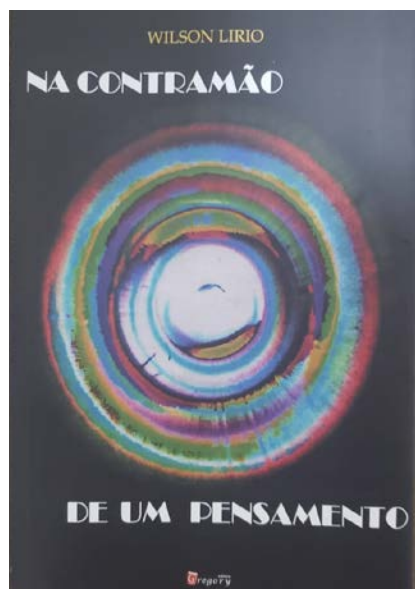
Perfil do Facebook: <https://www.facebook.com/wilson.gigio>

Facebook da página: [facebook.com/NaContramaoDeUmPensamento](https://www.facebook.com/NaContramaoDeUmPensamento)

"Na Contramao de um Pensamento" - Versão Digital na Amazon: [amazon.com.br/Na-Contramao-Pensamento-Wilson-Lório-ebook/dp/B0873BRTL1](https://www.amazon.com.br/Na-Contramao-Pensamento-Wilson-Lório-ebook/dp/B0873BRTL1)

Blog (contendo fotos e poesias disponíveis no livro):

deliriosconcretos.wordpress.com



III EPIM 3º Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação unesp UNESP Campus Marília 7 e 8 de junho de 2021

INSCRIÇÕES VIA DEPÓSITO

Banco: Banco do Brasil S/A
Número do Banco: 001
Agência: 0037x
Conta Corrente: 550.000-1
Nome: Fundação para o Desenvolvimento de Bauri (FUNDEB)
CNPJ: 01664591000164

Até 31/05

Importante: Após efetuar o pagamento no Banco do Brasil, enviar e-mail para fundeb@fundeb.org.br, com o comprovante de pagamento e informando o nome do inscrito.

VALORES III EPIM VIRTUAL:

Pesquisadores e Profissionais: **R\$ 50,00**
Estudantes de Pós-graduação: **R\$ 30,00**
Estudantes de Graduação: **R\$ 15,00**

III EPIM 3º Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação unesp UNESP Campus Marília 7 e 8 de junho de 2021

Política das Modalidades:

Trabalho completo: de 15 a 20 páginas;
Pôster: de 7 a 8 páginas,

SUBMETA SEU TRABALHO ATÉ 22 de março de 2021!

* A Comissão Organizadora do III EPIM fornece template e instruções para elaboração dos trabalhos (disponível no site);
* Cada trabalho pode ter no máximo 5 (cinco) autores;
* A cada participante é permitida a submissão de no máximo 5 (cinco) trabalhos como um todo no III EPIM, ou seja, considerando as duas modalidades de submissão.

ATENÇÃO:

O 3º EPIM será realizado de modo virtual nos dias 07 e 08 de junho de 2021!

PALESTRAS NO YouTube

APRESENTAÇÕES NO Google Meet

ESPERAMOS VOCÊ!

III EPIM 3º Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação unesp UNESP Campus Marília 7 e 8 de junho de 2021

O Evento é promovido pelos:

Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP e da UEL

ppgci unesp PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO Universidade Estadual de Londrina

III EPIM 3º Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação unesp UNESP Campus Marília 7 e 8 de junho de 2021

O III EPIM virtual tem como foco:

Debater as mediações no contexto da Ciência da Informação (e áreas afins), deflagradas por profissionais da informação - com ou sem o uso de tecnologia - no âmbito ou não de equipamentos informacionais, culturais e educacionais.

ROGÉRIO DOS SANTOS MOURA é bacharel em Administração pela PUC-SP (2006), possui licenciatura em Administração pela FATEC-SP (2010), possui Lato Sensu em Gestão Estratégica de Pessoas pela Faculdade São Luis (2014) e cursa nesse momento Lato Sensu em Psicologia Organizacional pela Universidade Ibirapuera (conclusão prevista para 2021).

Desde 2007 é professor do Centro Paula Souza no Eixo de Gestão e Negócios, nas disciplinas de Recursos Humanos, Marketing, Economia, Direito, Produção, Empreendedorismo, Logística.

É autor do livro "Manual da Administração - Volume Um - Obras Clássicas", publicado em 2019.

"Empregabilidade - 50 dicas para aumentar as suas chances de conquistar um novo emprego", publicado em 2020, é seu segundo livro, o primeiro em parceria com sua esposa Maria Moura.

"Uma jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo" (O Rei Leão)

"Se você pode sonhar, você pode fazer" (Walt Disney)

"Tenha fé em Deus (Marcos 11: 22)

ISBN 978-65-00-09100-2

Maria Moura Rogério Moura

EMPREGABILIDADE

50 Dicas para Você Conquistar seu Novo Emprego

EMPREGABILIDADE: 50 DICAS PARA VOCÊ CONQUISTAR SEU NOVO EMPREGO

EMPREGO NOVO Nome: Maria Moura Cargo: Psicóloga Admissão: HOJE

EMPREGO NOVO!!! Nome: Rogério Moura Cargo: Administrador Admissão: HOJE

MARIA MOURA é bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Santo André (2007), possui licenciatura em Psicologia pela FATEC-SP (2010), possui Lato Sensu em Psicologia do Esporte pelo Instituto Sedes Sapientiae (2013), possui Lato Sensu em Terapia Cognitivo Comportamental pelo Instituto Capacitar (2020) e cursa nesse momento Lato Sensu em Psicologia Organizacional pela Universidade Ibirapuera e Lato Sensu em Orientação Vocacional pela Faculdade Futura, ambos com previsão de conclusão para 2021. É Técnica em Processamento de Dados pela Etec Professor Camargo Aranha (1997).

Foi educadora social de 1997 a 2001 no Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente "Mônica Paiva Trevisan".

Foi encarregada de RH de 2003 a 2009 na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo.

Desde 2009 é professora do Centro Paula Souza no Eixo Gestão e Negócios, nas disciplinas Ética e Cidadania Organizacional, Departamento Pessoal, Recursos Humanos e Comportamento do Consumidor. Também já exerceu no Centro Paula Souza os cargos de coordenadora de curso, coordenadora de classe descentralizada, coordenadora pedagógica e orientadora educacional.

É autora do e-book "DNA Vocacional - A Origem do seu Futuro", publicado em Agosto de 2020. Este é seu primeiro livro.

"Empregabilidade - 50 dicas para você conquistar seu novo emprego", publicado em Dezembro de 2020, é seu segundo livro, o primeiro em parceria com seu marido Rogério dos Santos Moura.

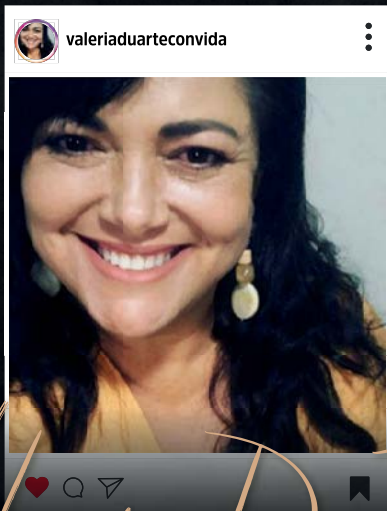
Nota dos autores

Este livro é para toda pessoa sonhadora que almeja um futuro profissional de sucesso. Que ela encontre nestas páginas a trilha que a conduzirá à profissão dos eu coração. Que a partir desta leitura, ela desenvolva a coragem de acreditar em si, resgatando o próprio potencial para ter metas ousadas e grandiosas. Que ela encontre inspiração, mas também uma rota para chegar mais rápido, mais longe e mais segura em seus objetivos. Esperamos que esta leitura lhe confira audácia e transformação.

Maria Moura

Rogério dos Santos Moura

São Paulo, 01 de Dezembro de 2020.



Valéria Duarte

CONVIDA

Ola!

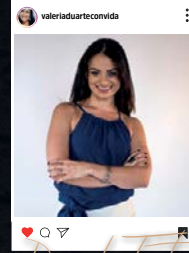
Eu sou Valéria Duarte comunicadora por natureza, participei inúmeras vezes em quadros dos Programas de variedades das emissoras de Londrina e estou aqui para falar com você sobre um programa local de IGTV que vai trazer muita diversão e conhecimento! Esse programa reúne experts de vários nichos, se tornando atraente como uma revista, só que agora uma info revista!

Estou apresentando a você o programa **Valéria Duarte convida!**

Essa info revista acontece no Instagram em lives diárias de uma hora e sempre com temáticas inovadoras, no IGTV @valeriaduarteconvida. Temos um programa totalmente novo, disponível para todo o mundo pois o IGTV não conhece limites geográficos.



Conheça nossos experts e sua área de atuação e venha pro bate papo mais animado das redes sociais!



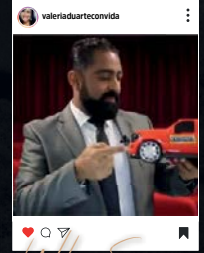
Danièle Trisfao
@psicolsando

Psicóloga e Mestre em Análise do Comportamento, orientação qualificada que alia maternidade real com desenvolvimento infantil saudável e feliz, no quadro **Psicolsando**



Thiago Pantojã
@cozinhadopanta

Thiago Pantojã, o Panta! Cozinheiro, trará no quadro **Papo com Panta** dicas de receitas super Pantiásticas, entrevistas e convidados para degustar deliciosas!



Wilson Saraiva
@dnavencedor

Empreendedor, coach com histórias de superação a cada semana, no quadro **DNA Vencedor**



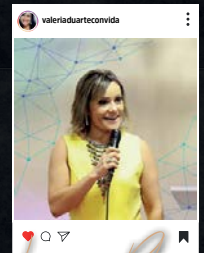
Danièle Zucker
@daniellezucker

Proletora de animais há 26 anos, vereadora no segundo mandato em Londrina, traz informações sobre as políticas públicas e dicas para o universo PET, no quadro **Animais em Foco**



Juarez Torres
@dr.juareztorres

Psicanalista clínico, coordenador do Projeto Eu Me Importo, que é focado em saúde emocional, estará cuidando de você, no quadro **Minutos do Divã**



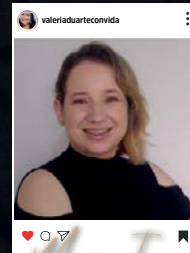
Luzimar Ribeiro
@luzimarribeiro1

Psicanalista focada no universo feminino, leva mulheres a se conhecer e se realizar, no quadro **Empreender a Própria Vida**



Sarah Silva
@sarah_de_ldna

Professoras em diálogos com dicas sobre educação escolar, no quadro **Conectar e Aprender**



Marisa Iaroz
@marisa_iaroz



Seja um parceiro! Fale comigo:

43 98453-6020
@valeriaduartelondri



Seja um parceiro! Fale comigo:

43 98453-6020
@valeriaduartelondri

S MONTINI

Studio arte

2021

você começa com novas
PERSPECTIVAS

Aulas com planejamento individual e turmas com no máximo três alunos

MATRÍCULAS ABERTAS A PARTIR DE 08/02

ARTE & CRIAÇÃO



Made online: 12 anos

INICIAÇÃO AO DESENHO



Made online: 12 anos

PINTURA EM TELA



Clase/Acrilica
Idade realista: 13 anos

DESENHO ARTÍSTICO



Made online: 13 anos

CURSO DE DESENHO - UEL

Curso preparatório para as

Provas de Habilidade Específica (UEL):

ARQUITETURA, ARTES VISUAIS, DESIGN E MODA



Rua Dinamarca, 1645 - 1º Andar - Centro - CAMBÉ/PR
Telefones: (43) 3312-5661 / 99641-7642



ALMALONDRINA
rádio web



<https://almalondrina.com.br/>

ESPAÇO DE LEITURA

lêmocian

Precisa de doação de livros

O livro que marcou a sua vida,
pode ajudar a escrever outras histórias!

Entrega das doações na
av rio branco,820 - Londrina ou entre
em contato com 43 3378-8759

Cultura930

PORTAL DE CULTURA

<https://www.radios.com.br/aovivo/radio-cultura-930-am/12410>

**A sua colaboração
é fundamental para
continuarmos as nossas
publicações de maneira
gratuita e independente.**

Quer colaborar com o nosso
projeto?

FAZ UM PIX

CHAVE:
CPF: 18462125880

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



PIX
powered by Banco Central



**HOMOFOBIA
É CRIME!**

**RACISMO É CRIME!
DENUNCIE
DISQUE 100**

Lei de nº 7.716/1989

A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”.

QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?



Ilustração - Wilson Inacio



VACINE-SE CONTRA O NEGACIONISMO

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#15 Lockdown

Literatura





2021

EDIÇÃO

LUTA

FEMINISTA

CIRCUITO INTERNACIONAL DE
POEMAS BATUQUE NA CAIXA

Realização:



Adriana Ribeiro



Maria Helena de Oliveira Morais



Raquel Martins Pereira



Níva Dematé Zolandez



Nanda Fellyx



Cinthia Cortegoso



Consuelo Pagani



Samantha Abreu



Josefa Lima



Érica Furlan



Mariana Bittencourt



Nereide Santa Rosa



Pérola Gandra

Poema completo em: www.batuquenacaixa.blogspot.com

“Foi com satisfação que organizei junto com Aldo Moraes e Wilson Inácio esta especial edição do Circuito Internacional de Poemas batuque na caixa.

A mulher tão presente em nossa sociedade se manifesta neste evento como força cultural abordando poéticas diversas da vida profissional, do cotidiano, dos sonhos e desafios perante à pandemia e ao próprio século XXI.

Tenho muito orgulho em participar da organização e do contato com muitas das autoras de diferentes lugares do Brasil e até do exterior. E que diariamente engrandecem a literatura e a cultura contemporânea.

Saúdo estas corajosas e talentosas mulheres. E saúdo os leitores e leitoras da Revista D’arte nesta jornada incrível que na edição da revista inclui fotos de mulheres ligadas à cultura popular de Arauá, no Sergipe.

Jéssica Ramos
coordenadora regional do batuque na caixa
Organizadora do *Circuito Internacional de Poemas Edição Mulher*



Maria Helena de Oliveira Moraes

No tempo do ferro e brasa, em que tudo era mais difícil, comecei a prestar atenção em como minha mãe passava roupas e preparava os alimentos. Não havia palha de aço, mas as casas tinham que estar bem lavadas e o fogão era a lenha.

Meus pais mantinham uma pequena pensão em casa e a clientela era quase exclusivamente os jovens que vinham de fora, fazer estágio na Rede Ferroviária. Lá passaram índios, bugres e muita gente do Paraná e Santa Catarina.

Lembro que o bugre não sentava para comer. Ficava agachado, com o prato na palma da mão. E era tão cismado que uma simples folha que caía da árvore, o assustava. Mas ele gostava das crianças e brincava de me puxar num carrinho de madeira e batia corda pra gente pular.

Mas quando a gente ia se acostumando com uma turma, tinha que se despedir e se preparar para receber outro grupo, pois ficavam na cidade, somente o tempo do estágio.

MARIA HLENA DE OLIVEIRA MORAIS

In Livro Minha vida, meu bairro, minha cidade (2020)

Aos 78 anos, Maria H O Moraes nasceu em Ourinhos/SP e desde 1958 reside em Londrina/PR/. Cantora, Helena é também autora do livro Minha vida meu bairro minha cidade e da revista Memória da mulher negra londrinense.

Caminhos sobre nuvens

O tempo é a mais contundente verdade do ser humano.

Quando ultrapassamos obstáculos e vencemos desafios, a passagem do tempo fica tão próxima que chegamos senti-la ao toque dos dedos.

Quando as imagens são reais, o espelho evidencia nossos limites .

No entanto, a experiência adquirida compensa nossos dissabores.

A alegria de vencer o tempo a cada dia nos enleva através das horas. Momentos felizes, sem esquecer das tristezas. Momentos de reflexão, Caminhos sobre nuvens Ledos Pedacos de si mesmo Vivos. Mortos. De esperanças de quem trilha

E busca . Se desespera. Transgride. Agride e transforma.

Forma e reforma. Pedacos de alegria Sentimentos que se pedem Se despedem Sobre as nuvens do caminho Na bruma, Na brisa Na névoa Na busca Um caminho que se perde

Confunde e ameaça Amedronta a quem o busca Aconchega a quem o despreza Caminho sobre nuvens Negras e pesadas Que afinal se dissipam Ou se condensam E desaparecem Na bruma do tempo em meio a madrugada.



Nereide Santa Rosa

Nereide Schilaro Santa Rosa é pedagoga, arte educadora e escritora especializada em cultura e arte. Já publicou cerca de 50 livros em diferentes editoras desde 1990; é vencedora do Prêmio Jabuti de 2004 com a coleção "A arte de olhar", e de vários outros prêmios conferidos pela Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil (FNLIJ).

“Se cansar esqueça a Cinderela
Joga o sapato
Vira gata borralheira”

“A liberdade está logo ali
Se rompo esse casulo
Crio asas e viro borboleta”

O que um vestido de flores não faz?
Aumenta o horizonte...
Ela sente-se capaz”



Nilva Dematé Zolandek

Nilva Dematé Zolandek é formada em Letras – Literatura e pós-graduada em Literatura Brasileira e em Educação no Campo. Fez Programa de Formação de Docentes do Estado do Paraná em Literatura e Educação no Campo e é professora de Português e Literatura há 24 anos na rede pública paranaense. Participou da FLIP 2019 e é autora dos livros *Águas que passam* e *Vidas partidas*

“Memorial”

Regresso ao Sul à Inocência
À memória mais feliz por inventar
Às portas da vivenda abandonada
onde brinquei

À mão da avó
pousada sobre a minha cabeça
Regresso aos cheiros aos figos das piteiras
Ao mel das flores agrestes
Ao cais ao mar à frescura

do atum e das palavras do Avô
Às sereias e monstros nas paredes
despertos pela chama do petróleo

Regresso
à porta de zinco atravessada
não sei por quantas mulheres toucadas
de branco

e ao riso e ao canto daquelas bocas
espantando a prata da sardinha...

Regresso a Ayamonte

levada pela mão do avô
e à sevilhana que fui nos carnavais da infância
de castanholas e mantilha
“por donde vás de mantilla, guapa?”

Regresso
de vez em quando regresso ao baú da memória
e dele tiro um pouco do tudo que lá existe
para contar



Josefa Lima

Josefa de Lima, in “I Antologia de Escritores de Albufeira” – 2009 - 9L/Nove Letras
Nascida em Vila Real de Santo António, Portugal, Josefa Lima começou a publicar sua poesia em jornais, ainda na década de 1970, tendo visto poemas seus em jornais como “Jornal Tamar”, de Cascais; “Jornal de Queluz”; “Informilo”, um Boletim de Esperanto; “Mensagem” e “Brigantino”. Para o “Jornal do Algarve” escreveu novela e artigos de opinião.

SINÔNIMO PERFEITO

Olhando com calma,
vê-se no olhar da mulher
a luz forte a seguir.
Olhando com amor,
vê-se a razão
dos outros sorrisos.
Abraço que quer
sempre abraçar como
mãe... irmã...
companheira... amiga,
como a base definida
de uma família,
como professora,
segunda mãe amorosa
no curso da vida.
Antes de revidar
inúmeras ofensas,
prefere doar um sorriso
mais tranquilo,
pois como ser sábio,
já compreendeu que
atitudes covardes
nunca criaram
verdadeiros heróis e heroínas.
Somente as flores
podem compreender
perfeitamente
a figura feminina,
possuem elas
as mesmas características:
inteira identificação.
Mulher que gera filhos,
continuidade da história,
gera também a vontade,
nos filhos, para continuarem
a viver, oh, mãe querida.
E o céu olha bendizendo
sempre a mulher.
Do alto é visto
muita luz no solo terreno.
Há bem mais mulheres aqui.
E é do solo
que as flores naturais
também nascem
para continuarem,
principalmente,
animando
as flores terrenas



Cinthia Cortegoso

Cínthia Cortegoso é natural de Londrina, professora de português, espanhol, italiano e inglês. Sócia na empresa Agência das Letras, colabora com a Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina e publica contos, crônicas e poemas.

sem título #9

eu te divido para poder te conceber
ao ver-te inteira, eu me pasmo e nem
disfarço
meu passo firme já não é, abre-se em
abismo
e do que sou já não sei mais o que
faço

um dia cinza, um jardim tropical
vens corça, bela; (chega, para, pousa,
fica)
eu que, porém, não ouse aproximar-me
muito
ou então foges: és também jaguatirica

te lembro menina, me persegue a
mulher
tem parte amiga, parte que é pura
paixão
parte tua parte do meu mais profundo
ser
outra parte tua flutua em ilusão

absoluta és, apenas em estar
absoluto amor, me conforta a solidão
quando tu és música me perco a
dançar
uivo se és lua e me ilumina o teu
clarão

te vejo cor e és, então, lábios carmim
e, quando água, doce como o riacho
tua parte ausente lembra tanto e
sempre de mim
e, se és choro, te acolhe o meu regaço

inteira és, mas nem sempre posso ver-
te
lembro-te as partes, estupefata:
quem foi que te inventou?

ponho-as juntas e vislumbro, então, a
deusa
ouça-me bem, minha flor, nunca se
esqueça:
você mesma foi quem se criou



Mariana Bittencourt

Mariana Bittencourt

Formada em Artes Visuais pela Faculdade Norte do Paraná e em Letras pela Unniversidade Estadual de Londrina, Mariana Bittencourt reflete sobre os aspectos mais intimistas da vida em sua poesia.

UMA ARROGANTE NO PODER

Por que estás, oh Toda Soberana

De nariz em pé, em teu cargo, a me humilhar? Escarniando, sem pudor, outras mulheres Que, como tu, estão aqui a trabalhar?

Desmereces, sem mesura, a várias delas Às Marias, Cecílias, Lucineias

Sabes pisar tanto em simples servidoras Como também em ilustres diretoras

Só porque pertences ao mais alto escalão?! Com tua empáfia a florando, sem limites

Mas fingindo, a todo o instante, seres simples, Não percebes que estás ridicularizando

A ti mesma e à Instituição?

Com teu discurso finges seres doce Mas o ácido que de tua boca escorre Sarcasticamente, corrosivo, vem ferir Pessoas boas, de carácter nobre

No palco, encenas... plateia a aplaude Mas, num deslize, de tua alma explode A pequenez insana, que de ti emana

Não tens, assim, o perfume das mulheres Nem colherás a doçura das flores Tampouco a maciez de suas pétalas...

Pois te contentas em gozar com as dores Dos que estão hierarquicamente abaixo de ti

Ao microfone, finges a meiguice

Mas és cobra... e como cobra formastes teu carácter E deixas teu veneno se esvair

Pisando em outrem, para, egoicamente Ver tua podridão os destruir

Qual é teu prazer, oh, “Dona da Grandeza” De maltratar, pisar em subalternos Constrangendo-os até suas entranhas?

Sabes que tua maldade é tamanha

Que muitos chegam, mesmo, a adoecer?

Esqueceste de tua essência feminina

De doçura, amor, sorrisos e candura,

Só porque tens agora nas mãos o Poder?

De que vale o Poder, se tu não honras Outros seres, que são gente como tu? Pois temos alma, dores, sentimentos Dignidade, e a todo o momento Zelamos pelo digno labutar!...

Oh, Grandiosa, oh! “Sapiência Máxima” Triste saber que és Mulher

E como tal, deverias bem cuidar

De outras mulheres que aí trabalham E a todo servidor, valorizar!

Qual é o teu prazer, oh, Rica Soberana

De humilhar às que lhe são subordinadas? Somos todas companheiras de jornada!

Lembra-te que a vida é como um rio, E nosso trabalho é apenas uma balsa

Que tentamos, à outra margem, chegar

O que tu ganhas com essa empáfia e arrogância? O que tu ganhas sucumbindo-nos ao chão?

Saiba que todas nós aqui estamos

P’ra ganharmos, *justamente*, nosso pão! Mas, constato, triste, infelizmente Que tu maltratas não só as donzelas Mas desdenhas daqueles e daquelas Que estão sob o seu triste rojão

A todos, sentes vil prazer

De subjugar-los, com o teu Poder Depreciando-os humilhantemente Matando sua dignidade, seu trabalho Abrindo chagas em seu coração

1. Mas, preste atenção oh, Toda PoderosaAo que irei, aqui, lhe alertar:

□ “Enquanto o teu peito, estufas Não vês que o véu da Hipocrisia Chega até ti, com grande zombaria E de mansinho, então, vai camuflandoO nobre cargo que tens a zelar?”

Mas quando tu te exaltasAchando□te imbatível Tua imagem de mulher Vem, inteira, a macular!

Tu te tornas pequenina

E até bem “menos” mulher Quando, às outras “sãs mulheres” Vens ridicularizar!

Oh, Infalível e Santa! Somos mulheres como tu! Agindo assim, não exalas Perfume de alma em flor

Não possuis a singeleza Que a nossa classe contém

Não contemplas céu e estrelas Nem o brilho do olhar, tens!

Pois a embófia sobe□lhe o peito O orgulho rouba□te a doçura

Mas finges ser mulher, com mil canduras E não sabes manter tua ternura Revelando, a todos, teu fingir

Apenas os teus belos discursos

São singelos e convencem ser profundos Pensam que enganam todo mundo

Mas há apenas falsidade no falar...

Lembra□te que cobra rasteja ... e que um dia Poderá ser esmagado o teu roço

Chegarás até o fundo do poço E será tarde p’ra pedir perdão

Lembra□te de que somos mulheres

E que altos cargos em nada adiantará O grito enlouquecido do amanhã!..

Façamos de nossa classe, nossa luta

E tenhamos, oh, Poderosa, o mesmo afã:

Que a Simplicidade seja nossa aliada O amor, a humildade, a reconstrução

De um mundo onde homens e mulheres Despertem p’ra nova conscientização

Só assim, a Paz renascerá Em ti, em mim, na Natureza

P’ra podermos viver em singeleza Com respeito humano... e união!

2. Guardem, pois, aqui, oh! MulheresAs palavras que direi, abaixo, Como valiosa e rica lição:

“Só somos mulheres poderosas Quando temos, por todos, o respeitoCarinho e comiseração!”

3. Enfim, mulheres de todas as classes Tenhamos – para sempre – e com todos: Humanidade, respeito e consideração!



Consuelo Pagani

CONSUELO PAGANI é natural de Corinto/MG, reside em Vitória/ES. Poetisa e escritora de livros infantojuvenis. Pós graduada em Arteterapia/UFES. Ganhou o título de Mini Escritora 1970, aos 10 anos de idade. Premiada no 1º Concurso Literário da Asttter; autora do livro infantojuvenil A VIAGEM DA GOTINHA, premiado pela Secretaria de Cultura de Vitória/ES. Participa de várias Antologias Poéticas. Recebeu a Comenda Ruth Cardoso em 2013.

Viés de mulher

Frágil força, viés terra e lua
Mãe que abriga mão que afaga,
Amor que condiciona incondicional, natural, maternal
Filha da terra, filha tua, sua verdade nua e crua
Toda, inteira flutua.
Canto das águas, poema, voz e canção,
Quebra das ondas, luz, Arco cor, coração
Entre as forças que imperam querem apagar tuas marcas, calar a
tua voz, mulher de paixão
Alinhar teu corpo, alimentar o teu fogo em uma explosão!
Mas a força da tua intuição, alquimia da lua prata, explode em
sete véus,
Atinge os céus, em uma oração,
A vida te concebe, te concede, te aninha, te protege,
Estrelas hão de estar contigo,
Confia em tua energia, que doa e te dá abrigo
Ecoa, a tua voz bendita, dita em meio às multidões
De cores, de fita, de flores e magia que arrebetam os grilhões!
Encantadora mulher, que destrava as palavras, de verdade em
verdade, de verso em verso, do poema sem nexos, aos olhos do
mundo!
Admirada tu és e será em viés daqueles que nunca dizem nada,
Pois há tanto a se dizer, tanto a te agradecer, que não me bastam
as palavras!



Érica Furlan

Formada em música, Bacharelado e pós-graduada em canto e Fisioterapia, Érica Furlan Martins atua como professora de técnica vocal, educadora e escritora. Participou da feira livre de literatura "SAMBAQUI" com contos independentes. Seu conto "Rosa ou Azul" foi publicado na coletânea Enamorados". É membro da APL (Academia Popular de Letras) e faz parte do grupo de literatura "Mosaico literário".

JUNTOS.

*Nada é pra sempre pode crê...
Você pensa em mim eu em você
Juntos vamos ver no que vai dar...
Tempestade feita pra passar.
Ser feliz é tão fácil sim
Se unir não vai dividir jamais*

Mulher

É mulher...

*Que é dona de tudo e pode estar onde
quiser.*

Ah mulher...

Que de sexo frágil nada tem

Coitado de quem trata com desdém!

*É Maria, é José afinal ninguém sabe de
onde essa força vem.*



Nanda Fellyx é Cantora e atriz. Participou da cia teatral Favela Força

Onde com os musicais Favela Rouge e saudade fez turnê internacional na Holanda e Bélgica. Em 2014 viajou pelo período de 1 ano fazendo shows em navios por países da Europa. Fez participação na série Os Suburbanos com Rodrigo S'Antana e elenco exibida no canal Multi show. Afilhada de Sandra de Sá é contratada pela The Sá Música fez shows por todo Brasil com os projetos BACULÊJU DA DE SÁ e SANDRA DE SÁ E ELAS.

Teve em seu primeiro EP produção musical de Sandra de Sá e sua música de trabalho

Ela tira onda é sucesso nas plataformas digitais atingindo quase 200 mil visualizações só no spotify. Recentemente lançou em seu canal n youtube video clipe da música EU NÃO TE AMO MAIS e a Música EU NÃO TE AMO MAIS também esta disponível em todas as plataformas digitais.

Soneto: Receita de ser mulher

De bom grado ela aceita sua missão...
A sua chance de cumprir a trajetória...
Pois lá do céu lhe foi dada a obrigação
De zelosa construir mais uma história.

De fato existem várias maneiras de viver.
Muitas formas de fazer tudo que se deve.
Se houver receita de sucesso pra aprender
Ela a dispensa, pois a vida é muito breve.

Se for impossível fazer tudo o que ela quer
E o tempo é curto para ser desperdiçado...
Ela então cuida de tudo que veio pra fazer.

Dentre as fórmulas que tem pra escolher
Está a essência do seu amor ilimitado...
Que bate e pulsa no seu peito de mulher.



Adriana Ribeiro

Natural de Estância – SE, Adriana Ribeiro é graduada em Pedagogia e História (Licenciaturas Plenas) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Metodologia do Ensino de História (Latu Sensu) Faculdade São Luís de França em 2013. Mestranda em Educação para o Ensino Superior (Strictu Sensu) pela Fundação Iberoamericana - FUNIBER. Professora Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado de Sergipe e Professora de História no Município de Santa Luzia do Itanhy/SE

Membro da Academia Independente de Letras AIL / Ordem SCRIPTORIUM com a Cadeira vitalícia de nº 159 – O Êxtase, da Casa Literária Enoque Cardoso – CLEC e autora do livro **Coração poético: Sobrevivendo na poesia**. 1ª ed. Editora Versejar.

Mulher

Mulher, criatura divina
Uma das mais belas invenções do Criador
Perfeição da natureza
Sinônimo de pura beleza
Aquele que é tão delicada como uma
singela flor!
Exala força e graça!
Deixa por onde passa
Sinais de puro amor!
Aquele que é capaz de gerar uma vida
nova
Colaborando com Deus na obra da criação!
Ser de luz!
Que acolhe, que cuida, que conduz!
Seus olhos são tão brilhantes como o sol
Seu jeito de ser revela o quão doce é!
Tem a leveza do vento e a imensidão do
mar
É plena e sabe amar
Faz tudo ao seu redor florir!
Carrega no seu interior, fases como as da
lua!
Despe-se de tudo e vai ao encontro do
seu próprio destino
É como a água, contorna seus caminhos
É como a águia, voa ao infinito
Busca sem cessar ser a dona do mundo
Faz seu caminhar
Seu útero é fecundo!
Repousa e sonha
Seu sonhar é tudo
Levanta e faz da vida
Um lugar profundo!



Raquel Martins Pereira

Raquel Martins é professora e poeta. /Os temas de seus versos giram em torno de Deus, a natureza e a própria literatura, suas grandes paixões.

Porque eu sou Mulher

Porque eu sou
Mulher eu sou capaz
De desbravar as ondas dos mares,
De atravessar os oceanos de prazer e
de amargura
Eu sou capaz de traduzir olhares,
De abraçar o mundo com apenas meus
dois braços.

Porque eu sou mulher
Sou capaz de ser mãe,
Sei sofrer as dores todas da vida,
Sei chorar e sorrir a um só tempo
Parindo um filho que gerei em minhas
entranhas
Ainda contorcidas de dor,
E depois sou capaz de lamber meu
sangue
Como faz qualquer fêmea
E secar o pranto de minha cria.

Porque eu sou mulher
Sou capaz de amar intensamente,
infinitamente.
Sou capaz de passar noites a fio,
embalando berços
Sussurrando cantigas, ninando,
acalentando.
Eu sou capaz de enlouquecer de prazer,
De cantar, de bailar, louvando a vida
Que às vezes me pesa tanto,

Porque eu sou mulher.
Não pensem que sou uma joiazinha
miúda.
Sou pedra de jaça, sou poderosa,
empoderada.
Não me acariciem com ar de proteção.
Não! Não preciso!
Sou tão forte como a tempestade,
Como o calor devastador do sol.
Sou mulher de verdade.

Ama-me enquanto me tens!
Porque, se eu quiser, posso bater as
asas
Como casulos que viram borboletas
E alçar voos tão grandes, tão altos,
Assim tão maior que o voo das águias.
Sou assim. Dominadora.
Assim, presente e castigo.

Sei ser doce e sei ser fel.
Não te enganes com a minha
fragilidade.

Não sou sexo frágil.
Não sou nem que tu queiras
Porque mesmo que ninguém acredite
Sou a ação do mundo,
Sou sonho, sou abrigo,
Sou céu e abismo na pequenez do
meu ser.

Eu sou mãe, esposa, namorada,
amante, amada.
E tu me queres cada vez mais para
amparar teus braços,
Para abrir teus olhos.
Afinal, sou eu quem marca
Na dança, o compasso de tua vida
Porque eu sou forte.
Porque sou mulher!



Pérola Gandra

Pérola Soares Gandra é natural de Diamantina- MG, 78 anos, residente em Corinto - MG. Poetisa, psicopedagoga. Autora dos Livros: Caleidoscópio, Coração de Latão, Menino, Arquivo Morto, Verso e Reverso (coautoria com o poeta Jorge Patrício de Medeiros Almeida); Presidente Emérita da Academia Corintiana de Letras- MG; Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais -

Tenho pensado na palavra aleluia
escapando no rosnado das onças, entre
seus dentes espumados pela dor dos
tiros;

Aleluia, devem repetir as cadelas
quando lambem a placenta dos filhotes
e percebem na cria a perpetuação do
instinto.

De tal aleluia foi a água viva que
queimou meu corpo, aleluia, gritei com
a boca abafada entre os dedos.

Imagino que nos saltos do balé
as golfinhos fêmeas digam aleluia para
as águas que amortecem a queda;
Todas as vezes que uma urso encontra
um cadáver de foca, todas as vezes que
a foca percebe o frio estranhado da
morte: aleluia.

Tenho pensado que aleluia, talvez,
seja o hino das aves na reta da mira,
seja o vento veloz que nasce de suas
asas;
Penso nas aleluias que soam em coro da
floresta,
quando as índias dão de seus peitos o
leite da vida e as raízes da compreensão
universal.

Eu também uivei aleluias e rezas
quando avancei sobre a exaustão e
permaneci em pé sobre o medo.

Sempre que vejo de longe uma mulher
apressada em sobreviver, uma mulher
assumindo o sangue secular do
renascimento,

imagino aleluias no canto dos que se
entregam puros.



Samantha Abreu

Poema do livro *Debaixo das Unhas* (Olaria Cartonera, 2020)

Samantha Abreu (1980) nasceu e vive em Londrina. É professora, produtora cultural, mestre em estudos literários pela Universidade Estadual de Londrina.

Publicou os livros “Fantasias para quando vier a chuva” (2011); “Mulheres sob Descontrole” (2015); “A Pequena Mão da Criança Morta” (2018) e “Debaixo das Unhas” (2020).

Integra as antologias “O Fio de Ariadne” (2014); “29 de Abril: o verso da violência” (2015); “Um Dedo de Prosa” (2016); “Sob a Pele da Língua” (2018); “As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira” (2021), com autores de todo o país. Também já foi publicada em sites e revistas literárias e teve textos adaptados para o teatro.

Faz parte do Coletivo VERSA, que pesquisa e divulga a literatura produzida por mulheres, sobretudo londrinenses. Em 2020 recebeu o Prêmio “Outras Palavras”, da Secretaria de Cultura do Paraná.

“O batuque na caixa nasceu como movimento cultural e social de valorização da percussão afro no Paraná, expressão reconhecida por gestores, artistas e imprensa. A força dos tambores se consolidou quando o batuque na caixa experimentou parcerias com instrumentistas como Hermeto Paschoal e Naná Vasconcelos e grandes nomes da canção como Alcione, Paulo Tatit e Caetano Veloso.

A literatura sempre fez parte de forma transversal das oficinas do batuque na caixa e faz parte de todas as demais oficinas, com debates, leituras e acesso a livros.

Por isso, o circuito internacional de poemas batuque na caixa é reflexo natural dos desdobramentos culturais e literários das oficinas. O circuito é internacional porque passou por várias cidades da Europa, Estados Unidos e países latino-americanos divulgando os autores brasileiros vivos e também porque faz um importante intercâmbio com autores estrangeiros e que resultou em publicação na revista europeia ESFERA e exposição dos poemas em festivais como Londrix, Encontro de poetas em Cuba, Poetas em Lima e no Fórum Social Mundial 2021.

A edição mulher é especial sobretudo pela valorização de gênero; por tocar nas questões da mulher negra e latino-americana e por abrigar autoras de várias partes do Brasil e do mundo sob o signo da diversidade de temas e óticas. O verdadeiro olhar feminino!

Obrigado Wilson Inácio pela arte da edição; Jéssica Ramos pela curadoria; Revista D’arte pelo apoio; Quadrilha Junina Estrela do Divino/SE e Secretaria de Cultura de Arauá (nas pessoas do secretário Marcos e do prefeito Dr Fábio) pela cessão das fotos oriundas da exposição virtual com mulheres da cultura popular do município.

Obrigado às autoras que compartilham conosco nas redes sociais, no blog Arte Brasil; blog batuque na caixa e na revista D’arte seus sentimentos, talentos e ousadia nesse diálogo com o mundo.

Aldo Moraes
coordenador nacional do batuque na caixa





O galo Bozó

Bozó era um galo simplório. Vivia numa comunidade simples, pouco espaço, onde habitavam pouco mais de cem aves, entre galos, galinhas, frangos e pintos, todos pareciam muito felizes, entre o galpão dos reciclados. Bozó não tinha rabo, pouca espora, inexpressivo naquele terreiro pois não era nem notado, não tinha projetos e era perseguido pelo galo índio, general do terreiro que não o deixava desfrutar das galinhas.

Certa ocasião Bozó fora resgatado daquele lugar e levado para um galinheiro de primeiro mundo, muito espaço, muito conforto, comida abundante e poucos habitantes. Bozó levou com ele um frango e duas galinhas, filhos seus de mães diferentes, para não se sentir só no novo terreiro. Chegou acabrunhado, cismado, muito medo do que poderia encontrar. Mas, ao conhecer o lugar e desfrutar das maravilhas, fez um acordo com os demais resgatados e tomou posse do espaço. Bozó, de um galo medíocre, sem projetos, sem porte, sem objetivos encontrou ali uma oportunidade de dar uma guinada na vida. Empinou o pescoço, afiou as esporas, cresceu a cauda, comandava o novo terreiro, agora denominado palácio, como general. Não havia mais o índio para limitá-lo. Colocou as esporas de fora e começou a reinar com a cumplicidade que o que

lhe acompanhou.

Naquele novo lugar fora esquecida uma velha galinha, abandonada por aqueles que dali partiram. Chiquinha, idosa, gentil, carismática, operária. Serviu tanto. Punha ovos com alegria todos os dias sem questionar, pois, era bem tratada e respeitada pelo antigo galo e demais habitantes daquele lugar. Não entendeu porque fora abandonada, esquecida.

Bozó mostrou-se ganancioso, não podia comandar seus súditos sem castigar a Chiquinha. Partiu para cima dela, como se ela fosse a intrusa naquele lugar, onde fora outrora muito feliz. Machista, usou e machucou a Chiquinha, que era meiga, simpática e operária, e por assim ser, recepcionou muito bem os novos habitantes na esperança de conquistar novos amigos.

Que tristeza! que decepção! Bozó, mostrando as esporas, empinando a crista, se auto elegeu, sem o consentimento da Chiquinha, o rei do terreiro e achou-se no direito de ferir, violentamente a velha galinha, para mostrar às demais quem é que manda. Chiquinha sangrava, toda vez que o Bozó lhe desejava, bicando-lhe a cabeça. Não



se importava com a dor que a velha operária sentia. Bozó não a feriu somente o físico, a dor era muito profunda internamente. Abandonada pela família e abusada pelo novo senhor, Francisquinha perdeu o desejo de botar, sua maior alegria, não podia reagir, tinha que aceitar calada. Fora confinada, apartada das demais, pois era rejeitada por aqueles a quem ela acolheu e atacada pelo novo rei do terreiro. Certa ocasião, Chiquinha, cansada da prisão, encontrou uma maneira de fugir. Alegre pelo feito, acreditou que podia andar e ciscar livremente pelo terreiro que um dia fora feliz. Triste engano. Já recuperada das lesões físicas, saiu do galinheiro a cacarejar pelo quintal. Bozó de tocaia, covardemente, alguns dizem que é o instinto, partiu para cima de novo, sem trégua, sangrou novamente a Chiquinha, que sem forças, ficou inerte, esperando o sem projeto saciar seus desejos e abandoná-la ao relento sem socorro. Francisquinha implorava para voltar ao confinamento, o mundo lá fora era muito cruel, na prisão sentia-se segura, um cantinho limitado. “Alimentam-me

todos os dias, já não consigo mais ciscar, estou velha para isso, meus ovos já não são mais cobiçados. Aqui sinto-me livre dos ataques enfurecidos do Bozó que age sem limites nesse berço esplêndido, lindo e vasto terreiro. ” Nesta prisão onde Chiquinha sente-se livre, ela filosofa: “o que será da minha velhice? Vou me aposentar um dia? Serei reconhecida pelo serviço prestado ao galinheiro, gerar alimento com meus ovos e novos operários quando chocar? Alguém poderá deter os desmandos do autodeclarado Imperador Bozó? Estou velha, cansada, já cumpri minha missão neste paraíso tropical. ” Com estes pensamentos, Francisquinha adormece. Já nem sonha mais em resgatar o que outrora viveu com liberdade e autonomia. E vocês, novos galináceos, como futuros habitantes, o que esperam desse paraíso?

Paulo de Oliveira – Professor

Colaboração: Claudia Monteiro – Professora

Olha O Gás!

Na quebrada o tempo é contado de maneira diferente, pois enquanto os abastados dos Jardins vêem os dias correrem como postes pela janela de um Mercedes, o pobre da periferia compreende a cruzada do mês como uma batalha monetária, pois o salário tem que durar até o último dia do ciclo. Mas muitos são os percalços dessa guerra mensal, e sempre pode aparecer uma emergência como uma criança doente, um chinelo partido, uma geladeira queimada por um raio, ou qualquer outro revés que venha a fazer com que o mês seja maior que o ordenado de um fudido. Um dos grandes algozes desta luta é o gás de cozinha quando se acaba, pois aquela grana que estava ali separada para se comprar umas asas de frango e algumas cervejas para se fazer um churrasquinho, acaba tendo que ir para a aquisição deste commodity do lar suburbano, afinal este combustível é indispensável para cozinhar o rango que vai dar energia para se superar as duras pauladas da vida.

Compreendendo então a importância de um botijão de gás na perifa, que às vezes é até adornado por uma capa de crochê, dá para perceber o valor agregado que este objeto tem na vida de um pobre, pois não só o conteúdo gasoso que custa caro, mas também o recipiente de aço. Então o botijão automaticamente é algo que quem tem cuida, pois nem só de gente boa é feita a quebrada, e há sempre uma horda de ladrões de botijões rondando as ruas e vielas dos bairros longe do centro. Ah minha periferia... tão dicotômica no que toca a honestidade.

Corria o ano da graça de 1994, e a Copa do Mundo nos EUA estava rolando solta. A euforia tomava as ruas com o pavimento pintado com bandeiras do Brasil no Valo Velho, bairro periférico quase fora da capital paulista. Todas as vezes em que o Brasil estava jogando, as ruas ficavam desertas, e as atenções dos moradores eram direcionadas apenas para os televisores de tubo. Outra paixão despertada, era a coqueluche entre as crianças pelas figurinhas da copa. O futebol naquele ano foi realmente uma morfina para as almas tão açoitadas dos brasileiros.

Então com a galera distraída durante os jogos, começou a acontecer no Valo Velho uma onda de roubo de botijões de gás, pois este utensílio que é geralmente colocado do lado de fora da casa por motivo de segurança anti-incêndio, começou a desaparecer. Não importava se ele estivesse acorrentado ou trancado dentro de uma grade, o facínora do botijão de gás sempre dava um jeito de subtrair de um fudido o precioso gás. Já no segundo jogo foi detectado este padrão de ladroagem no momento da partida, e então o assunto foi levado a uma reunião da Associação Amigos do Bairro, que tratou logo de criar uma comissão para investigar os roubos. Em dois jogos foram seis botijões de gás roubado, e se tivesse havido prorrogações, com certeza seriam mais. Esta comissão interrogou todos os moradores que tiveram seus botijões pilhados, e sempre o surrupio era na hora do jogo. A equipe composta por cinco moradores, perguntou para muitas pessoas se alguém apareceu vendendo gás de procedência suspeita, mas ninguém sabia de nada. Até na biqueira foram para ver se algum Zé Droguinha

apareceu para trocar um botijão por cocaína, mas nada. Todo bairro sempre tem um bêbado, um louco, algum morador de rua que todo mundo jura que já foi rico e fala cinco idiomas, e alguns desocupados suspeitos por pequenos delitos. Então a comissão baseada em critérios que eram um composto de históricos e preconceitos, começou a listar quem poderia ser o rato do gás. Com esta relação em mãos, que tinha os nomes de Bidú, João Tadeu, Mão de Alface, Zé do Jumbo, Marisa Corrimento e Pedrinha, a comissão convidou todos estes para assistir o próximo jogo da seleção na sede da associação com direito a espetinhos e cervejas. Ai se não houvesse nenhum afano de gás naquele dia, era porque o bandido estaria naquele seletto grupo. Pois a partida aconteceu, comeram e beberam, sumiu o relógio de parede da sede, e naquele dia, foram roubados quatro botijões no bairro. Então o ladrão em questão não estava na lista de suspeitos.

Muitas outras tentativas de se descobrir quem era o safado foram feitas. Eletrificaram alguns botijões para ver se fritavam o mão-leve, mas só um gato caiu na armadilha. Apontaram as câmeras de segurança de uma padaria para os botijões do comércio, e o que foi flagrado foi um balconista beijando um padeiro lá onde o sol nunca brilha. Um membro da comissão tentou se passar por um receptor de botijões roubados, mas um PM em trajes civis enfiou o revólver na cara dele e mandou ele sumir do bairro. Enfim... todas as tentativas foram frustradas e a seleção brasileira que estava embalada, já havia passado das oitavas de finais, dando mais oportunidade para a continuidade dos furtos.

Não havia mais nada que os membros da associação poderiam fazer, e o que eles aconselhavam era que a população do Valo Velho, deixasse uma pessoa vigiando o gás na hora dos jogos. Mas era pedir muito para uma gente que quase não tinha alegria, se privar de ver as partidas do Brasil. Então os roubos continuaram.

Era 13 de julho e a Seleção Canarinho tinha iniciado a partida da semifinal. Nicete que era casada, com dois filhos e que era a diretora da Associação Amigos de Bairro e compunha a comissão do gás, estava muito frustrada, pois fizeram de tudo e já acumulavam dezenas de boletins de ocorrência de roubo a botijões. Ela estava sentada na varanda superior de seu sobrado, tomando uma lata de Kaiser e fumando um Minister, com os olhos perdidos no horizonte. O jogo já caminhava na metade do primeiro tempo, mas ela não estava ligando para a Copa. Foi então que ela viu uma pequena pick up de venda ambulante de botijões, e logo imaginou que alguém que tivesse o prazer de ser visitado pelo bandido, havia comprado um novo botijão. Mas quando o carro encostou, saíram duas crianças de dentro da casa e foram falar com o vendedor, que entregou para os meninos alguma coisa pequena, que de longe não dava para ver o que era. Então naquele momento, toda a trama começa a ser desvendada, pois os meninos foram para a casa e voltaram carregando com dificuldade um pesado botijão

de gás, que o ambulante colocou na caçamba sem entregar outro cheio de volta, e seguiu o caminho sem a possibilidade de ter ao menos a placa anotada. Nicete foi então correndo para onde a negociata foi feita, e estavam apenas as crianças colando figurinhas da Copa em um álbum. Era isso! O bandido havia feito um trabalho de aliciamento das crianças do bairro, para trocar as baratas figurinhas pelos botijões dos pais delas. Assim nenhum ladrão precisava entrar na casa, pois eram os moradores mirins das residências que faziam o trabalho sujo. Que crime! Ah minha periferia... tão ardilosa e sagaz.

Nicete tentou interrogar as crianças, mas assustadas elas entraram em casa gritando que havia uma mulher querendo invadir a residência. Então Nicete achou que seria uma boa ideia abandonar a cena do crime e conversar com a comissão, afinal ela poderia assustar o punquista de gás, e nunca mais pegá-lo. Já no dia seguinte a assembleia foi reunida e Nicete dividiu com os outros quatro integrantes como era o esquema do golpe do gás. Nicete não conseguiu ver bem o ladrão, mas deu para saber que era homem, magro, cabelo curto e outras características que uns 45% da população possuía. A pickup era também parecida com todas aquelas que vendem gás na quebrada... suja... com alguns amassados... adesivos descascando... sem dignidade... nada especial. Então a situação estava complicada, e havia apenas mais um jogo para acabar a copa, e esta partida seria a final entre Brasil x Itália. Seu Danilo - um dos integrantes da comissão - teve uma ideia. Eles decidiram que iriam infiltrar na escola entre as crianças que estavam sendo aliciadas, o neto de Seu Danilo, e o guri delataria ao menos uma das casas que seriam atacadas na final da Copa. Isso seria fácil para o pequeno Danilinho de 12 anos, pois ele era um CDF/alcaguete do caralho.

A final era domingo, e a inteligência da Comissão de Roubo de Botijões da Associação Amigos do Valo Velho, teve uma semana para poder obter as informações. Danilinho se saiu muito bem, e sujeitinho X9 que ele era, entregou de bandeja para a comissão, o endereço de uma das casas que fariam a troca do botijão por figurinhas.

Dia 17 de julho e faltavam poucos minutos para o início da final entre Brasil e Itália, que na copa de 1982, tinha desclassificado a brilhante Seleção Brasileira com três gols de Paolo Rossi. Havia um certo gosto de sangue na boca de todos os brasileiros naquele dia, principalmente os tão sofridos da periferia, que encararam aquela final como uma redenção, mesmo que fosse uma alegria de apenas um dia, e que na manhã seguinte o sorriso ainda estaria no rosto, mas o pau da vida continuaria a bater forte nos ombros. Começou a partida e o silêncio imperava como Júlio César nas ruas do Valo. Toda a comissão estava escondida pela Rua Fidenza, onde o delito seria processado. Foi dado então o pontapé inicial lá no estádio Rose Bowl em Pasadena na Califórnia. Curioso como aquela final do maior evento esportivo do mundo, foi feita na única cidade entediante da Califórnia. Mas quem contava com a compreensão norte-americana de futebol?

O primeiro tempo corria silencioso como o Cemitério Pere Lachaise, e na rua só se ouvia esporádicos Uuuuullllll! Na verdade, o jogo não estava tão intenso quanto se esperava. Taffarel pegou uma bola ali pelos 17 minutos... Branco cobrou uma falta com uma tijolada cheia de efeito que o goleiro largou e o Mazinho furou... Romário e Bebeto tentavam... mas a primeira etapa acabou zero a zero e o ladrão explorador de crianças não apareceu.

O segundo tempo não foi mais acachapante que o primeiro. Bebeto deu uma bela cabeçada impedido... Branco deu uma suvacada na cara do Donadoni e quase foi pra roça... o goleiro italiano Pagliuca bateu roupa mas a bola não entrou... e o jogo foi para a prorrogação em 0x0. Nisso, a Liga Justiceira do Gás já estava angustiada, pois se o criminoso não aparecesse, só dali há quatro anos.

Prorrogação iniciou com a torcida e a patrulha nervosa. Mas

parece que não eram apenas eles que estavam ansiosos, pois o menino que iria trocar o botijão pelas figurinhas, trouxe peidando o pesado objeto para a parte da frente da casa. Parecia que a troca iria se concretizar enfim. A primeira parte da prorrogação foi rolando com mais emoção, com o Bebeto perdendo um gol de maneira patética... Baggio quase marcou do meio da rua... Romário foi fominha e não estufou a rede entre o nono e décimo minuto. Fim do primeiro tempo da prorrogação.

Nesta altura não havia mais nervos em bom estado. Nem o da torcida italiana, nem o da brasileira e nem o da CPI do Botijão. Será que o bandido contava com os pênaltis ou não apareceria mais?

Deu-se então o início dos pênaltis com os jogadores com câimbras musculares e a comissão anti furto com câimbras mentais. O garoto que esperava suas figurinhas trocadas por um bem da família, estava também nervoso, e teve que dar uma cagada atrás do carro na garagem de sua casa, onde aguardava com o botijão. A cobrança dos pênaltis se iniciou com o italiano Baresi batendo a bola para fora, lá na puta que pariu. Essa então foi a primeira vez que o silêncio da espera pelo ladrão foi interrompido pelos gritos sísmicos da torcida do bairro. Márcio Santos bateu para o Brasil e o silêncio voltou com a bola indo para as mãos do goleiro Pagliuca. Albertino converteu para a Squadra Azzurra... Romário marcou com a bola batendo na trave... algum italiano que o Valo Velho não se lembra do nome perdeu o pênalti... Branco converteu... Massaro chutou nas mãos de Taffarel... Dunga acertou o gol... e só faltava Baggio bater pela Itália, e se não marcasse o Brasil seria campeão do mundo. Foi então na movimentação para cobrança do último pênalti, que apontou na Rua Firenze a pequena pick up do bandido, que tocava no auto falante um tímido Beethoven. Possivelmente ele havia se atrasado porque naquela última oportunidade ele roubou muitos botijões. Tantos que quase não cabiam no pequeno utilitário, que se arrastava pelo chão. O bandido parou no portão da vítima e o menino estava dando a segunda cagada de nervoso atrás do Corcel II. O garoto levantou o short sem limpar o cu, e já foi levando o botijão para o portão que já estava destrancado. Lá na Califórnia, Baggio tomou distância e correu para bater o pênalti. O estádio estava em silêncio tal como o Valo Velho, e a bica que deformou a bola foi dada... bola esta que passou há muitos metros acima da trave de Taffarel, e dizem que foi parar no Canadá. Pronto! Acabou o silêncio no Rose Bowl e no Valo. Brasil campeão! Enquanto isso, na Rua Firenze, o garoto entregava o botijão e recebia as figurinhas, e o flagrante estava feito. Toda a comissão correu para cima do ladrão, e alguns estavam armados com paus. Começou a confusão e o moleque cagou novamente, mas dessa vez no calção. A vizinhança que saiu na rua para comemorar o título, viu a cena e logo foi dito a eles do que se tratava. Então sem qualquer julgamento, os populares resolveram que iriam linchar o meliante, e a confusão ganha mais gasolina. Nicete só queria pegar o ladrão, mas nunca vê-lo ser executado em sua frente, então ela protegeu o safado pondo o corpo na frente dele.

Foi muito difícil arrefecer os ânimos naquela tarde no Valo Velho, mas a tigrada desistiu de matar o facínora do gás, e fizeram ele devolver no mesmo dia todos os botijões que ele havia negociado com as crianças. Depois de todas as entregas, com muitos garotos levando surras antológicas dos pais, apareceu um par de algemas entre a galera, e o pilantra foi algemado em um botijão.

Dizem que ele ainda ficou algumas semanas preso naquela peça de aço, e que nenhum chaveiro ou serralheiro quis ajudá-lo, e ele acabou sumindo do bairro dentro de um ônibus para o Terminal Bandeira, ainda preso no botijão.

SEI LÁ

Sei lá... Tudo as vezes parece tão doido.

O terminar sem começar o Desânimo sem cansar , a tristeza sem razão; e a

Nossa vida pra ser mais exata. Torna-se

Uma caixinha de surpresas . Vivemos pelo sonho de ser o que não somos, aprendendo a viver pelo sim e aceitando a viver pelo não

SEI LÁ ! Talvez esquecemos que o tempo é agora; o momento presente. E assim mesmo preferimos viver de lembranças nos acorrentando ao passado, recriando nessas lembranças

O vislumbre do que gostaríamos de ser

Retratando o desejo de recomeçar neste

Tempo que ousamos o tempo todo a perder

Sei lá... Tudo as vezes parece tão doido que nos dá a impressão que falta muito para crescer e que apesar da idade avançada ainda não chegamos a viver. E... tudo acontece tão derrepente

Que nos pegamos pedindo colo sem ter

Quem nos possa oferecer; querendo forças sem vigor para conquistar .

E.. mesmo assim apesar da idade avançada nossa expectativa de vida continua ativa vivendo as lembranças da velha e saudosa infância que assim como uma cidade fortificada continua erguida e intacta nos levando a concluir que hoje somos a velha e doce criança de todo o sempre com sua personalidade grande que nunca precisou crescer.

Angelica Basilio

Quem vai devolver?

Quem vai devolver aqueles que se foram?

Quem vai devolver tudo o que perdemos?

Pergunto pelos que choram

E por cada dia em que, um pouco, morremos

Quem vai devolver nossa Alegria?

Quem vai devolver nossa esperança?

Cuida-te nessa pandemia

O vírus mata velho, adulto, criança!

Quem acabará com a dor?

Quem vai nos socorrer?

Parece que nos roubaram o amor

Substituíram pelo medo de morrer!

Vinicius Fonseca

Uma lição adormecida

O amor é um laço
além de palavras ditas
é atitude de alma e de mãos!
O amor é renúncia
e coragem!
É fé inabalável na vida
e na eternidade...

Este amor não é simples
Mas também não se complica!
Com alguns singelos versos
o meu coração o explica:

Amor é...

Um abraço ou um braço a quem necessita
Uma palavra ou um ouvido amigo
Uma mão que levanta ou que divide a bagagem
Um olhar que compreende ou aponta um caminho
Um pão para o faminto ou uma canção aos seus ouvidos

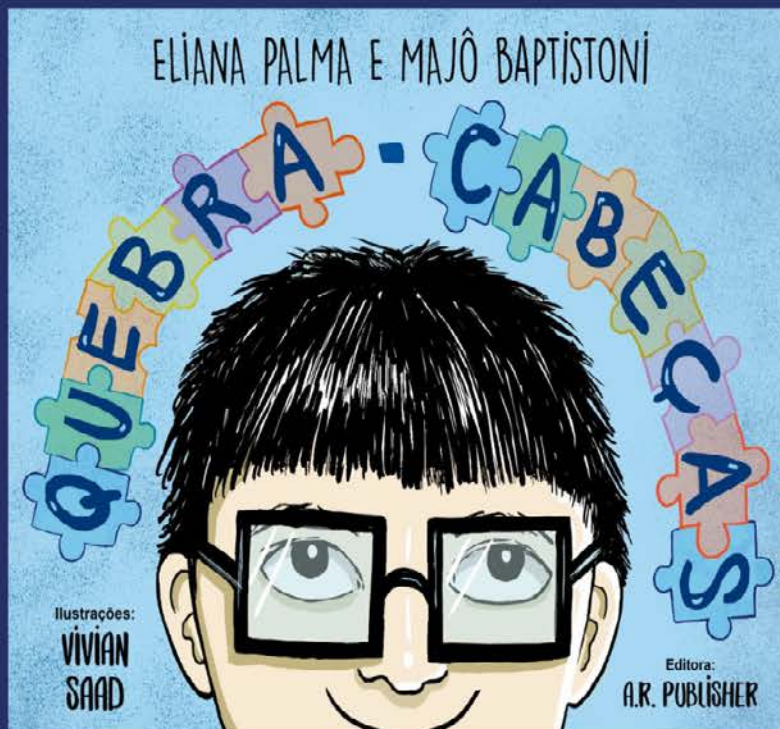
...

Uma música, uma louça lavada, uma casa arrumada
uma esperança plantada, uma confiança conquistada
um alento merecido, um convite ao cinema
uma verdade dita, uma virtude desperta
um gesto singelo, um momento
um tempo... Presente!

Noi Soul
Arteira do Tempo

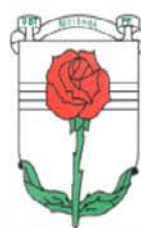
Convite

Lançamento virtual do livro:



No livro Quebra-Cabeças, as autoras tentam chamar atenção para a questão do autismo, contando a reação de um menino cadeirante, que ao ler a história de uma centopeia, fica imaginando como seria se ao invés de ter muitas pernas, alguém tivesse muitas cabeças. A partir daí ele tem curiosidade em saber o que tem dentro da cabeça de cada pessoa, e descobre que todos somos diferentes, que autista pode ser muito inteligente, mesmo tendo uma maneira singular de organizar seus pensamentos e emoções. O garoto vai aos poucos descobrindo o quanto é importante respeitar as diferenças, e percebe que sempre é possível escolher ser feliz, mesmo não sendo como os outros.

Majô Baptistoni



+ Dia 09/04/2021, às 18:30h, no
YouTube - <https://youtu.be/95HmC2CkUGQ>

Esperamos vocês!



Alguma doce lembrança da infância distante
Versos em um papel amarelado pelo tempo
Cantigas de ninar em meio ao silêncio
Recupero os sonhos esquecidos em alguma estação.

Thais Andressa é jornalista, fotógrafa e apaixonada pelo universo literário.

DESAFIO AOS PRETÉRITOS

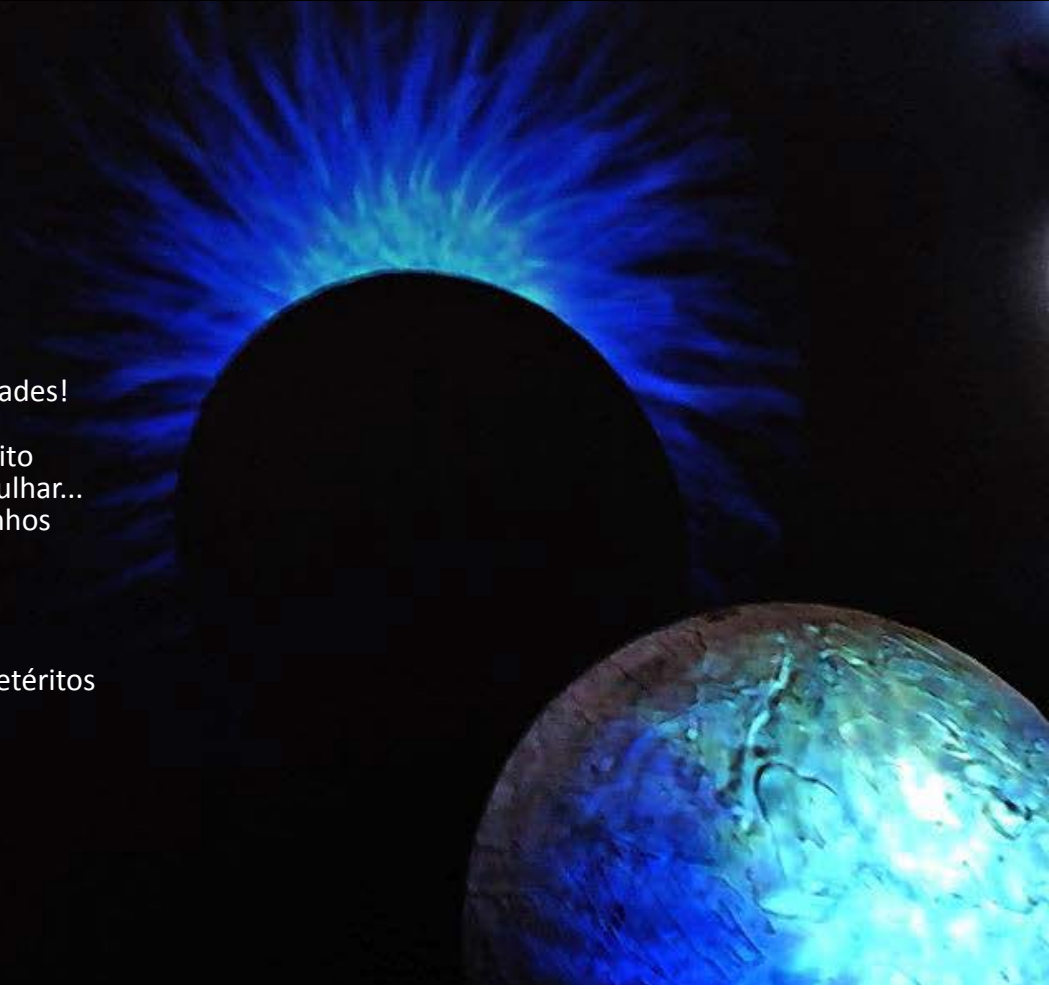
Virei-me para trás
Não perdi tempo...
Não busquei traduções ou argumentos
Não atenuei as fases do passado!

Anulei as dores
Aprisionando-as em gavetas inúteis
Sob entulhos sem valor...
Então, abri novas portas das oportunidades!

O primeiro passo não foi com o pé direito
Pois, preferi pular certas ondas... mergulhar...
Acreditei na legitimidade dos meus sonhos
Embarcando sobre brisas leves.

Os tombos não são soberanos
As marcas fazem parte de cada história
Porém, não justificam atrelar-se aos pretéritos
E, assim pratiquei o meu bem-querer!

Karine Dias Oliveira
(Nova Friburgo/ Rio de Janeiro)



O projeto "Arte de Ser Mulher" foi uma resposta justa, necessária- e apropriada ao momento pandêmico- aos inúmeros apelos por visibilidade, espaço e reconhecimento ouvidos por mim e minha equipe durante visitas aos fazedores e comunidades culturais. Assim, por critérios que consideraram, entre outros, a contribuição social e artística para o desenvolvimento e preservação do campo cultural, a (in)viabilidade, a historicidade elegemos nove guardiãs do nosso capital cultural popular.

No dia 8 de março, lançamos, no Instagram da Prefeitura Municipal de Arauá, a Capacard do Projeto e, no dia seguinte, publicamos nossas primeiras fotos.

A exposição fotográfica está disponível no Instagram oficial da prefeitura

siga-nos no insta



José Marcos Araújo Lime - Secretário de Cultura, Esporte, Turismo e Lazer

O que a rosa senão sumária extensão da raiz?

Bonita

Voz da aurora na rosa

Dentro dela, a revolta

A asa da aurora que se mantém....



Fotos by Adilson Andrade

Maria Joselita de Passos

Bela artesã

Fruta-cor-mulher

Deserto de miragens impossíveis

Invincíveis de olhar a quem está.

E só por ser e estar, é comum admirar-te,
admitir'arte, mirar-se em ti...

Com a natureza exata do amor e a maravilhosa
intuição dos sagrados imortais.

Ilumina sob os ventos

Proteção universal

E á noite, alguém sonha com as misteriosas
cantigas que sons não ouvem.

Bonitas

Luas

Nuas, as duas.



Maria Ozana da Cruz

Doce paisagem

Estranha cor miragem

Novas luas sete vezes

Sete véus

Sua imagem

Sua boca

Sua bondade

Suas duas horas

De ser mãe

E ser mulher.



Adriana Santos Ribeiro Santana

Anjo azul!
Pensamento esquecido de
Américas que sonham
Anjo azul!
Acorda-me com sua luz.

Faça-se luz, faz-se azul,
faça-se em minha face.
Anjo, vem-nos, é quando
vemos a Deus.



Maria Leda Santo Souza

Lavadeira da alma do povo
Cozinheira de versos
Mulher da roça e dos doces
Centenária memória
Nunca esqueçamos de Cora num país que se
esquece

Sempre é melhor assim:

Que haja mais solidariedade

Que haja mais ternuras

Que vibrem os violões

E que as mães possam chorar só de alegria ...



Silvana Santos Ramos Santana

Ouçó uma valsa negra

Na paz à beira de um rio que passa acostado à
uma pequena cidade no interior do Brasil.

No balanço dos barcos com seus pescadores e
suas toadas tristes.

E um velha negra, sábia em sua poesia de cores
metafísicas...



Viralda Maria dos Santos

No embaraço das palavras que não se completam, nem se concretizam (amiúde a um passageiro destes tempos entorpecidos), vejo a paleta impressionista numa borboleta que transfigura minha realidade e nada me revela...

É pelo milagre de todos os dias que meu poema canta
E será sempre uma canção sem medo do acaso
Sem medo do destino, do ocaso e do sem final feliz
Meu poema que insiste nos milagres contados em prosas todos os dias...

Aldo Moraes

os textos são trechos de poemas extraídos do livro Poemas do amanhecer



Letícia Sizinando dos Santos



Ana Fontes Costa



Valda Souza

O velho moinho

O moinho era velho, indiciava a placa de identificação feita pedra de séculos outros e desactivado muito antes de termos chegado. Demos uma volta em círculo à redonda construção e para retermos pormenores adicionais repetir decidimos em circular andamento para espanto final no canídeo a ladrar-nos de leira mais abaixo. Ainda lhe fizemos convite para nos acompanhar mas ele não parecia ser de semelhante opinião. Aliás, até nos indicava em percepção querer nossa saída dali, do velho moinho. Como esta opção, pensada não era nem seria por eventual suposição, fizemos investida para abrir a porta grande e imponente do moinho. O cão não parava de ladrar e demos justificação para isso saída de morcego do interior, assustado por certo pensado. Ou talvez fosse do rato que saía por baixo da porta em grande velocidade. Fizemos tentativa mas a entrada não nos deixava passar ao lado mais pretendido. Estaria a porta a pedir um valente encontrão mas este só nos deixava com dores de ombro e braço e até uma perna mal assente na terra como ressalto em resposta. Demos novo ataque na porta em jeito e cedência ela rangia por breves alegres instantes até à desilusão de a ver ainda sem permitir acesso nosso. O rafeiro ladrava mais perto mas o que já nos intimidava era a entrada do moinho quando um rato, talvez distinto do anterior nos olhava por baixo da porta. Regressou para dentro e ainda demos conjectura em forma de palavreado que deveríamos entrar como o rato. Dito e feito. Pás não distantes dentro do carrinho de mão que trouxemos da anterior lavoura e no breve já fazíamos escavação com o regresso do cão a ladrar, ele que havia momentaneamente fugido com medo das pás. Por baixo da porta, quase que já poderíamos entrar mas eis que o moinho cedeu, deslizando para susto do rato lá dentro, assim o imaginámos e surpresa nossa pelo sucedido, não sem acrescentarmos supomos o mesmo rato a fazer troça de nós. Umas andorinhas, por cima do moinho iam vendo investidas nossas por um aceder de entrada que estava complicado e muito. Resolvemos bater na porta com as pás mas uma delas desintegrou-se, ficando só com o cabo de madeira nas mãos. Mas apesar disso, a porta finalmente parecia ser derrotada, tombando para a frente perante fuga nossa pois havia que salvar a pele. Mas seria finalmente o momento de entrar no moinho, ainda e sempre sob os latidos do nosso companheiro de jornada, ainda que apenas de um ponto de vista, o dele, bastante crítico. Puro engano. Havia outra porta e de ferro a proteger o velho moinho. Talvez não estivesse assim tão abandonado, dedução de comum acordo sem grandes demoras no pegar de pás ou do que delas restava e fazendo intenção em sair, não sem antes uma derradeira tentativa contra a porta de ferro mas que resultou em dores que por mais tempo rabugentas iriam permanecer. Teríamos mesmo de ir embora, o que resultou no acalmar do cão e no regresso do outro rato, tudo sob o olhar curioso das andorinhas. Quanto ao morcego, certamente só quando não houvesse alguém por ali, regressaria ao velho moinho.

Beira do abismo

Em um buraco escuro me deixei esquecer
E logo comecei a me corromper
É algo abstrato que não consigo explicar
Muito menos posso demonstrar
Mas isso está me consumindo a todo momento

Não vou entrar em detalhes mas um dia não irei mais aguentar e alguém vai pagar
Na beira do abismo estou pendurado se eu subir serei corrompido se eu me soltar seria
suicídio não tenho motivos pra continuar apenas quero ver onde isso vai chegar até

quando vou conseguir aguentar

Minha própria mente me destrói e nada que faço me reconstrói

Angel mikael

Se as flores falassem

Por Vanessa Vaz

Na cidade de Guarapari, entre o mar e a rodovia do sol, um casal caminhava juntos na pousada Costamares. No jardim, uma árvore de flores brancas testemunhou a conversa dos dois:

- Eu te amo até o céu!

- Eu te amo até o infinito!

Era preciso guardar aquele momento para sempre. Então, um pequeno galho da árvore de flores brancas foi retirado e replantado em outro lugar, na casa de mamãe. A ideia era espalhar e repartir a beleza, a felicidade e o amor.

Três anos se passaram daquela viagem e uma crise se instalou.

O “Eu te amo até o infinito”, passou para “eu te amo muito”, até chegar a simplesmente “te amo”, que quase nunca era ouvido.

A quarentena, que pensávamos que ia passar logo se alargou e como um tsunami rompeu o casal e a economia da cidade. Então, a caminhada que era juntos se bifurcou em duas direções e o lugar que recebia turistas alegres, passou a tratar as dores de enfermos.

De tudo isso ficou o mar, a rodovia do sol e as flores brancas do galhinho replantado na casa de mamãe. Lá, renasceu uma nova árvore linda que cresceu tanto que suas flores ultrapassaram o muro em direção ao céu infinito.



Vanessa C. Vaz é membra da Academia de Letras e Música do Brasil (ALMUB) e da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB). Formada em Jornalismo pela UnB, Vanessa é autora do livro “Mosaico de Mim - Crônicas” publicado em 2019 pela editora Viseu, e coautora junto com Viviane de Carvalho Vaz do livro “ Crise um Caminho para Luz, de 2018, da editora Autobiografia.

Meu nome é Priscila Castilho, sou formada em artes cênicas, pelo Colégio estadual do Paraná, e em 2018, me formei em Técnica em Produção Cênica, pela Universidade Federal do Paraná, em meio a essa pandemia onde os artistas também são uma classe trabalhadora atingida, decidi estar compartilhando uns textos curtos de comédia

Relatos de três fanfarrões

Fernando, o empreendedor,

Juan Carlo, o artista,

Niralei, a empregada,

Dr. Roger, o grande empresário.

Primeiro ato

Em um apartamento de classe média. Sala de estar com um sofá velho, algumas roupas e sapatos pelo chão, dois consoles pequenos, uma escrivaninha a direita com livros e papéis espalhados pela mesa, e um banco curto. Uma saída à esquerda, À direita, uma escada. É dia em seu primeiro horário.

(Fernando veste um terno preto, entra na sala de estar, muito assabiado de sua pacata vida, pega uma xícara e enche com um pouco de café requentado, ele se joga no sofá, e respira profundamente).

Juan Carlo, esta vestido com um macacão verde, desce as escadas e vai em sua direção. JUAN CARLO: - Diga logo, pra que tanto mau humor, não me diga que acabou nosso dinheiro? (Juan Carlo, chuta umas roupas e um par de sapato que estava em seu caminho) FERNANDO: Por incrível que pareça, ainda não acabou! (Coloca a xícara na boca e toma um gole do café)

JUAN CARLO: -Então fale logo meu amigo, nem parece que ontem estava a tortos sorrisos no café da esquina! (Começa a juntar as coisas do chão e colocando em uma lata, deixando perto de um dos consoles)

FERNANDO: -Sim e estava e agora mal posso esperar pelos próximos dias! - (com ar zombeteiro.)

JUAN CARLO: (senta ao lado de Fernando no sofá) -Não vou negar que andei pesquisando, logo meu amigo seu investimento será grande, todos vão querer experimentar, (abre as mãos no céu e os dois ficam olhando por um tempo) dizem que é um grande ramo do negócio, você abrir sua própria empresa, e logo vão te chamar de o grande fazedor de negócios não se desanime meu amigo. - (Consola Fernando)

FERNANDO: -Ah! O grande ramo de empreendedorismo, mais lembre-se muitas das empresas abrem em um dia e logo fecham suas portas, não se vende e nem se compra mais como

antes, as pessoas estão assobiadas.(levanta e pega mais um poço de café) JUAN CARLO: - Não te entendo, você abriu o negocio agora está arrependido? Talvez a reunião de ontem não tenha sido tão boa, quer que eu chame o tabelião pra fechar antes que declare falência? (Fernando se esparrama no sofá)

FERNANDO: -Não meu amigo, não será preciso, principalmente hoje não podemos confiar em ninguém, (Fernando vai até a frente do palco como se olhasse por uma janela) outro dia vi um de seus amigos artistas no semáforo, o pobre rapaz devia estar lá o dia todo, e quase foi atropelado por um carro, mais ele se levantou sacudiu a poeira e saiu dando risadas.

JUAN CARLO: (levanta do sofá e vai até Fernando, fazendo ele olhar para ele) – A classe trabalhadora sofre tanto por dinheiro, talvez a classe artística se divirta ao menos! Mais me diga meu amigo meu coração se despedaça ao vê-lo assim, não me diga que está doente e falido!

FERNANDO: (deita no sofá, colocando a mão ao peito)-Sim devo estar doente, acho que meu coração está enfermo!

JUAN CARLO: (arasta o banco da escrivaninha até perto do sofá) - A palavra certa é paixão, você está sofrendo igual Camões.

FERNANDO: - Igual quem? (Levanta apressado)

JUAN CARLO: (declama como um poeta)- Não me diga que nunca escutou, “o amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente...”

FERNANDO: (de joelhos implora para Fernando) - Por favor, me apresente esse tal de camões precisamos ser amigos, meu coração não para de doer desde que vi um passarinho verde em uma floricultura.

JUAN CARLO: (Coloca sua mão em cima da de Fernando) -Meu amigo parece que nossa sorte está mudando.

FERNANDO: (desanimado levanta e chuta a lata)-Soube que ela não gosta de homens engravatados.

JUAN CARLO: (levanta e vai em direção à Fernando) - Mais isso é fácil de resolver, vamos até a casa dela, eu me apresento como você e você como eu, assim ela vai ter olhos para o grande ator e eu me passarei por empresário.

FERNANDO - É UMA excelente idéia, não uma das melhores que você já teve!!! (os dois saem em direção da porta trocando de roupa entre eles)

Segundo ato

(Niralei entra em cena, com um espanador, tirando pó do sofá, reclamando da vida, quando escuta o som da campainha, vai em direção a porta, onde entram em cena Felipe e Juam Carlo, com as roupas trocadas)

JUAN CARLO: (fala com a voz grossa) -Bom dia, o Dr. Roger esta?

NIRALEI: (fala escondendo o espanador nas costas) - O Dr. Roger deu uma saída. JUAN CARLO: (Faz mensao a Fernando)- Não se importa se eu e meu amigo esperarmos por ele.

NIRALEI: (FAZ um gesto para eles entrarem e sentarem no sofá) - Não podem ficar a vontade, vou pedir para trazer um chá.

JUAN CARLO: (segurando o braço se Niralei) - Ah por favor, fique para nos fazer companhia, eu sou Fernando o futuro grande empresário, e esse é JUAN CARLO (FAZ uma mensura a Fernando, e segura a mão de Niralei) a propósito nos encontramos na floricultura

outro dia, então não achei nada mais justo que lhe trazer umas rosas. (Entrega o buquê para Niralei)

NIRALEI: (joga o espanador perto da escribania, e segura as rosas) -Que adorável, nunca imaginei que receberia rosas tão lindas.

FERNANDO (fala Fernando encabulado) - É uma gentileza para a filha de um grande empreendedor.

NIRALEI: - Ah mais não sou... (Juan Carlo interrompe)

JUAN CARLO: (Juan e niralei sentam no sofá, e Fernando no banco)- Não se acanhe por nós, vamos sentar.

FERNANDO: (pergunta para niralei) - E o que a senhorita costuma fazer? NIRALEI: -Eu geralmente fico em casa limpan... quero dizer bordando... uma dama deve ser bem prendada hoje, mais e você? - ela se direcionou a Felipe!

FERNANDO: - Eu sou um artista, como você é gentil, deixe-me recitar uma poesia para você, o amor é ardente como ferida que dói ou algo parecido...- Falou Felipe, todo embaralhado com as palavras, foi quando viu seu amigo Fernando que se passava por ele cortejando a moça.

FERNANDO: - Olha eu acho que o empresário tem uma reunião agora. Enquanto JUAN CARLO segurava a mão da moça, destrinchando

falas carinhosas, Fernando levanta do sofá as presas. FERNANDO: -Está tudo errado, eu sou o empresário, e não ele você deve se apaixonar por mim.

NIRALEI: - Ah que horror os senhores me enganaram. (Indignada coloca a mão na testa)

FERNANDO: - Por favor nos perdoe mais achei que não teria olhos para mim, se me apresentasse como um empresário.

JUAN CARLO: - Ah meu amigo sua fala foi demorada pois meu coração ruge de amor por ela, só tenho olhos para ela. (Os dois a seguram um de cada lado)

FERNANDO: - Não meu amigo eu a vi primeiro eu comprei as rosas com meu dinheiro isso será uma grande disputa vamos duelar.

(Os dois puxaram as espadas que estavam de enfeite na parede e começaram a contar um... dois.... e... quando o Dr. Roger, entrou na sala.)

DR. ROGER: - Mais o que está acontecendo aqui?

(Irritado com as mãos na cintura) FERNANDO:

-Meu senhor é uma longa história, estamos duelando o coração da sua filha. DR. ROGER: - Ora meus senhores, ela não é minha filha é minha empregada, se a queres tanto vão sujar de sangue outro carpe, por favor se retirem e levem essas rosas. (Joga as rosas para Fernando)

Andam até a frente do palco sons de carros l buzinando.

NIRALEI: -Me perdoem eu tentei avisar mais estava tão apaixonada que não resisti. JUAN

CARLO: -Meu amigo, veja pelo lado bom nós

ainda somos amigos. FERNANDO: -Ah de duvidar que diga que isso é verdade nunca soube que me trairia de tal maneira.

NIRALEI: -Parem de brigar agora somos nós três e estamos no olho da rua. FERNANDO: - Não

se preocupe mulher montarei uma empresa de rosas. (Disse Felipe oferecendo as rosas para a plateia).

Um milagre aconteceu

Marcos Pontal

Florencia vai visitar sua amiga Sofia, chegando lá, toca o interfone, ela espera muito e ninguém atende, quando está quase desistindo, ouve a voz da sua amiga: — Pois não, quem é?

Florencia: — Sou eu amiga, a Florencia, vim te visitar.

Sofia com uma voz triste diz: — Oi amiga, aguarde só um momento que já estou indo abrir.

Sofia caminha lentamente até o portão e abre, às duas se abraçam e ela diz: — Que bom que você veio amiga, entre!

Florencia observa ao entrar na sala desorganizada e suja, ela olha para a cozinha e vê Fernando (esposo da sua amiga), em uma cadeira de roda, ele sofreu um AVC, olha para outro e vê o filho de sua amiga deitado em um colchão, ele não pode andar e tem vários problemas de saúde. Então ela pergunta a amiga: — Como você está? — Amiga, eu estou aqui para te ajudar. — O que está acontecendo?

Sofia: — Não estou bem amiga, estou com depressão, já fui ao médico, ele me receitou vários medicamentos e continuo do mesmo jeito, não estou aguentando mais essa vida. — Já cheguei até pensar em tirar a minha vida, só não tirei, porque me lembrei do que você me disse numa conversa que os suicidas não serão salvos, se não fosse pecado, tiraria a minha vida.

Florencia: — Amiga, que triste a sua situação, sei que não tem sido fácil, não tem remédio nenhum no mundo que consiga resolver o seu problema nessa situação, não estou aqui para te desanimar ainda mais, mas conheço quem pode todas as coisas. — Você precisa de um milagre na sua vida, quando a medicina não consegue resolver, Deus resolve. Pois, Ele é o Deus do impossível! — Mas para isso, você precisa falar com Deus, Ele está aqui e diz na sua palavra, vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.

Mateus 11:28-30

— Entregue a sua a vida a Jesus, e ele te dará forças, sabedoria e até mesmo transformar a sua vida.

Sofia chorando diz: — Que dia vai ter culto na sua igreja?

Florencia: — Hoje as 19:00 horas, venho te buscar. — Pode ser?

Sofia: — Sim, amiga.

Sofia então visita à igreja de Florencia e depois de vários meses de leitura da palavra de Deus, oração e jejum, o milagre acontece. Deus começa a dar força para ela superar esses momentos difíceis, o seu esposo que estava doente devido a um AVC, consegue se recuperar e volta a trabalhar, seu filho continuou na mesma situação, mas agora ela está diferente, o Espírito Santo, está ao seu lado e dá força para ela enfrentar todos os seus problemas, a final de contas, a própria palavra de Deus diz que no mundo teremos aflições... Mas ela nunca parou de lutar.

Soneto do Amor sobre a Chuva

Que a chuva caia sobre mim, como uma dádiva
refrescante,

Lavando lembranças e receios, renovando todo o
meu ser.

De braços abertos eu a recebo, num terno abraço
edificante

Que escorre e se desmancha, num sorriso que vem
a nascer.

Assim nos meus lábios agradecidos, surge uma
nova canção,

Purificada por essa límpida substância bendita e
miraculosa,

Ritmada pelo som das gotas caindo em constante
sucessão,

Harmonizada por essa torrencial energia benéfica e
aquosa.

A melodia recém-criada, viajaria difusamente,
entre nuvens.

Ela saberia intuitivamente o caminho por onde ela
trilharia,

Levando até uma janela desconhecida molhadas
mensagens.

Que seriam depositadas com um beijo ardente e
vivificante,

Redimido pela pureza de um amor resistente às
intempéries,

Que tal como a música, seria eterno, impetuoso e
vibrante!

Aline Bischoff

A Poeta Menina (RAQUEL LOPES)

Sorrisos por olhar nos teus olhos
brilham para a vida unir
O dia caminha comigo
esquecido passado
antigo
não está mais aqui

Poeta Menina que nos sonhos confirma
as gotas de Letras
pois na receita ninguém ensina como vai a
vida
A mão invisível escreve um livro ousado
e nas folhas não há espaço para o que não
é amado.

FORTALEZA (Raquel Lopes)

A força está no olhar
No olhar se diz o que é o amar

A força está no querer
Seguir adiante e vencer

A força está no verbo falar
Calar quando é necessário,
Consolar.

Ela nasce com destreza
Quando a mulher é fortaleza.

RAQUEL LOPES
Pernambucana, com livros de poemas
publicados pela editora artesanal Costelas
Felinas, também no site Amazon e Clube
de Autores. Estudante de Letras e filosofia.
Membro da UBE é de várias academias
literárias.

MENTE NUBLADA

Ricardo Mainieri

manhã

O GARI E O GURI

nada de novo:

cansaço dos dias

vida rápida

ríspida

insalubre

a real idade

do rosto

versus

o espelho

a face escura

das coisas

mente nublada

resta tênue

esperança

o sol

quem sabe.

Infância, tempo que pulsa dentro da gente. Volta e meia, imagens inundam a memória e lá estamos nós. De novo.

Pois bem, a mente viaja nos anos e pausa em Porto Alegre, bairro Menino Deus. E lá me percebo. Garoto remediado, em meio a vizinhos burgueses.

Porém, a meninice é mesmo um território democrático. Meninos brancos, pardos, de todos os segmentos econômicos se misturam. E, no campinho, entre os velhos edifícios, inesquecíveis “peladas” acontecem.

O futebol é nossa arena. Partidas disputadíssimas. E no final, quase sempre, brigas generalizadas. A gurizada não leva desaforo, nem derrota, para casa.

Jogava de goleiro, não conseguira posição melhor. E, com uma defesa aqui, um “frango” memorável ali, seguia atuando. As contusões e esfolados eram o atestado de meu empenho.

Mas, a infância é povoada de figuras bizarras, lances fortuitos. E inesquecíveis.

Pois bem, existia, no bairro, um personagem desses. Figura singular. Que seguidamente deixava de lado seus afazeres e assistia às partidas dos garotos.

Era Xantu, um operário da Limpeza Urbana, em seu “discreto” uniforme laranja. Malandramente, simpático. Nem um pouco fanático por seu trabalho.

Xantu era mulato, alto, magro, com a boca desfalcada de vários dentes. Porém, não se intimidava de sorrir. E de falar de um modo confuso sobre as coisas e o mundo. Nunca ficamos sabendo se era bêbado ou louco. Ou ambos.

Certa ocasião, após uma defesa difícil, onde revivi os tempos do tricampeão Félix, Xantu não se conteve e emendou:

- Eu queria ter uma máquina de escrever pra fotografar este lance. Gargalhadas gerais. Por muitos dias, Xantu foi motivo de troça. E ele nem se importava. Continuava varrendo e sorrindo.

Hoje, em meio ao trânsito caótico da cidade, vi um gari fazendo seu serviço de varrição. Malandramente, como Xantu.

Mistérios do inconsciente. Sua figura me surgiu alta e clara, na mente. E sua frase célebre. Logo pensei: onde estará Xantu?

Será que já se aposentou do serviço ou da vida? Ou de ambos?

Talvez, lá da outra margem da vida, esteja me sorrindo. Com a generosidade simples de uma criança grande. Não sei. A vida me levou a outro bairro, outros planos de subsistência.

Desfaço o encanto. Acelero os passos e vou ao encontro de meus compromissos. Com Xantu no pensamento.

Ricardo Mainieri

Eterna Presença *

Ronaldo Magalhães

Dona Filó costumava sentar-se em sua cadeira de balanço todo final de tarde. E quase como um ritual, ela cumpria sua promessa com muita devoção desde os tempos que morava na roça, lugar onde vivia feliz com seu único e grande amor, “Seu” Juvenal, um lavrador que amava a natureza e tirava o seu sustento dos campos de algodão.

Lá na roça eles viviam muito bem com o pouco que tinham. Todo final de tarde eles sentavam-se na varanda para prostrar e ouvir o canto das juritis no descampado. Logo depois, ele ligava o rádio e ali ficavam juntinhos a ouvir as canções.

Porém, houve uma tarde que Dona Filó sentou-se em silêncio e lá permaneceu sozinha, pois “Seu” Juvenal foi convidado a semear algodão nas nuvens. Observou o horizonte pela janela da sala pra ver se o sol já havia baixado, pegou o radinho de pilhas – um presente do seu amado que ela cuidava com todo carinho – e sentou novamente na cadeira que ficava perto da porta em frente da amendoeira.

Ficou ali quietinha ouvindo lembranças e causos. Sentiu a solidão. Vez por outra, surgia vindo de longe um rebuliço. Vozes em polvorosa a contar histórias antigas do povo daquele lugar, mas Dona Filó não dava muita atenção, pois estava em oração.

Quando o sol já estava quase deitado, começou a sair dos buraquinhos da caixa do rádio a Ave-Maria. Dona Filó cantava junto e até os passarinhos faziam coro. Lá, bem lá longe dava pra ver um monte de menino brincando. Ela sorriu e agradeceu a Deus pela vida. Olhou contrita para o céu e conversou, mas era uma falação só no pensamento.

Ela ficou um tempinho parada olhando para as nuvens que via na sua oração. De repente, sentiu uma leve pontada na palma da mão e quando abriu os olhos percebeu que era uma semente de algodão. Ela respirou fundo e sorriu mais uma vez. Sabia que era seu amado que desceu dos céus para fazer-lhe companhia.

*Conto publicado na coletânea *O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada*, organizada pelo Sarau da Onça, Ed. Galinha Pulando, 2017.

Ronaldo Magalhães mora em Salvador-BA. Escritor, ator e roteirista. Tem experiência na área de Artes: direção teatral, interpretação, dramaturgia e cinema. Escreve poesias, artigos, ensaios, contos, roteiros para rádio, cinema e TV. Tem várias poesias e contos publicados. Escreve artigos e contos para o jornal Fuxico (UEFS).

Mezinha.

Conversava, há pouco, com um amigo ao telefone. A certa altura, perguntei se ele teria alguma dica que me ajudasse a dormir, pois tive insônia na noite anterior e queria garantir uma noite revigorante.

Ele respondeu que bastava ir de carona com a sogra ao supermercado.

Eu ri, mas insisti no pedido.

E ele teimou na resposta; e pediu que prestasse atenção.

Esta indicação, faço questão de compartilhar com você, amigo leitor, sobretudo nestes tempos de confinamento, em que rir é o melhor dos medicamentos.

Em um determinado sábado, sua sogra teve a ideia de ir visitá-lo pela manhã. Na realidade, o que ela pretendia era rever a filha e o neto, e pedir para que ele a levasse ao supermercado, quando, então, faria dele o seu carregador.

Antes de responder, meu amigo resolveu consultar sua esposa com um simples golpe de vista.

Mas como ela permanecia de braços cruzados, sobrancelhas levantadas, e com a cabeça levemente inclinada para frente, alternativa não teve senão a de aceitar o pedido, buscando encobrir o sorriso amarelo.

No entanto, como não digersse o terrível ônus de mão beijada, aproveitou a oportunidade para economizar combustível, justificando que teriam que ir com o carro dela, pois o seu estava mais sujo que um utilitário recém-saído de um rali.

Partiram logo depois do almoço. Ele foi no assento do carona, pois sua sogra jamais admitiria que dirigisse a sua preciosidade.

Só que sua sogra nunca foi uma condutora exemplar. Daí que toda vez que ela cometia uma barbearagem, além de ter que engolir as frases solidárias que vinham dos outros motoristas, ela ainda teve que aguentar os seus olhares que, vindos de esguelha e acompanhados de um levíssimo sorriso, incomodavam bem mais do que o linguajar alheio.

Por óbvio que a alegria se manteve durante as compras, pois sua sogra se esforçava para agir como se nada tivesse acontecido, e ele se desdobrava para não rir a cada vez que trocavam palavras.

O retorno não foi menos monótono que prazeroso.

Sua sogra se despediu em torno das dezenove horas. E se você acha que ela saiu muito tarde, bem mais tarde teria saído se tivesse ficado para o jantar!

Quando foi para a cama, ensaiou relatar para a esposa todas as imprudências, imperícias e violações que sua mãe tinha cometido, sobretudo as que foram registradas pelas câmeras do CET. No entanto, como sua esposa estava exausta, e morrendo de sono, o jeito foi deixar o relato para o dia seguinte.

Mas como o sono não vinha, resolveu refazer mentalmente a ida e a volta até o supermercado.

E a cada vez que se lembrava dos votos de felicidade que sua sogra recebia dos outros condutores, que calculava os pontos que acumularia na carteira de motorista, e que estimava o valor que teria que desembolsar para pagar as multas de trânsito, mais sorridente ficava, mais seu corpo relaxava, e mais sua alma se preparava para uma noite de belos sonhos.

Daí foi só virar de lado, e dormir o sono dos justos.

Depois de rirmos, eu agradei a sugestão, mas dela declinei, pois além de gostar muito da minha sogra, era obrigado a confessar que ela dirigia muito melhor do que eu. O jeito seria apelar para os barbitúricos, caso a insônia retornasse.

Aconselhou, então, que usasse esses venenos só em último caso, pois sempre ouviu dizer que diminuía o tempo de vida.

Sendo assim, ouse abusar da sua paciência, leitor amigo, e peça uma indicação. Por acaso você sabe de alguma mezinha que me ajude a dormir?

Dias Campos

Era uma vez em um Call Center

No princípio dos tempos não havia nada, somente as trevas e a rainha Elizabeth II, é claro. Deus então disse:

_ Liga a luz aê, caralho!

_ O senhor precisa de uma religação, é isso?

_ Eu preciso de luz agora mesmo. – Disse Deus, puto, por estar perdendo sua novela favorita.

_ Mas o senhor não pagou suas contas de energia. Não posso religa-lo até quitar todo o valor.

_ Que contas? Eu sou Deus. Preciso de luz para criar o universo. Como vou criar alguma coisa no escuro?

_ Senhor, só estou seguindo os procedimentos. Precisa pagar as contas primeiro para depois ter a religação.

_ Olha moça, já estou perdendo a paciência contigo. Você não me ouviu? Sou o Deus todo poderoso, porra! O Jeová. O fodão que manda em tudo. O macaco da bola azul do céu e da terra.

_ Primeiramente, vou pedir para o senhor baixar o tom de voz. E quem não entendeu foi o senhor. Não posso te religar até pagar toda a dívida.

_ Mas você é muito da folgada. Me passa para o seu encarregado agora mesmo!

_ Como quiser, senhor.

_ Supervisor falando.

_ Oi, o negócio é o seguinte. Estou tentando explicar para sua atendente que preciso de luz para criar o universo.

_ O senhor foi informado sobre as contas em atraso?

_ Que contas, meu filho? Eu sou Deus! D-E-U-S! Deus não paga contas!

_ O senhor é Deus? Por que não disse antes?

_ Graças a mim! Pode me ajudar agora?

_ Claro! Só um minuto.. meu sistema está informando uma oferta especial para o senhor Deus. Oferecemos negociar toda a dívida em 12x, sem juros, com...

Tu... Tu... Tu...

Deus desligou. Decidiu esperar mais 1 bilhão de anos até o big bang acontecer.

Meu nome é David Bryan, tenho 24 anos e sou aspirante a escritor. Conheci a proposta da Revista D-Arte por meio do facebook. Primeiramente, quero parabenizá-los pela iniciativa e pelo ótimo trabalho que vem sendo realizado. Também, quero aproveitar para mostrar meus textos. Estou encaminhando em anexo algumas crônicas de minha autoria para compor a próxima edição.

Desde já agradeço a oportunidade de expor meu trabalho.

AUTOBIOGRAFIA

Quem eu sou?

Pergunta que não sei bem dizer

Sou uma poeta a florescer
regida pelo amor.

Quem eu sou?

Pode-se responder pelo que falam de
mim...

Mas talvez eu não me veja assim.

Sou alegria e dor.

Quem eu sou?

Poderia estender numa longa biografia
Que fiz isso ou aquilo, mas faço poesia
como um artista pinta a tela
com aquarela da vida
escolhendo paz ao invés da guerra.

Quem eu sou?

Ao passar pelo tempo

vou aprendendo o meu significado

só tenho um pensamento:

aprendi a me dar valor!

Sou Gedeane Costa, natural do Recife,
professora, artista plástica, pianista e poetisa.

Crônica - Só acreditamos na morte porque ela acontece

De outra forma viveríamos como imortais. Temos em nós esta convicção oculta de que somos eternos. Saímos de casa pela manhã certos de que voltaremos para casa à noite. Os carros vão parar em todos os semáforos, nenhum prédio vai desabar e nenhuma bala perdida vai nos atingir. Pode até acontecer com o outro, em algum outro país, em outra cidade, do outro lado da rua, mas comigo? Jamais! Fazemos planos para o fim de semana, o ano vindouro, as férias em família quando o filho entrar pra faculdade, pra velhice. A vida dura muito, a vida não acaba.

Esse sentimento de otimismo perante a extensão da vida é fundamental para nossa saúde e bem-estar. Viveríamos aterrorizados se a premonição do fim estivesse sempre em nossas mentes. No entanto, a perspectiva da eternidade precisou dar espaço à atual realidade do mundo.

Fomos golpeados com a veridicidade de que morrer é exatamente como viver, um instante. A morte invadiu nossos trabalhos, lazeres, casas. Arrombou as portas, espremeu-se entre frestas, subiu o morro, elevou-se ao Congresso, ao Senado, à casa da Maria e do João. Sufocou todo mundo num quarto. A morte anunciou-se em alto e bom som, com todas as suas cores. As cores do nada.

E os números sobem. A quem diga - esses incuravelmente otimistas - que tudo está bem. Penso que eles ainda acreditam que a morte nunca vai lhes achar a porta. Não censuro quem tem esperança. Ai de nós se ela fora perdida. Denuncio a ignorância, a imprudência, a teimosia partidária que não vê porque não quer e vendo prefere negar. Tem mais medo da verdade quem se afiliou com a mentira.

Mas até a morte tem um ponto fraco. E ela está vindo aos poucos e mal distribuída. Nessa hora acho que a morte se assombrou ao se deparar com quem fingiu injetar e quem injetou ar. Nem ela seria assim tão covarde. A morte não mente, não dissimula, somos nós que nos iludimos. É por tanto negá-la que só acreditamos quando ela acontece. Quando a respiração cessa, os olhos se cerram e a tampa se fecha. Haverá tanta terra? Tanto pó pra recolher o pó? Sei que haverá quem regue, mesmo no sertão não haverá escassez. A água salgada verte de quem fica de pé.

Bia Caetano

@letrasdeumahistoria

Bia Caetano acredita que escrever não é uma ação, mas uma reação do corpo e da alma, tem poemas publicados em antologias e revistas literárias. Graduada em Letras e pós-graduanda em Revisão Textual, está apenas no começo de uma incrível jornada.



Tuas histórias em paredes, quadros

Museus, teatros e quadros

Tuas histórias preservadas

Retratadas no palpável...

Teus casarões, vielas,

a lírica poética de teu povo

Histórias de tuas nações

Fundações assentadas

Tuas histórias guarda para sim

E reveladas por aqueles que as guardam

No templo das memórias

Por Izani Gonçalves

(Fotografias do Teatro Arthur Azevedo – 2021)



Nanobiografia

Izani Gonçalves dos Santos é microempreendedora, mulher da periferia ludovicense, escritora, poetisa, participante de diversas antologias, pesquisadora do Instituto Maranhense de Estudo Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC) atuando nas temáticas de enfrentamento a violência de gênero, transformações sociais e reprodução dos espaços urbanos. Geógrafa e mestranda pela Universidade Federal do Maranhão, idealizadora da pesquisa MULHERES NA LITERATURA – 2021. Especialista em docência em geografia e práticas pedagógicas; engenharia ambiental e geoprocessamento.



MEMÓRIAS DUMA BAOBÁ

por Carlos Canarin

(2020)

Há uma atriz em cena. A atriz é um baobá. O baobá se compõe na corpa dessa atriz. Ela está em silêncio. Ela permanece em silêncio enquanto nós nos achegamos. Ela sorri, talvez como um cumprimento. Ela termina de realizar os preparativos para a cena na frente do público. Ela nos aguarda.

ATRIZ-BAOBÁ: cês podem ir se achegando que daqui a pouco a gente começa, tá?eu só quero pedir que, assim que vocês se acomodarem, que vocês sejam bem sem-vergonha! que vocês se sintam ainda mais, em casa.se tiver um cafézinho, um biscoitinho aí por perto, pega e traz pra gente conversar.se não tiver algo meio pronto, tudo bem. A gente faz-de-conta, tá certo?ah, e se alguém quiser cantar uma música, fazer uma dança, contar alguma coisa,tudo isso pode! tá tudo liberado!

que bom ter vocês aqui.

VOZ EM OFF:

A minha memória é sobre a minha vó.

Toda vez que eu penso na minha vó me vem o rostinho dela,
perdi a minha vó há quase dez anos já...

Ela era mais uma mãe para mim.

Então toda vez que eu lembro dela eu me emociono...

É engraçado porque eu lembro do cheiro do cabelo dela,
do cheiro da pele dela, eu lembro do cheiro do colo dela.

E lembro das musiquinhas que ela cantava pra mim quando eu era pequena.

E depois que eu cresci, que tive filhos,

as mesmas musiquinhas que ela cantava para mim, ela cantava pros meus filhos.

A música quase não tinha letra,

era mais um resmungado com uma melodia doce da voz dela.

Então essa é a minha memória: minha vó, Dona Edite.

Me faz muita falta.

A atriz-baobá transforma-se numa Senhora. A Senhora também é Terra, dona de seu terreno. A Senhora-Terra colhe, tece histórias e memórias onde presente, passado e futuro misturam-se, bem como as mixagens espiralares ocorrem entre sonho e a realidade.

ATRIZ-BAOBÁ:

ué, ainda não botaram o café pra passar?

vocês me perdoe, a gente dessa casa às vezes é bem da mal-educada.

mas costumam ser uns doce que só eles.

onde já se viu? trazem visita e não oferecem nada, malemal um copo d'água.

vou te contar, pera que vou ali colocar, tá?

vocês tão a muito tempo esperando?

coisa que eu não gosto é esperar, por isso não saio tanto.

gente é uma coisa enrolada né?

me faz perder a paciência, aí me irrita e você já viu.

cês sabe que hoje eu tava me olhando no espelho, fazendo umas caras e bocas,

e me lembrei da minha mãe. achei que eu era ela.

nossa, até tomei um susto, pense só, era ela ali na outra face.

ela inteirinha, não tinha o que tirar nem o que por.

que coisa mais doida. cês já passaram por isso?

tô falando só pra quem tem mais idade assim como eu.

os mais novos eu só digo uma coisa: a hora docês há de chegar!

escutem o que eu digo. não, porquê hoje tá tudo liberado né?

mas a gente tem é que escutar mais. abrir os ouvidos.

A Senhora-Terra põe a água para esquentar e separa o pó de café enquanto conversa conosco.

SENHORA-TERRA:

sabe que tem uma história, lá da festa de Santo Antônio...

não, de São Benedito, isso.

tava lá toda mulherada andando na rua,

com os vestidos, as saias rodadas, a mulherada toda na...

como que chama aquilo?

na procissão, isso,

a mulherada toda dançando e os homi tocando atrás, né?!

aquele **TON-TON-TOIN-TOIN-TOIN-TON-TOIN-TOIN**

e a mulherada toda dançando, rodando os vestidos,

de repente não é que desce um home cantando a música,

e ele gritava

“QUANDO EU VIM DA BAHIA, ME ENCONTREI COM TIBÚRCIO, Ê TÁ, Ê TÁ”.

a mulherada tudo correndo, tudo saindo de perto do home.

ele tava falando do tibúrcio,

mas a gente não entendia o que ele tava falando.

DE TOIN TOIN DE TON TON TOIN-TOIN.

A Senhora-Terra serve um café: pois os pãezinhos na mesa, a manteiga, o melado, o café. Ela prepara a mesa enquanto fala.

SENHORA-TERRA:

esse negócio de um fio só...

povo diz né, que ia ter a festa no céu,

aí a mãe tava doente, doente, doente, aí ela falou:

vai lá e avisa a minha fia Formiga que, que eu tô ruim,

que é pra ela me mandar um remédio que eu tô ruim aqui.

aí foram lá e avisaram a Formiga,

a Formiga falou: minha fia fala pra mãe que eu não posso ir,

que eu to aqui arrumando as coisa pra festa,

construindo aqui as coisa que tem que ser construída, não vô poder ir lá não.

aí voltaram e avisaram a mãe,

a mãe falou: ôh meu deus.

então vai lá e avisa a Cigarra que eu tô muito doente,

que é pra ela mandar um remédio pra mim.

áí foram lá e avisaram a Cigarra né,

chegaram lá e ela tava lá cantando, cantando, se preparando,

preparando a voz pra poder cantar. áí a Cigarra falou:

ó avise a mãe que eu não vou poder ir não,

que eu tô aqui ensaiando pra festa no Céu, tô aqui cantando com o pessoal,

não vou poder ir lá não ajudar a mãe.

voltaram, avisaram a Mãe, a Mãe falou: minha nossa senhora,

então vai lá fia, avise minha outra filha Abelha,

fale pra Abelha que eu tô ruim aqui,

que eu precisava de um remédio e que eu preciso que ela me mande um remédio.

foram lá, a Abelha tava preparando as comidas e os doces pra festa,

a Abelha parou na hora, foi lá, preparou um xarope com mel e mandou pra mãe.

ói, é por isso que até hoje, pode ver,

a Formiga tudo que ela constrói alguém vai lá e pisa, né.

a Cigarra vai lá e canta canta canta até pocar as costa,

morre, morre depois de cantar.

a Abelha, de que ajudou a Mãe, tudo que ela toca, pode ver, floresce.

onde ela toca a flor, ela sai espalhando as sementes.

e o mel é um remédio pra tudo.

áí é que tá minha fia, quem tem dez filho, tem um.

quem tem um, não tem nenhum.

é o que eu te digo.

VOZ EM OFF:

eu perdi minha mãe faz oito anos, perdi meu filho faz seis.

quando eu era adolescente a minha mãe reunia sempre a família,

a minha mãe sempre gostou de uma família reunida,

de gente né? e eu me lembro bem que nós nos reuníamos,

e a minha mãe gostava de cantar, e as vezes a gente desafinava

e ela batia as unhas, fazia a gente parar, e ela cantava:

“de noite eu ando a cidade a me procurar sem te encontrar”

e ela cantava muito bem, e eu fiquei me lembrando também,

de quando eu era bem pequena, devia ter uns cinco, seis anos,

ela levantava muito cedo pra ir trabalhar, tava escuro ainda,

e ela me acordava e eu ficava deitada na cama enrolada nas cobertas,

e ela colocando casaco, me lembro bem, ela tomava tabuada de mim.

3 vezes 7? 5 vezes 3? E foi assim que eu aprendi a tabuada.

E nesse decorrer de lembrança, me lembrei do meu filho.

Eu trabalhava muito. Sabe que mulher preta tem que trabalhar muito sempre né?

Eu trabalhava muito muito muito,

e aos sábados eu pedia pro meu filho me passar as tarefas dele né,

o que ele fez na escola e tal,

e eu pedia pra ele ler porque eu já não aguentava mais de sono,

e eu meio que dormindo, eu dizia pra ele ler pra mim, e ele lia,

de vez em quando eu acordava assustada: como é que é? não entendi!

eu no quarto e ele na sala, e ele achando que eu tava prestando atenção,

e assim meu filho me fez aprender,

minha mãe me fez aprender,

e isso aquece o coração da gente né? alivia, conforta.

a gente que é mulher preta, a gente tem luta né?

Ela coloca alguns biscoitos na boca, toma outros goles de seu café e lembra do gosto de uma fruta de sua infância.

Ela encontra uma mala e traz até a mesa. A mala guarda roupas, documentos, memórias.

SENHORA-TERRA:

ah, nem contei procês:

eu desde pequena queria por que queria ir pra São Paulo,

aí a Luizinha de Queiroz tinha vindo pra São Paulo,

e aí quando ela voltava, ela voltava usando uns conjuntos que na época a gente usava, assim combinando sabe? uma blusa combinando com a saia... tudo com as pernas cinzas cinzas, ela com uma meia calça que brilhava assim, pensa: na roça andando de meia calça e sapatinho de salto? mas a gente que era tudo abobada na roça né, olhava e pensava: “aí quero ir pra São Paulo, quero ir pra São Paulo”. aí peguei e falei pra mamãe: mamãe, eu quando fizer dezoito anos, eu vou-me embora pra São Paulo conseguir uma vida melhor. mamãe não acreditava, naquela época a gente quase não conversava também né. aí eu tinha um bode lá, que eu tinha ganhado de papai, e falei “eu vou pra São Paulo mainha”. peguei, vendi o bode, comprei um monte de roupa nova, que na época a gente tinha que ir na cidade comprar essas roupas, que eu não ia chegar em São Paulo com esse fiapo de roupa, comprei as passagens de trem e entrei no trem e vim embora. aí... peraí que eu já termino.

Ela desliga o fogão e traz mais água para seu café. A cozinha de sua casa transforma-se num vagão de trem.

SENHORA-TERRA:

quando Luizinha entrou no trem, ela tinha um namoradinho lá que a gente não sabia que ele tava indo pra São Paulo também. tava tudo armado e a gente não sabia, né. aí ela não queria ficar naquele lugar que nós tava, não queria não queria. então tá, vamos passar pro outro vagão.

peguei minha mala com as minhas coisas e olha menina,
dentro da mala eu tinha colocado o tanto que sobrou do dinheiro do bode
dentro de um catecismo que mamãe me deu.
no que eu fui passar pro outro vagão,
olha se não é coisa menina,
a mala caiu da minha mão no trilho do trem.
eu perdi tudo o que eu tinha comprado, as coisas novas, as coisas tudo.
a única coisa que me sobrou foi aquele catecismo com o dinheiro dentro.
veja se não é coisa. e eu falava pra mamãe:
“eu vou pra São Paulo nem que seja pra morrer no caminho!”.
não é coisa que a gente fala e que tem sentido?
eu não morri, mas cheguei em São Paulo sem nada de roupa,
sem uma peça, sem uma calcinha. o que me sobrou foi, graças a deus,
aquele catecismo com o dinheiro no meio.
olha, a gente tem que tomar cuidado com as coisas que fala.
porquê eu não morri, mas cheguei sem nada.

A atriz-baobá desce do trem e chega à cidade grande. Ela caminha pelas ruas da cidade sem sair do lugar. Ela sorri, exibe seus dentes, mostra seus vários documentos. Ninguém está interessado, ninguém quer contratá-la. Notícias de jornal são projetadas e ouvidas. Vozes sobrepostas. Ela repete esse processo repetidas vezes, aumentando a velocidade a cada início. Até que ela para. Suspensão.

SENHORA-TERRA:

“eu vou pra São Paulo nem que seja pra morrer no caminho!”
é tanta coisa forte que a gente diz, né? cê não acha?
mas como diz a dona Conceição,
a gente combinamos de não morrer.
eu gosto muito da dona Conceição. cês conhecem?
e essa fala é tão poderosa..
“eles podem ter combinado de nos matar,

mas a gente combinou de não morrer”.

e combinamos se espalhar. e se multiplicar. e sair por aí nesse mundão a fora.

falando, ocupando, brigando, conquistando, fazendo.

é tanta coisa poderosa que a gente diz, né?

cês não acham?

olha, cê cuide que palavra não é brincadeira não viu.

cuida, cuida bastante.

tem que escolher as palavras a dedo, com cuidado.

as nossas palavras são antigas, elas evocam e elas são ancestralidade.

cês sabem do que eu tô falando?

A atriz-baobá planta ela mesma, a terra.

A terra se descobre terra. Terra-mãe, terra-mulher, terra-gente.

A atriz-baobá funde-se com a terra, seu corpo vira planta.

A terra coroa-se Rainha da Vida e da Morte.

A terra em felicidade, em gozo.

A terra planta uma boneca: ela mesma. Seu cabelo, seu vestido, seus sapatos.

A terra rega sua semente e a si mesma.

Carinho de terra.

Dorme, terra.

Descansa, Mãe.

A volta do pescador

Sérgio Ricardo Fonseca

Rio de Janeiro /RJ

O pescador quando volta do mar com seu barco cheio de peixes, não traz só o que vai lhe alimentar nos próximos dias.

O pescador quando volta do mar, pisa na areia de sua praia e se sente em seu porto seguro.

Traz em seu peito a saudade de sua companheira, a vontade de pegar seu filho no colo e o fazer dormir.

Tem em seu peito a sensação do dever cumprido.

Tem vontade de sentar à mesa e contar suas histórias de pescador. Quer dormir em sua rede, quer estar em seu lar.

Ele quer fazer uma fogueira na beira da praia, reunir seus amigos e festar até o sol raiar.

Em seus momentos de plena felicidade, quer afastar de sua mente pensamentos negativos de uma pesca minguada. Quer afastar de seus pensamentos qualquer coisa que não o traga a felicidade que sente quando pisa na areia de volta pra casa.

Olha pro céu e pede a benção de Deus.

Olha pro mar e pede a proteção de Iemanjá.

É hora de retornar pro seu ofício.

O pescador quando vai pro mar, parte com seu coração cheio de esperança: não só da boa pesca, mas de retornar e com sua família e amigos festar!

Instagram: [sergioricardo.fonseca](https://www.instagram.com/sergioricardo.fonseca)

Trem do Sertão
Sérgio Ricardo Fonseca
Rio de Janeiro/RJ

Se estou dentro deste trem
É porque tenho que seguir
Mesmo que eu quisesse,
Não posso desistir

O destino me chamou
Não posso recusar
Pois sei que minha vida
Ao chegar lá irá mudar

Assim reto como os trilhos
Vou seguir o meu caminho
Agindo sempre como um bom filho
Não deixarei meus pais sozinhos

Do Sertão eu me despeço
Sei que um dia vou voltar

Vou trabalhar pra mais de horas
Juntar dinheiro de montão
Tenho fé que vou ter volta
Pode ser noutro vagão

Assim que retornar
Pai e mãe vou abraçar
Garanti nosso futuro
Pra do resto descansar

Tempo ruim não haverá
Pois assim que eu retornar
A dinheirama vai chegar
A gente vai se abraçar
E a felicidade vai reinar.

Instagram: [sergioricardo.fonseca](https://www.instagram.com/sergioricardo.fonseca)

Invocação

Ronaldo Magalhães

Vem a mim estrela tranquila
E aquece meu coração.
Com tua cândida luz abrilhanta-me.
Ilumina meus olhos e me faz levitar.
Oh luzes delicadas que prateiam na imensidão!
Guia meu doce sentimento na direção
Onde os ventos são calmos e ternos.
Esparge em meu corpo teus suaves perfumes,
Tão singela petúnia!
Para que ele possa, de bom grado,
Esperar pacientemente pelo devir.
Oh noite! Vem ao meu auxílio
Traz consigo um véu de sono e sonho
E que o seu esposo, o dia,
Me abrace com ternura.

Recorrências ou O eterno retorno

Ronaldo Magalhães

Um copo vazio sobre a mesa.

Calmaria.

Silêncio.

Ao longe um pio perdido de uma coruja anuncia a chegada da madrugada.

Já é tarde e só consigo agir para dentro.

Mais silêncio.

Tão longo que chega a ensurdecer.

Eis que surge um uivar suave e delicado que sorrateiramente invade a minha janela.

Continuo ali imóvel.

Há a minha frente apenas vestígios do que fora uma refeição. Murmúrios alucinados pululam de dentro do pequeno bolso da minha jaqueta.

O movimento interior contrasta com a minha inútil imobilidade.

E impulsionado por ele mobilizo todas as minhas forças na tentativa de transbordar o meu cálice.

O que antes era vazio, passou a não bastar em si.

Sem nenhuma piedade engulo gota por gota.

Um copo vazio.

Calmaria.

Silêncio.

Ao longe um pio perdido de uma coruja anuncia a chegada da madrugada.

Já é tarde e só consigo agir para dentro.

Mais silêncio...

Porto da imaginação

Às vezes eu tenho imensa vontade de mudar...

E mudo sem apegos.
Quando percebo, fico mudo ao mudar
Sem perceber que mesmo mudando,
Estarei sempre no mesmo lugar.
Vou embora pra Pasárgada.
Preguei esse aviso na porta de casa.
Porque aqui no Brasil tá osso!
Mas, em Pasárgada existe um rei!
Pensei em passar uns dias em Shangrilá,
Pois viver na América não é nenhum sonho.
E assim eu comecei um novo périplo
Em busca de novos mundos.
Nesse intervalo, anoro nas plagas de
Dom Ignácio de Loyola Brandão
E lá vejo que Não verás país nenhum.
Mudo de contexto e fixo residência.
Não uma apenas, mas muitas moradas.
Em meio aos moinhos de vento do
Majestoso cavalheiro sonhador
Luto sem temor.
Eia, cavaleiro da triste figura!
Que esplendorosa jornada!
Na ficção, eu consigo mudar e
Sentir a segurança de que pertença e sou pertencido.
Seja Borges, Shakespeare, Bandeira, Calvino,
Balzac, Sthendal, Dumas, Woolf, Pessoa,
Quintana, Manoel de Barros, Cervantes,
Dante, Goethe, Machado de Assis e tantos outros.
Seja na minha fictícia cidade sitiada e
Dentro das páginas por vezes amareladas,
Há um porto seguro que me transporta, se reporta e
Abre as portas infinitas da minha imaginação.

BEIJA-FLOR

Asas tão brilhantes,
voa, voa colibri.
Vai, corre ao vento
a buscar seu alimento.

Extraí o néctar das flores
enrolando sua língua,
em formato de canudo,
vai ligeiro e bem astuto.

Helicóptero inventado
em seu movimento inspirado.
É o único passarinho
que marcha à ré, volta pro ninho.

Velocidade deslumbrante
dá rasante, assusta à toa.
Briga muito com os amigos,
sobe e desce rapidinho.

Pássaro cintilante,
em tupi é *guainumbi*.
Encantado, junto à flor,
mainumbi, em guarani.

Com sua luz resplandecente
voa de cabeça para baixo.
Coração grande facilita
no ar ficar parado.

Bate forte suas asas
pequenino a voar.
Vai levar ao meu amor
doce luz em resplendor.



Quarentena no litoral

Desperta-me a vida, alimenta o meu corpo
Invade o quintal e aquece-me tão bem
Um lindo coqueiro repleto de cocos
Centenas de insetos e flores também.

E o vento balança, que coisa mais linda
Uma chuva de flores a acontecer
Borboletas desfilam nessa berlinda
Formiguinhas apressadas até a correr.

Ao fundo a serra com uma mata densa
Unindo- se ao céu, onde eu posso ver
Predadores alados cheios de vida
Que morrem e matam para sobreviver.

E o astro principal, que regeu o dia
Atrás dessa serra esconde-se tão bem
E a o procurar, surge sua rainha
Todo dia escoltada de estrelas vem.

Nesse segundo ato, eu muito cansado
Tento e não consigo acordado ficar
Recolho-me, banho-me, fico deitado
Venha fresta de luz no meu quarto entrar.

(Durão)

FICHA COMPLEMENTAR

DADOS PESSOAIS

NOME: Valmir Alves Silva

ENDEREÇO: Rua Alexandre Barbosa dos Santos, 110, Jd. Casa Branca, Caraguatatuba, S/P, Brasil

CPF: 08547677895 RG: 18732392-6 TEL: (12)988016313

EMAIL: valmir3463@gmail.com

CODINOME: Durão

TÍTULO DO POEMA: Quarentena no Litoral

RELEASE

Valmir Alves Silva, mais conhecido como Durão (Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1966), escritor brasileiro. Escreveu seu primeiro poema aos 53 anos. Filho de Lair de Oliveira Silva (Lalá) e Ila Maria Alves Silva, mudou-se em 1974 para a cidade de Jacaréi S/P, onde residiu até meados de 2015 quando mudou-se para a cidade de Caraguatatuba S/P e por lá reside até o momento.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#16



dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina